

@verdade

RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela **KPMG**

www.verdade.co.mz

V @
twitter.com/verdademz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 22 de Março de 2013 • Venda Proibida • Edição N° 228 • Ano 5 • Fundador: Erik Charas

Desporto PÁGINA 24



A tradição virou desporto



Cruel LAM

Sociedade PÁGINA 04-05



**Sobrevivência
arrancada a
ferro e fogo**

Destaque PÁGINA 16-17



**O
“Tempo e Espaço”
de
Panaibra**

Plateia PÁGINA 26

VOCÊ pode ajudar! Onde
quer que esteja seja um

Tudo o que vir fora do normal

Reporte por

uma mensagem de SMS para **821111**

através de um e-mail para **averdademz@gmail.com**

via mensagem BlackBerry pin **288687CB**

enviando um twit para **@verdademz**



**Denuncie
quando vir
problemas
na sua rua,
bairro ou
cidade!**



ex. estou a tentar
recensear-me mas
aqui em Metangula
a escola primária X
as máquinas não
estão a funcionar.

**goste de nós no
facebook.com/
JornalVerdade**

Chamo-me Omar Reporto:

inscrições para as vagas
no STAE em Chibuto
estão a ser feitas na sede
do partido Frelimo, já há
pessoas escolhidas a dedo
para trabalhar durante o
recenseamento.

 **Gabriel Panganhe Samson** a f... e k faz a f... e k fez. a mim n me admira to cansado assistir isso.e o pais deles.há 4 horas

 **Octávio Adriano
Munamalaro** Infelizmente
Moçambique está
"FRELIMIZADO"... há 4 horas · Gosto · 1

 **Jossefa Cumaio** Omar vc ate
parece estrageiro pha?
Wecap man now. Abras e
boa sorte. há 4 horas

 **Jeremias Nhamue** O k tavam
a espera? Dpois dizem os
outros estao mal
enquadrados na politica. há 4 horas

 **Tomás Queface** O Gabriel
está com medo de escrever
Frelimo temendo represálias.
há 4 horas · Gosto · 1

 **Gérico Leite** its thinks of
mozambican life. há 4 horas

 **Onelio da Mena** Hum! Que
Mau! há 4 horas

 **Vasco Manhiça** The same old
story! há 4 horas

 **Alcidio Bombi** Democracia
de faz de contas tem dessas,
infelizmente. há 4 horas

 **Wilson Assumane** Isso é dor
dente, dor de unha e dor do
ouvido ao mesmo tempo.
Nos ta fika pirado há 4 horas

 **Adolfo Gomes** Ném vale
apena, as vagas era para os
filhos ds xefs. há 4 horas

 **Lopes Muianga** To farto d
mandar fdp p exa merda d
frlim.., to farto mesm. Vamx
votar MDM p ver si akabmx cm exa
EPIDEMIA há 4 horas · Gosto · 1

 **Lopes Muianga** A kem da
gosto. MERDA há 4 horas

 **Reginaldo Damasco Quive
Mulamula** Alguem poe uma
bomba na sede desses
desgracados roubam-nos, manipulam-nos...
chega pah e ainda ha quem vote
neles... há 4 horas

 **Isaias Goncalves da Silva**
Somos Nos!!!!!! há 4 horas ·
Gosto · 1

 **Daniel Enavit** a roubalheira ja
iniciou e vai bombar em gaza
o bastao da F..... há 4 horas

 **Reginaldo Damasco Quive
Mulamula** Quando vierem as
eleicoes lembrem-se de nao
votar NELES!! há 4 horas · Gosto · 1

 **Hilario Simango Simango**
isso a jenti ja esperava, tdo
frelimo frelim e hora da
jenti decidir vamos mandar a merda
essi partido de ladros corruptos há 4
horas · Gosto · 2

 **Dderrcciliö D'DiOiiönn** É
impossivel parar o sistema!!!
há 4 horas · Gosto · 1

 **Francisco Cossa** Se chegar o
tempo das campanha vao-
nos babar k nem uma kid. Eu
nem xtarei nessa. há 3 horas

Editorial
averdademz@gmail.comNão confiamos
nestes gajos

No direito a liberdade é regra e foi com base nessa perspectiva que os assassinos de Carlos Cardoso, alguns, viram abertas as portas da cadeia e gozam, agora, de liberdade condicional que é reprovada pela opinião pública. O depoimento de Carlitos, ao Savana da semana passada, revela que o seu comportamento na cadeia não foi exemplar. Contudo, foi libertado por "bom comportamento". Vicente Ramaia e Ayob Satar também foram libertados pelos mesmos motivos.

Ao longo do cumprimento da pena destes indivíduos a Imprensa reportou várias situações de mau comportamento. Foram descobertos telefones e quejandos. Ou seja, situações mais do que suficientes para se elaborar um manual de procedimentos reprováveis para iniciantes no mundo do crime. Jornalistas receberam telefonemas oriundos da cadeia e falaram com estes detidos. Há páginas no facebook e números de operadoras portuguesas na jogada que foram usados até à exaustão enquanto os mesmos estiveram atrás das grades.

Não há, portanto, espaço para apregoar, sem ser acossado pela vergonha, que foram meninos bem comportados. Contudo, não há registo desses episódios de mau comportamento no sistema prisional. Esse é o grande calcanhar de Aquiles e o factor que desencadeou a liberdade de que quem não merecia, de forma alguma, gozar da vida em sociedade.

O país não conta com um tribunal de execução de penas. O juiz é quem detém o poder de decidir se este ou aquele arguido merece a liberdade condicional. Aqui, no nosso entender, reside o perigo para a sociedade. Ou seja, um sistema prisional obsoleto e fraco não é capaz de criar processos que gerem, depois, uma base de dados para o juiz decidir com justiça. Fica tudo ao sal do seu próprio arbítrio e isso é um perigo para um país que deve confiar no sistema de justiça.

Esta fraqueza do sistema de justiça propicia, também, uma série de lacunas. Por um lado, um indivíduo com posses pode facilmente subornar qualquer agente prisional que tenha de controlar o cumprimento da sua pena. Por outro, pode abrigar a vingança e a congecação de esquemas no esgotado da sacanice. A intervenção do homem é plena e incontrolável. Como o dissemos, depende do sal do seu próprio arbítrio e, quando assim é e diante dos últimos acontecimentos, só podemos crer que certas solturas foram propiciadas por essas lacunas.

É preciso diminuir o poder dos agentes prisionais e as possibilidades que o dinheiro tem de fazer e desfazer num sistema que precisa de credibilidade. O relatório que chega ao juiz não pode reflectir a verdade. E isso é grave. É contra isso que devemos erguer o punho e reclamar. Em algum ponto uma mentira foi contada e uma liberdade foi concedida.

Esperamos que a mesma tenha sido construída nas masmorras da BO e por um simples agente prisional. Temos de continuar a acreditar nos juízes ou estamos tramados.

Ainda assim, nós, enquanto povo, não confiamos nestes gajos que vocês libertaram. Fiquem a saber...

Boqueirão da Verdade



"Estas eleições prometem, a julgarmos pelos debates aqui o braço de ferro será entre o MDM e a FRELIMO. Da RENAMO nem se fala mas o partidinho do Daviz Simango vai nelas com a astúcia de um grande. Que venha o 20 de Novembro, eu por enquanto só quero o meu cartão de eleitor" Jerry Revelador Fonseca

"Será que os moçambicanos conhecem o MDM para o futuro deste depender daqueles? Com que percentagem? O futuro do MDM está nas mãos da Renamo. (...) Eu tenho a certeza absoluta de que mesmo dessa vez o MDM não vai conseguir reunir assinaturas requeridas em determinados espaços", Eusébio Gwembe

"Se devo perceber um edil é teleguiado pelo comité local do partido Frelimo? Mais uma vez o que aconteceu em Quelimane, Cuamba e Pemba e ia acontecer em Manhiça? Sabendo que a bancada maioritária da Assembleia Municipal da Matola é da mesma Frelimo, porque o Comité da Cidade não usou os respectivos membros para censurar o Edil?", António Kawaria

"Existimos para governar porque o povo não pode continuar a ser mal governado como tem sido até aqui. O povo está cansado e o MDM é o instrumento de mudança que o povo deseja nas suas vidas. Não podemos a assistir que o Estado continue partidizado e os recursos nacionais beneficiem um grupo de pessoas que se acham no direito de ficar ricas à custa do sofrimento e suor do povo", Daviz Simango

"Nas condições em que está constituída a CNE e o STAE seria um suicídio e rendição à causa da democracia por parte da Renamo aceitar a realização de eleições. Em função disso a Renamo vai fazer tudo o que estiver ao seu alcance, com o apoio do povo, e sem recurso à guerra de modo que o recenseamento, as eleições autárquicas, assim como as eleições gerais não sejam realizadas antes do consenso sobre a arbitragem e controlo dos processos eleitorais", Renamo

"Não se pode falar de Democracia quando os processos eleitorais que produzem os governos não são de pertença e controlo de apenas um partido - a Frelimo", Idem

"Mas, na verdade, nós não precisamos de relatórios da UNDP para sabermos que a situação em casa está mal. Temos de investir na educação e na saúde e temos de desenvolver a nossa economia para pararmos de depender de ajuda externa", Nuria Negrão

"Assassino confesso do jornalista Carlos Car-

doso faz Manchete no jornal cujo final foi um dos criadores. Na longa matéria, o assassino chega a ser questionado sobre o estágio do jornalismo moçambicano pós-Cardoso e diz que "não mudou muito". Eu estou a tentar digerir isto. Eu sou produto daquela casa (Savana) e nunca pensei que se pudesse chegar a tanto", Luís Nhachote

"Os factos falam por si. Não é demagogia nem o apego a defesa do indefensável que vão parar a história deste povo. Quando chegar a altura de mandar para o lixo da história aqueles que tomaram o poder para se servirem dele em regime de exclusividade", Noé Nhantumbo

"Temos uma situação de causa-efeito que arrasta todo um país e a sociedade para o abismo político e social. As inconsequências e desaires na esfera económica reflectem as opções políticas dos detentores do poder. Controla-se e domina-se o sistema judicial, a administração militar e policial e assim garante-se que não haverá veredito desfavorável na altura de surgirem contestações relacionadas com os resultados eleitorais", Idem

"Aquela combinação operacional entre o governo e a maioria parlamentar serve interesses específicos. Deputados esgrimindo os seus mais altos dotes de retórica consomem tempo crucial elogiando governantes com sucessos suspeitos. É um serviço pago a peso de ouro. "Navaras e Rangers" e salários a troco do carimbo parlamentar faz tudo parte de um jogo que é pago pelos moçambicanos.", Ibidem

"Jorge Arroz já está empregado? Com 1200 médicos para 22 milhões de pessoas deve ter emprego em todos os hospitais ou clínicas ou postos de saúde em qualquer lugar do país. Aliás, expulsaram os estagiários, por isso haverá ainda menos médicos", Ângela Serra Pires

"A medida entrou em vigor desde Outubro último quando começámos a verificar este ambiente, uma vez que estamos a entrar no ano eleitoral. Eles como são teimosos, com esta medida vão-nos ajudar. No dia em que deixarem de pertencer a esses partidos terão o direito de receber os seus ordenados", Alberto Pacate

"...Parece-me que no X Congresso o número de delegados e o tempo reservado às discussões entrou em contradição. Três minutos para uma intervenção, para questões muito sérias, foi mesmo o exercício do impossível. Fez-se espetáculo, mas não se discutiu para aprofundarmos ideias que conduzissem a um pensamento comum", Sérgio Vieira

OBITUÁRIO:
Mussa Rodrigues
1943 – 2013 • 70 anos

Mais uma vez, a morte enlutou a cultura moçambicana. Faleceu na madrugada da passada terça-feira, 19 de Março, na sua residência, na província da Zambézia - norte de Moçambique - o músico moçambicano, Dr. Mussa Rodrigues, vítima de trombose. Na cidade de Quelimane, a terra natal do artista, a notícia surpreendeu a todos.

Reagindo ao facto, o presidente do Conselho Municipal de Quelimane, Manuel de Araújo comentou: "Hoje a nossa música, a nossa cultura, a nossa cidade e, quiçá, o nosso país, estão de luto por esta perda irreparável, porque jamais teremos nos nossos palcos a presença do mais conceituado músico zambeziano, que conquistou os fãs do Rovuma ao Maputo e do Zumbo ao Índico, quando brindou a todos nós com a composição "Nós Somos Cantores".

Em reconhecimento dos feitos do cantor - a par da realização de uma cerimónia de honra no município - o edil de Quelimane ordenou que se realizasse um funeral de Estado.

Refira-se que semanas antes do desaparecimento físico de Mussa Rodrigues, Araújo realizou um programa de solidariedade àquele artista e à sua família, a quem fez chegar uma guitarra doada por Stewart Sukuma, incluindo medicamentos e alimentos.

Em mensagem de condoleâncias pelo sucedido, Manuel de Araújo afirma que "o Dr. Mussa Rodrigues foi e continuará a ser aquele homem que jamais esqueceremos pelos seus feitos, pela sua sagacidade e paixão pela música que influenciaram os músicos da nova geração de modo a aderirem aos ritmos tradicionais que são a nossa identidade".

O jornal do povo



Gosto de ler o jornal @Verdade por ser abrangente no que diz respeito aos temas abordados; refiro-me à cultura, ao desporto, à sociedade (moçambicana em particular). Tem uma equipa muito forte e determinada. O meu conselho é no sentido de levarem a informação a mais pessoas.

Menders Campate

Xiconhoca

Os nossos leitores nomearam os Xiconhucas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. Arão Nhancale

Pela terceira vez Arão Nhancale volta ao espaço de onde, segundo os nossos leitores, nunca devia ter saído: a cadeira de Xiconhoca. É um Xiconhoca por convicção e vocação. Tem muito jeito para trocar as mãos pelas pernas e sair sempre mal na fotografia. Desta feita, foi movida uma moção de censura contra ele no seu próprio partido. Ou seja, na casa-mor dos Xiconhucas, Nhancale foi decretado rei vitalício por justa causa. As suas obras falam por si.

Nhancale é conhecido pelas suas promessas vazias. Há dias disse que cumpriu o seu manifesto e nós soltamos uma sonora gargalhada. Essa crença só pode ser fruto de um distúrbio mental qualquer ou da hipocrisia total e completa de um Xiconhoca de carreira.

2. Esperança Bias

A ministra dos Recursos Minerais é uma Xiconhoca da pior espécie. Essa de marcar uma reunião com as organizações da sociedade civil três dias antes da data devia constar nos tratados de sacanice. O pior é que o convite, se assim quisermos chamar, não vinha alicerçado por nenhum documento para situar a sociedade civil. O debate durou 2h30 minutos e apenas 40 minutos foram reservados ao debate da exploração de recursos naturais. Brincadeira de muito mau gosto. Assim, desse modo Xiconhoca, o Governo legitimou o debate e a exploração desenfreada de recursos no país. Esperança Bias assinou com o sal do seu próprio arbítrio a desgraça do povo lindo e maravilhoso do reino dos patos.

3. NzaraYapera

A tentativa de silenciar a Imprensa, em última análise, constitui a forma mais vil de actuação de um Xiconhoca. A empresa NzaraYapera forneceu gato por lebre e, como é normal num Xiconhoca, não gostou quando a corajosa Rádia Catandica denunciou a falsoa das sementes falsas. A solução encontrada por aquela empresa Xiconhoca foi mover uma ação judicial contra o coordenador daquele órgão de informação comunitário. Que a semente não germinou é um facto. Que os camponeses não produziram é outro facto. O crime de Jonh Chekwa foi simplesmente reportar a verdade. E, como os Xiconhucas não gostam, teve de responder em tribunal.



da Semana

Xiconhoquices

da Semana

1. FIR

Os Xiconhucas não compreendem duas coisas: a primeira é que a Constituição consagra o direito à manifestação e a segunda é que a mesma não carece de autorização. Para justificar a sua arrogância e o desrespeito pela lei mãe, os Xiconhucas usam a Força de Intervenção Rápida (FIR) para intimidar e cercar os direitos de 22 milhões de moçambicanos.

Em tempos impediram de forma vil, bruta e desumana, os protestos dos seguranças da G4S. As imagens rodaram o mundo e mostraram, para quem quis ver, a podridão de uma força que não serve os cidadãos, mas os que se sentam na cadeira do poder e raptaram o país dos seus legítimos proprietários.

Nas primeiras horas desta terça-feira (19), a FIR movimentou os seus tanques anti-motim para as imediações do Circuito de Manutenção Física António Repinga, com o "intuito" de proteger o Gabinete do Primeiro-Ministro e voltou a usar a violência sobre os desmobilizados de guerra que tentavam manifestar-se pacificamente na capital de Moçambique.

A intenção dos desmobilizados de guerra foi barrada pela forte presença dos agentes da FIR e da Polícia da República de Moçambique

(PRM) que chegaram a usar os seus bastões e gás lacrimogénio sobre os manifestantes, vários de idade avançada e outros do sexo feminino.

Segundo Hermínio dos Santos, apesar de os desmobilizados terem sido retirados do local compulsivamente pela FIR e escoltados para o terminal de transportes na baixa da cidade de Maputo, defronte do Caminhos-de-Ferro de Moçambique (CFM), não vão renunciar à luta pelos seus direitos, ainda que os Xiconhucas não permitam.

2. Abandono

As crianças da 1^a e 5^a classes matriculadas na Escola Primária de Tchaiane, no Posto Administrativo de Tchaiane, distrito de Nampula-Rapale, não estudam desde princípios do presente ano lectivo por terem sido "abandonadas" pelos seus professores. É isso mesmo. Grande Xiconhoquice. O Ministério da Educação não consegue tornar o local atraente aos novos professores que fogem de Tchaiane como o diabo da cruz.

Ninguém quer lecionar naquele ponto do país e as vítimas, em última análise, são os petizes que permanecem abraçados pelas trevas do analfabetismo. O facto curioso e intrigante foi reportado ao @Verdade pelos pais

e encarregados de educação residentes naquela região da província de Nampula, cujos educandos não estão a ter aulas.

Face à situação, aqueles receiam que os filhos enveredem por práticas negativas uma vez que ficam muito tempo sem ocupação escolar. Isso é o que acontecerá futuramente e nessa altura ninguém dirá que uma das causas foi a falta de educação originada pela fraqueza de um ministério que não salvaguarda o seu bom nome.

A Escola Primária de Tchaiane tinha somente dois professores que davam aulas a todas as turmas. Entretanto, na semana em que foi aberto o ano lectivo escolar, só lecionaram por pouco tempo e abandonaram as crianças. Neste momento, algumas ocupam-se da machamba e outras da pastorícia, do negócio informal, dentre outros trabalhos que não sejam de instrução.

Aquele estabelecimento de ensino não tem salas suficientes para a formação dos petizes. As que existem estão em avançado estado de degradação.

As autoridades do Posto Administrativo de Tchaiane já informaram à Direcção dos Serviços da Educação, Juventude e Tecnologia do distrito de Nampula-Rapale sobre o abandono dos meninos.

3. A pressão da cobardia

O Governo moçambicano "está a pressionar" a família do taxista moçambicano Emídio Macia a retirar a queixa contra as autoridades sul-africanas, para resolver a questão fora dos tribunais e optar por um advogado indicado pelo Executivo de Maputo.

A denúncia tem origem no escritório sul-africano de advogados que representa a família de Emídio Macia, que, recentemente, morreu após ter sido amarrado na parte traseira de um carro da polícia sul-africana e arrastado por 400 metros numa estrada alcatroada.

Um comunicado a que a agência Lusa em Maputo teve acesso indica que "representantes do Governo de Moçambique têm vindo a pressionar a família, de modo a revogar o mandato conferido aos procuradores Jurgens Bekker e Andrew Boerner e a não prosseguir uma ação cível contra o ministro da Polícia sem custos para a família".

"A nossa empresa não recebeu qualquer comunicação do Governo moçambicano, ou dos seus representantes. O Governo moçambicano está ciente de que a nossa empresa está mandatada pela família Macia", além de que "ignorou os nossos escritórios em todo este processo", afirmam os advogados sul-africanos.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si www.verdade.co.mz



Comunicado

Uma luta desigual

Maria Emilia tenta sobreviver ao transplante do fígado, entre a hemodiálise que tarda em chegar e o descaso das Linhas Áreas de Moçambique (LAM). O corpo prostrado num quarto algures – num apartamento no centro da cidade de Maputo – revela o desmoronamento da responsabilidade social da empresa que detém o monopólio do espaço aéreo nacional, a esperança soterrada e uma voz silenciada à força de tanto gritar. O desespero do companheiro de toda a vida mostra essa desigual medição de forças entre o funcionário e a empresa; a medicação, a interrupção do tratamento, a impotência e a falta total de recursos vão traçar o destino de Maria Emilia. Esta, também, é uma história de amor...

Texto: Rui Lamarques

Foto: Miguel Manguez / Cedidas pela família

Maria Emilia, de 61 anos de idade, caiu doente a 1 de Fevereiro de 2008 e teve de vir a Maputo para que fosse feito um diagnóstico mais informado. Em Nampula, cidade onde sempre residiu, o hospital não reunia condições para o efeito. A solução, pensou, estava na maior unidade hospitalar do país. O problema, porém, era bem maior do que supunha e a médica gastroenterologista que atendeu a esposa do ex-funcionário das LAM foi clara: o caso era grave e



exigia tratamento urgente na vizinha África do Sul.

A evacuação de Maria Emilia para o país vizinho só foi possível porque, em 2008, ainda vigorava um regulamento de benefícios sociais na LAM datado de 20 de Julho de 1985 que dava conta de que os trabalha-



dores – efectivos ou reformados – da companhia que monopoliza o espaço aéreo do país gozam do direito a assistência médica e medicamentosas.

Na África do Sul o diagnóstico confirmou as piores suspeitas dos médicos moçambicanos. Maria Emilia tinha de fazer um transplante de fígado para poder sobreviver. Era mesmo uma questão de vida ou morte. “Ela tem de ser submetida a um transplante de fígado urgentemente para se salvar”.

Em Julho de 2008 entrou em coma e no mês seguinte, Agosto, recebeu um novo fígado. A operação foi um sucesso e Maria Emilia voltou a sorrir. Mas essa alegria foi sol de pouca dura. Em Maio de 2009 os rins começaram a falhar com níveis de creatina e ureia elevados. Pouco tempo depois as infecções renais passaram a fazer parte da vida da doente.

Os exames subsequentes na África do Sul, país onde passou praticamente a residir depois que adoeceu, indicaram que a paciente deveria começar a fazer hemodiálise para “não afetar o fígado transplantado”. A solução encontrada foi a aquisição de um máquina para fazer hemodiálise peritoneal em casa.

A viagem para o país vizinho não aconteceu sem antes a família depositar os 600 mil meticais de participação correspondente ao trabalhador, de acordo com o regulamento de benefícios sociais das LAM.

Com a solução veio outra complicação de saúde: hérnia abdominal causada pela introdução de glucose. A cirurgia abdominal para combater a nova situação obrigou a interromper definitivamente aquele tipo de hemodiálise.

Em finais de 2011 a doente regressou para Moçambique por causa de um “boa” nova. O país contava com serviços de hemodiálise no Hospital Central de Maputo. Em Janeiro de 2012 iniciou o tratamento no HCM.

Porém, um mês depois, teve uma recaída decorrente de uma infecção no cateter introduzido no seu peito na África do Sul. Estava obstruído. Os médicos do HCM informaram as LAM que havia necessidade de substituir o cateter. A paciente seguiu para Joanesburgo para o efeito.

Naquele país vizinho, os médicos verificaram que a infecção estava a afectar o fígado. Os médicos sul-africanos solicitaram a autorização do Ministério da Saúde daquele país para a colocação de Maria Emilia na lista de urgências para transplante renal. Em Maio de 2012 as autoridades sul-africanas autorizaram. As LAM receberam a informação, mas, volvidos seis meses, deram instruções para que a paciente regressasse ao país devido a “despesas excessivas”.

@Verdade teve acesso a uma troca de correspondência entre os médicos

Previsão do Tempo

Sexta-feira

Zona SUL



Céu pouco nublado localmente limpo. Vento de nordeste a leste fraco.

Zona CENTRO



Céu pouco nublado, localmente muito nu-blado. Periodos de ocorrência de chuviscos locais ao longo a faixa costeira. Vento de sueste a leste rodando para nordeste fraco a moderado.

Zona NORTE



Céu pouco nublado com períodos de mui-to nublado. Possibilidades de ocorrência de chuvas fracas locais podendo ocorrer em regime moderado no extremo norte de Niassa e Cabo Delgado acompanhadas por vezes de trovoadas. Vento de sueste a leste fraco a moderado

Sábado

Zona SUL



Céu pouco nublado a limpo. Vento de nordeste fraco, rodando para sueste fraco a moderado.

Zona CENTRO



Céu pouco nublado localmente limpo. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.

Zona NORTE



Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidades de ocorrência de chuvas fracas, localmente moderadas na província de Cabo Delgado. Vento de sueste a leste fraco a moderado.

Domingo

Zona SUL



Céu pouco nublado passando a muito nublado. Ocorrência de chuvas fracas a moderadas nas províncias de Maputo e Gaza. Vento de sueste a sudeste fraco a moderado.

Zona CENTRO



Céu pouco nublado passando a muito nublado de províncias da Sofala e Manica onde se prevê a possibilidade de chuvas locais. Vento de nordeste rodando para sueste fraco a moderado.

Zona NORTE



Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Ocorrência de chuvas fracas localmente moderadas. Vento de sueste a leste fraco a moderado.

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o **XICONHOGA**,

Envie-nos um SMS para 821111 E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo



sul-africanos e o departamento dos recursos humanos das LAM. Diante da intransigência das LAM, os médicos sul-africanos trataram a paciente durante três semanas garantindo o mínimo de assistência sem custos para Maria Emilia. Nessa altura a mulher já não se podia movimentar. O último exame que visava detectar a causa das recaídas não foi feito e a paciente teve de voltar ao país.

“A empresa não assumirá qualquer responsabilidade por quaisquer outros custos relacionados com a paciente depois de 19 Fevereiro”, lê-se numa correspondência electrónica enviada à clínica sul-africana.

Os responsáveis da clínica levantaram algumas questões relacionadas com o perigo de evacuar a doente naquelas condições e procuraram saber se tinham sido feitas, da parte moçambicana, diligências no sentido de colocar a doente numa unidade hospitalar do Estado. Não houve resposta.

O esposo e ex-funcionário das LAM foi aos Serviços Sociais da empresa, mas não encontrou a resposta que esperava. “Faça o que quiser pois nós não queremos saber mais desse problema”.

Também falou com a gestora delegada que informou que não continuariam a suportar as despesas futuramente por gastos excessivos. Porém, a título excepcional, iriam solucionar a consulta para detectar as complicações de saúde que os médicos sul-africanos recomendaram. Debalde.

O que saiu da boca da administradora delegada não passou de um promessa e Maria Emilia caiu desemparada sem chão para a segurar.

A paciente não atravessa esse calvário sozinha. Cupido Rodrigues esteve sempre ao seu lado. Aliás, a percepção de que as LAM não estavam a cumprir a sua obrigação foi o início de um tumulto interior.

Em conversa com o @Verdade, ele próprio admite que já não sabe o que fazer. Por muito que queira. “A constatação de que não posso cuidar da saúde da minha mulher e que desconhei quase 1.800.000 de meticais abalou as minhas fundações mais profundas”. Então ao lado da deterioração da estado de saúde da mulher foi fundado o seu inferno pessoal. “Estou à espera de a minha mulher morrer para eu regressar a Nampula”.

Nem as exposições ao Presidente do Conselho de Administração surtiram efeito.

O silêncio das LAM

Esta terça-feira, 19 de Março, o @Verdade contactou os Serviços Sociais das LAM a fim de que estes se pronunciassem sobre o caso de Maria Emilia. O director da

quela repartição, Domingos Pene, disse, depois de se aperceber de que conhecíamos profundamente o assunto, que iria consultar os responsáveis de outros departamentos da empresa com

A justificação para interromper o tratamento e justificar os gastos excessivos está condensada num regulamento de 2012. No entanto, a paciente adoeceu e iniciou os tratamentos em 2008 quando vigorava o Regulamento de Assistência Social de 1985.

Advogados ouvidos pelo @Verdade fizeram saber que em situações do género aplica-se a retroactividade, fazendo valer a lei anterior uma vez que os factos constitutivos de direito ocorreram sob a égide do regulamento anterior.

A questão, diz-se, não é assim tão linear porque a disponibilização destes serviços é um extra que a empresa oferece. O problema coloca-se quando se subtraem direitos irrenunciáveis como o salário. Contudo, o tratamento deste caso é diferente porque as LAM nunca estabeleceram o montante, mas sim a percentagem das com-participações.

Com a decisão das LAM a paciente teve de sair da clínica e regressar em maca a Maputo. Os relatórios médicos são claros e revelam que ela não reunia condições de saúde para deixar a unidade hospitalar. Contudo, por imposição das LAM, teve de abandonar o local mesmo com a recusa dos médicos sul-africanos de lhe darem alta.

Um delegado das LAM em Joanesburgo informou ao esposo da paciente de que, chegados ao país, esta seria encaminhada para tratamento num hospital. O casal chegou ao Aeroporto Internacional de Maputo e não encontrou ninguém à espera. Nem os responsáveis dos Serviços Sociais.

Graças à disponibilização da ambulância, a doente conseguiu chegar ao HCM. No banco de socorros daquela unidade hospitalar não foi possível marcar consultas para hemodiálise e nem internar a doente.

O médico que os atendeu disse ao acompanhante que seria um risco por causas das infecções que poderia adquirir. A solução foi levar Maria Emilia para casa de uma irmã onde se encontra a morrer.



vista a proporcionar-nos uma explicação exaustiva acerca do assunto, tendo prometido contactar-nos no mesmo dia ou na quarta-feira, o que não aconteceu até o fecho desta edição.

Seis anos depois, Maria Emilia regressou ao seu país. Cupido Rodrigues, o esposo, ficou devastado. Um caso emocional. Foi da boca da administradora delegada da empresa onde dedicou 37 anos da sua vida que ouviu o pior.

O tratamento foi considerado demasiado caro. Ninguém percebeu as suas expectativas e os seus direitos. Ainda acredita que fez o seu melhor. Lutou como soube e perdeu como sempre.

O que diz o regulamento?

O Regulamento de Benefícios Sociais, no seu artigo número 6 que aborda a comparticipação nas despesas, não fixa um tecto de gastos para as LAM.

Estabelece, isso sim, uma percentagem na comparticipação em função do salário dos funcionários ou pensão de reforma. As despesas do trabalhador variam dos 10 por cento até um máximo de 50. Foi, portanto, sob a égide deste regulamento que Maria Emilia começou o tratamento.

No entanto, a justificação dos Serviços Sociais das LAM é a de que o regulamento de 2009 estabelece um tecto. O artigo 11 refere que “o Fundo Social participa” com 70 por cento para as despesas provenientes da substituição de lentes e aros; 80 para despesas provenientes da aquisição de óculos e alteração da graduação das lentes e 50 em caso de internamento”.

A diferença em relação ao documento anterior reside nos limites de comparticipação. 1500 dólares é o máximo por beneficiário ao ano dentro da província onde habita. Quando o caso exige assistência médica fora da província de residência o valor duplica. No estrangeiro o valor é de 5000 mil dólares ao ano. Em casos de urgência o mesmo duplica e chega aos 10 mil.

Uma situação complicada

@Verdade procurou ouvir alguns médicos a respeito dos problemas de Maria Emilia e das suas possibilidades de sobrevivência.

Em Moçambique, no Sistema Nacional de Saúde, existem apenas nove máquinas de hemodiálise e a fila de espera é longa.

O único lugar onde a paciente poderia ser recebida é nos Serviços de Urgência. No entanto, tal acarretaria riscos incalculáveis para a sua saúde.

“Poderia contrair facilmente uma infecção e isso custaria a sua própria vida”, refere um médico que prefere que o seu nome seja omitido.

“Ficar em casa não é uma solução, mas é bem melhor do que ficar nos Serviços de Urgência”, garante. “Seria o mesmo que assinar o seu atestado de óbito”, explica.

Um dos médicos ouvidos pelo @Verdade faz notar que o tratamento é caríssimo e reprova o comportamento das LAM quando a paciente se encontrava numa clínica na África do Sul.

Lembre-se de que as LAM deixaram de pagar as contas na clínica quando a cliente ainda estava em tratamento. Nem mesmo a advertência dos médicos sul-africanos demovê a empresa moçambicana. “Isso é um crime. Não se pode arrancar com um processo destes e parar pelo meio”.

“As condições nas quais foi transportada e chegou ao país precipitaram a deterioração das suas condições de saúde. Isso é inequívoco”.

Os médicos alertaram para o perigo das campanhas que são desencadeadas para transplantes de órgãos. O drama, dizem, não está na operação, mas nos momentos posteriores.

“É bem mais caro o pós-operatório. Não adianta, portanto, reunir 10 mil dólares para fazer o transplante de um rim ou fígado se depois o doente terá de viver o resto da sua vida a gastar cerca de 48 mil dólares ao ano”.

Município da cidade de Nampula “vende” jardins e parques públicos

A cidade de Nampula está sem espaços abertos reservados à recreação e outro tipo de lazer para crianças, jovens e adultos. Os jardins e os parques foram, um a um, cedidos a entidades privadas para exploração e prática de actividades comerciais que não têm nada a ver com o entretenimento. O Parque dos Continuadores da Revolução Moçambicana, que no passado foi uma referência na zona nobre da urbe, é o único sítio disponível, mas não está em condições de ser utilizado. As poucas infra-estruturas que existiam encontram-se destruídas e em avançado estado de degradação. Em Maputo, um cenário quase idêntico verifica-se no Jardim Tunduru, onde a imundice e os marginais tomaram conta daquele “pulmão verde”, ora abandonado.

Texto: Júlio Paulino • Foto: Miguel Manguezze/ Júlio Paulino

Enquanto isso, o Jardim 28 de Maio, vulgo “quartel dos madgermanes”, que durante anos esteve votado ao abandono, apresenta uma imagem diferente graças às obras de restauração que decorrem no local, embora a um ritmo lento.

No afamado Parque dos Continuadores da Revolução Moçambicana, que já constou na lista dos lugares históricos e considerados cartões-de-visita da cidade de Nampula, somente existem alguns vestígios da beleza que aquele local teve no passado. Todo o cercado encontra-se totalmente abandono e sem nenhuma manutenção pelas autoridades municipais. O capim, o lixo, o fecalismo a céu aberto, o mau cheiro, dentre outras anomalias, são os cenários mais evidentes.

Os dois urinóis públicos transformaram-se em esconderijos de malfeiteiros sob o olhar impávido da edilidade, instituição responsável pela gestão dos jardins e parques. Por conseguinte, o Parque dos Continuadores perdeu a estética e já não atrai nenhum munícipe. Os mendigos tomaram de assalto o local e usam-no como seu reduto. À semelhança do que acontecia na capital do país, no Jardim 28 de Maio, o Parque dos Continuadores da Revolução Moçambicana tem sido um ponto de concentração de manifestantes, como é o caso dos antigos trabalhadores da República Democrática da Alemanha (RDA), vulgo “madgermanes”, e da extinta ROMON.

“Madgermanes” é o nome com que são conhecidos os mais de 20.000 compatriotas que laboraram temporariamente na RDA, extinta Alemanha de Leste, e que regressaram a Moçambique depois da queda do Muro de Berlim em 1989.

Apesar da falta de higiene, dentro do perímetro do aludido espaço, funciona um quiosque, facto que contraria a Postura Municipal, que veda a venda de qualquer tipo de bebidas alcoólicas ou outros produtos de género. No período nocturno é deveras arriscado passar pelas imediações do Parque dos Continuadores porque pessoas maldosas pululam no recinto. Nas proximidades há residências abandonadas – nas quais abundam montões de luxo – na sua maioria propriedade do Estado, onde vivem alguns directores provinciais, incluindo o dirigente da filial do Banco de Moçambique em Nampula.

Um parque concessionado

Informações em poder do @Verdade, confirmadas pela edilidade, dão conta de que o Parque dos Continuadores



foi concessionado, desde o ano de 2010, a um grupo comercial denominado Euro Friming, com sede na cidade de Maputo. Porém, ainda não se sabe que actividades serão, futuramente, exercidas no mesmo sítio. Refira-se que há mais de uma década que os poucos jardins e parques da cidade de Nampula estão encerrados como consequência da sua concessão ao sector privado através de concursos públicos. Trata-se de uma procedimento aprovado pela Assembleia Municipal e justificado com a necessidade de assegurar a sua melhor gestão, que inclui a reabilitação e construção de infra-estruturas no sentido de gerar rendimentos e dotá-los de estética.

Os outros jardins e parques da cidade Nampula, tais como a Praça do Destacamento Feminino e os Mártires de Wiriam, também passaram para a gestão privada por meio de concessões. O primeiro espaço, sito nas imediações do edifício do governo provincial, foi concedido ao ex-secretário para a área de Finanças do Partido Frelimo nesta parcela do país e esposo da vice-ministra da Saúde. Numa parte foi construído um pequeno restaurante, porém, para ludibriar os munícipes, reabilitou alguns baloiços. Em relação ao segundo jardim, ainda não se decidiu o que vai ser feito nele ou que tipo de infra-estruturas será erguido.

Outro espaço de lazer vendido a um empresário

O Jardim Mucapera, vulgo “Jardim Careca”, em tempos muito frequentado pelas crianças residentes nos bairros dos Limoeiros, de Muhavire, de Muhala, dentre outros, foi igualmente vendido à família Giquira, da qual faz parte um dos empresários bem-sucedidos da província de Nampula. No espaço decorrem obras de edificação de um complexo turístico.

O edil Castro Namuaca disse à Assembleia Municipal de Nampula que a transferência paulatina dos jardins e parques para a gestão privada deveu-se à falta de verbas para a sua restauração e manutenção, por isso optou-se pelas parcerias público-privadas. Todavia, na prática não é o que está a acontecer. Em parte, o município saiu a perder neste processo. O mais agravante é que os acordos rubricados no âmbito das concessões dos jardins e parques ao sector privado na cidade de Nampula têm um período vigência de acima de 50 anos. E a falta de lugares para diversão e lazer viola, até certo ponto, os direitos da criança, uma vez que esta não tem outro lugar público para divertimento.

O Jardim 28 de Maio em Maputo

O espaço foi concedido, em 2010, à Zepi Entretenimento, à luz da parceria público-privada com o Conselho Municipal de Maputo. Aquela empresa comprometeu-se a torná-lo um lugar aprazível e, embora as obras tenham arrancado tarde, facto que causou crise entre as partes a ponto de ameaçar desfazer o entendimento, a mata que ali se desenvolvia, propiciando actos criminosos, deu lugar à relva com passadeiras e alguns pequenos edifícios que vão acolher diversos serviços. As árvores que estavam a cair devido à sua antiguidade foram cortadas e alguns bancos repostos.

O Tunduru

A situação do Jardim Tunduru não é diferente da do Parque dos Continuadores da Revolução Moçambicana. Exala um cheiro desagradável, à noite é um covil de marginais, o verde das plantas e das árvores tende a perder vivacidade, a rel-

va está maltratada, os bancos estão estragados – com a excepção de uns e outros – a água escorre pelas passadeiras e o aquário perdeu uma boa parte do peixe que nele crescia.

Esta é uma parte do estado em que se encontra aquele jardim botânico cuja reabilitação foi anunciada várias vezes mas nunca se efectivou. Tem havido adiamentos sucessivos no lançamento de concursos públicos para a selecção do empreiteiro que vai executar as obras de restauração.

Entretanto, recentemente, a edilidade da capital do país voltou a fazer mais uma promessa: “neste momento estamos a trabalhar com a Unidade Gestora Executora das Aquisições para o lançamento do concurso público antes da segunda quinzena de Novembro”, disse João Munguambe, vereador para a área de Actividades Económicas.

Refira-se que há meses o edil de Maputo, David Simango, afirmou que as obras de reconstrução do Jardim Tunduru seriam suportadas pelas empresas Caminhos-de-Ferro de Moçambique (CFM) e Vale Moçambique e outras ainda por anunciar nos próximos tempos. A reabilitação daquele espaço, segundo Munguambe, será feita em duas fases. A primeira abrange a reabilitação da rede eléctrica, do saneamento, do sistema de distribuição de água, de drenagem, dentre outras realizações.

Prevê-se ainda a construção de dois restaurantes que deverão gerar receitas para a manutenção do jardim. A segunda consistirá na colocação de plantas, da relva e reedificação das infra-estruturas degradadas.



Exerça o seu dever de **CIDADÃO REPORTER**
Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!
Reporte por uma mensagem via BlackBerry pin 288687CB



Comunicado

Jovem procura pai e irmã em parte incerta desde que eclodiu a guerra civil em Moçambique

Benedito Afonso, de 27 anos de idade, tem memórias trágicas do último confronto armado decorrido entre 1976 e 1992, que opôs a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo) ao governo monopartidário vigente na altura, sob a direcção da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). Aos dois anos, em 1988, ele e a mãe Luísa Tomas foram capturados pelos guerrilheiros do movimento que pretendia forçar a mudança de regime no sistema de administração do país. O jovem guarda recordações tenebrosas da guerra que o separou do pai e da irmã. Tanto ele como a progenitora nunca mais viram Afonso Bernardo e Julieta Afonso, e não sabem em que local do país se encontram, há 25 anos.

Texto: Redacção

O jovem e a sua mãe residem na vila-sede do distrito de Chibabava, na província central de Sofala. Em 1988, foram raptados e viveram quatro anos numa base militar controlada pelo exército da Renamo.

Durante esse tempo, testemunharam actos brutais de assassinatos, torturas e humilhações perpetrados pelos soldados de quem eram reféns. Bendito nasceu a 9 de Maio de 1986 naquele distrito e, para além da irmã que anda em parte incerta com o pai, tem uma outra de 30 anos de idade chamada Melinda Ibrahimo, fruto de um outro casamento seu. Não moram junto mas mantêm contacto, à semelhança do que acontece com os parentes maternos, os únicos que conhece.

Segundo nos contou, no dia em que a sua mãe foi presa, com ele no colo, o pai, que fazia parte da guerrilha da Frelimo, mobilizou um contingente de homens fortemente armados e foi atrás da família na tentativa de resgatá-la, mas sem sucesso.

Nessa época, a sua progenitora era parteira no Centro de Saúde de Chibabava. Volvidas duas décadas e meia sem nenhuma notícia dos parentes desaparecidos, o jovem e a progenitora continuam a procurar, incansavelmente, por eles. Mãe e filho andam desesperados porque não sabem se Afonso e Julieta estão vivos ou mortos, se estão juntos, ou também se perderam um do outro durante a guerra. Toda-via, eles guardam esperanças de vê-los um dia. A senhora alimenta a mesma expectativa de rever o marido e a filha.

“Quando os homens da Renamo nos capturaram tentámos fugir mas não foi possível. Mas algumas pessoas que não tinham crianças conseguiram escapar”, afirmou o rapaz com um timbre de voz de consternação. O nosso interlocutor disse igualmente que até hoje a sua mãe ainda lhe narra episódios horríveis vividos durante os quatro anos em que estiveram retidos numa zona montanhosa, agreste e recôndita na província de Manica. Benedito e Luísa estão nas estatísticas horrendas das vítimas da guerra que durou 16 anos em Moçambique. De

acordo com o filho, apesar de que na altura ainda era criança, para além do que a mãe lhe conta sobre os traumas a que as pessoas eram submetidas, das ameaças de morte, das agressões físicas e psicológicas, do abuso sexual, dentre outras atrocidades, recorda que passou fome e sede. Desse momento em diante, a sua vida transformou-se num pesadelo. Quatro anos depois de muito sofrimento, em 1992, Benedito e Luísa foram soltos pelos guerrilheiros da Renamo, uma vez que o Acordo Geral de Paz, rubricado em Roma, na Itália, impunha um cessar-fogo entre aquela força beligerante e o Governo.

“Mandaram-nos embora da base militar e levámos cerca de duas semanas a caminhar no mato. Durante o percurso, trabalhámos para algumas famílias em troca de acolhimento. Atravessámos vários rios até encontrar a localidade de Macate, no distrito de Gondola, onde ficámos por algum tempo até conseguirmos dinheiro para voltar à casa”, recordou o nosso entrevistado. Quando Benedito e a mãe, ao chegarem à terra natal, no distrito de Chibabava, encontraram alguns pertences deixados por Afonso Bernardo. Entretanto, o jovem não conhece nenhum familiar paterno, apenas sabe dizer que os tios e avôs, dos quais nunca teve notícias, vivem na província de Nampula.

Algumas crianças quando permanecem algum tempo no meio da guerrilha e a viver episódios dramáticos de torturas e massacres crescem com traumas e distúrbios que chegam a afectar a sua personalidade. Porém, este não é o caso do jovem Benedito que, embora amargurado, luta ao lado de outros homens e mulheres para superar as dificuldades da vida.

Uma das coisas que lhe causam dor é o facto de a sua mãe não ter voltado a trabalhar no Centro de Saúde de Chibabava em consequência de ter sido forçada a manter-se muito tempo às mãos da Renamo. Hoje, a fonte de rendimento da senhora Luísa é a actividade agrícola. Enquanto isso, Benedito está a cursar o 2º ano de ensino de inglês na Universidade Pedagógica da Beira. Ele contou-nos que para custear as despesas dos seus estudos recorre a biscoitos.

Dez crianças feridas por desabamento de sala de aulas em Nampula

Dez crianças ficaram feridas esta terça-feira, 19 de Março, quatro das quais em estado grave, em consequência do desabamento de uma das salas de aulas da Escola Primária de Ampara, na província de Nampula, construída com base em material precário. Mais de 10 salas de aulas também estão em risco de ruir.

Texto: Redacção

O incidente aconteceu em plena aula da 2ª classe, quando uma das paredes caiu sobre algumas crianças com idades compreendidas entre os seis e os 10 anos. Quatro menores continuam sob cuidados intensivos no Hospital Central de Nampula devido a fracturas contraídas nos membros superiores e inferiores, segundo testemunhas. Segundo a Rádio Moçambique, o director dos Serviços da Educação, Juventude e Tecnologia da cidade de Nampula, Brigitte Ru-

pia, afirmou que era prematuro avançar explicações sobre as causas do desabamento. Contudo, reconheceu que a escola funciona em condições precárias e as infra-estruturas estão totalmente degradadas. Antes de serem assistidas naquela maior unidade sanitária da região Norte de Moçambique, as vítimas foram evacuadas para o Hospital Militar que dista poucos metros do estabelecimento de ensino onde se deu o incidente.

MozMed A plataforma virtual de saúde em Moçambique

Manda tuas questões através de **SMS** para **6640** ou Internet <http://mozmed.com/> e receba resposta dos especialistas de saúde e de outros cidadãos

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque é que já não consigo ter erecção?

Oi pessoal. Esta semana, em muitas sociedades celebrou-se o dia do Pai. Fiquei a pensar nisto: os papás, no geral, só cuidam da sua saúde quando estão muito doentes.

Pensei em algumas homens que eu conheço, que estão a viver actualmente com cancro da próstata, e outros homens que morrem por causa da SIDA; eles não procuravam de forma rotineira cuidar da sua saúde. Homens, principalmente aqueles que são responsáveis pelas suas famílias, cuidem-se; protejam-se e adiem as doenças crónicas, procurando os serviços de saúde com mais frequência para evitarem doenças mais graves no futuro. E se tiverem dúvidas sobre a vossa saúde sexual e reprodutiva,

enviem-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: averdademz@gmail.com

Boa tarde dona Tina. Tenho 49 anos e há 6 meses que não tenho erecção. Não sei se é o problema da cerveja e do cigarro.

Olá, caro amigo. A disfunção sexual, popularmente chamada de impotência sexual – quando o pénis não fica ereto – é uma frustração para ti, imagino, como é para muitos homens. As causas da impotência são várias, e dependem de pessoa para pessoa.

Por isso, não te posso dizer se é por causa do cigarro ou da cerveja. Podem ser orgânicas, resultantes de doenças comuns nessa idade, como a diabetes ou alguma doença cardíaca. Podem também ser emocionais como alguma frustração de trabalho, negócios, problemas familiares, ansiedade, etc. É cada vez mais comum que homens com menos de 35 anos também sofram dessa frustração.

A boa notícia é que há sempre uma solução. Sugiro que procures a ajuda de um urologista ou médico de medicina geral com quem possas conversar e ser diagnosticado. Com base nessa conversa, também vais poder identificar se a tua disfunção sexual é resultante de um problema de saúde ou apenas um problema psicológico. Se for uma causa orgânica, ele vai poder receitar o melhor tratamento para que recuperes a tua energia sexual. Boa saúde.

Olá Tina. Sou a Nélia. Tenho 22 anos. Ultimamente quando tenho relações sexuais com meu namorado (sem uso do preservativo) tenho tido sangramento. Queria saber se isso não me vai criar problemas de infertilidade.

Olá, minha querida. Esta tua pergunta é um pouco complicada de responder, porque eu não sei se tu já sabes as causas do sangramento. Pelo que aprendi, o sangramento vaginal, que não é resultante da menstruação, pode ter várias causas, mas a principal é a presença de algum tipo de lesão ou infecção na vagina ou no útero.

As infecções ou lesões podem ser causadas por infecções de transmissão sexual. E se vocês fazem sexo sem preservativo, coloca isto como uma possibilidade. Não posso dizer que necessariamente te causará infertilidade. Apesar de ser uma queixa normal das mulheres, é preciso levar a sério, pois pode, sim, futuramente, trazer complicações mais severas.

Por isso, a minha proposta para ti é que vás imediatamente procurar um(a) médico(a) ginecologista no Centro de Saúde ou Hospital, para que te faça exames médicos, incluindo o papanicolau (que é obrigatório para todas as mulheres) e possa diagnosticar as causas certas e receber o tratamento adequado. Melhoras para ti e cuida da tua saúde.

Uma vida dedicada ao cultivo de hortaliças

Jorge Alfredo, de 29 anos de idade, e Velasco Soares, de 20 anos, residentes no bairro de Namicopo, no Posto Administrativo com o mesmo nome, na província de Nampula, são dois jovens que se dedicam à preparação e cuidado da terra para produzir hortaliças, nomeadamente alface, abóboras e couve. Há mais de cinco anos que investem nesta actividade, com a qual garantem a subsistência das suas famílias e abastecem os principais mercados da urbe. Segundo narraram à nossa Reportagem, iniciaram este trabalho nos seus quintais como uma mera ocupação por falta de emprego. Mais tarde, à medida que os rendimentos incrementavam, passaram a entregarem com afinco ao cultivo de diferentes tipos de verduras em largas extensões de terra.

Texto & Foto: Sérgio Fernando

Os dois camponeses controlam pessoalmente toda a cadeia de produção e ainda se responsabilizam pela distribuição do excedente depois da colheita. Em conversa com o @Verdade, ficou visível a vontade de transpor obstáculos e tornarem-se, no futuro, senhores de grandes propriedades rurais.

Sabem pouco sobre as técnicas agrícolas e recorrem a formas rudimentares para colocar no mercado uma hortaliça boa, saborosa, colhida tenra e cuja rega não é abusiva para manter as propriedades nutritivas.

Jorge Alfredo e Velasco Soares fazem parte do grupo de camponeses que usa meios próprios para produzir, não têm assistência técnica dos serviços agrários da sua área de jurisdição, nem acesso a crédito bancário ou ao Fundo de Desenvolvimentos Distrital para efeitos de expansão das suas áreas de cultivo.

A nossa Reportagem visitou o local onde os dois jovens desenvolvem as suas actividades e constatou que trabalham em machambas localizadas em zonas onde há falta de sistemas de irrigação, de infra-estruturas agrícolas, de sementes de qualidade, e um défice quanto ao domínio de diversificação e rotação de culturas para incrementar a produção e a produtividade. Todavia, apesar destas adversidades, afirmam que têm bons rendimentos.

Todo o processo de tratamento, que inclui a sementeira, sacha, fertilização, colheita e la-



vagem de verduras é feito manualmente com recurso a um regador plástico e a uma enxada de cabo curto.

No passado, na cidade de Nampula, algumas hortícolas tais como a cebola, a alface, o repolho, a couve, a pimenta, dentre outras que abastecem o mercado local, eram adquiridas nos distritos de Ribáuè, Malema e Murrupula a preços elevadíssimos. Porém, o trabalho abnegado de Alfredo, Soares e de diferentes camponeses das regiões ribeirinhas ou das chamadas zonas verdes nos bairros de Carrupeia, Napipine e Mutava-Rex, garante uma dieta alimentar variada às populações.

Jorge Alfredo, casado e pais de seis filhos, lida com a terra, estrumes e adubos desde 2007, altura em que foi despedido do seu emprego de guarda-nocturno. Segundo afirma, em Nampula é difícil ter um emprego formal e queixa-se do elevado custo de vida. O preço de produtos alimentares tende a aumentar a cada dia que passa.

Entretanto, sustenta a sua família com os rendimentos obtidos na sua machamba e, apesar da alta de preços dos insumos agrícolas, ainda garante a educação dos seus descendentes e as três refeições diárias, nomeadamente o pequeno-almoço, o almoço e o jantar.

Ao @Verdade o jovem disse que o que produz na sua horta não só se destina à venda, como também mudou os hábitos alimentares da família para o melhor, incluindo a condição financeira.

ra. O rendimento que resulta do seu trabalho não cobre a maior parte das despesas, mas no que diz respeito à nutrição e instrução dos filhos não há razões de queixa.

O menu da sua casa é basicamente composto por chima de farinha de milho, mandioca seca e arroz – acompanhados de couve, matapa (um prato feito de folhas picadas de mandioca, característico da cozinha moçambicana) e outras verduras – peixe seco, carapau e, por vezes, frango.

No que diz respeito à habitação, a casa do nosso entrevistado foi construída com base em material precário. “Não é a casa dos meus sonhos mas foi construída com muito sacrifício”.

Velasco Soares também é casado, tem três filhos e vive numa casa arrendada desde que se afastou dos seus pais para constituir própria família. O jovem tem uma história não diferente da do Jorge Alfredo.

Para além de outros problemas que têm grande influência nas suas actividades agrícolas, Soares e Alfredo queixam-se da praga de gafanhotos que destrói as culturas e dificulta o seu desenvolvimento, desde Dezembro do ano passado.

Os dois jovens juntaram-se a outros camponeses e pediram ajuda aos técnicos do sector agrário, mas ainda não obtiveram uma resposta satisfatória.

O que agasta os agricultores é o facto de no mercado local não haver drogas para combater as referidas pragas.

Neste momento, a única forma que encontraram para mitigar o problema é recorrer a excrementos de animais, mas este procedimento tem a desvantagem de causar um cheiro desagradável e incomodar as famílias que vivem nas proximidades das suas machambas, segundo nos contaram.

Comunicado



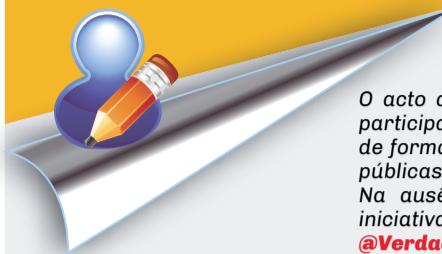
Onde quer que esteja seja um CIDADÃO REPORTER

Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!

Reporte por uma mensagem de SMS para 821111



Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Sou um estudante da Universidade Pedagógica (UP) na delegação de Nacala-Porto, na província de Nampula, e residente na cidade com o mesmo nome.

Gostaria, através deste espaço, de manifestar a minha preocupação em relação à demora do início das aulas nesta instituição de ensino superior deste ponto do país. A abertura do ano académico 2013 aconteceu há mais de um mês, mas não estamos a estudar.

O que me preocupa e aos outros colegas também inscritos neste estabelecimento de ensino são as cobranças de propinas que a direcção da Universidade Pedagógica de Nampula está a fazer enquanto não há nenhuma aula em curso.

Resposta

Sobre este assunto, a nossa Reportagem contactou a direcção da Universidade Pedagógica de Nampula, que nos confirmou o atraso do arranque das aulas para o presente ano académico.

Segundo a explicação daquele estabelecimento de ensino superior na província mais populosa de Moçambique, as aulas ainda não arrancaram devido a questões burocráticas.

A nossa fonte disse também que a demora está relacionada com a falta de infra-estruturas para a prossecução das actividades de ensino e aprendizagem. Estava em curso um trabalho de identificação de

A primeira mensalidade já foi paga e o segundo pagamento deve ser feito até o dia 10 do próximo mês.

Este problema está a inquietar-nos porque, contrariamente ao que acontecia no passado, depois da abertura do ano académico de 2013 a direcção da Universidade Pedagógica não se movimentou no sentido de garantir o decorso das aulas. Ainda não houve nenhuma informação sobre as reais causas desta situação.

Para nós, as mensalidades já pagas não são necessariamente um problema, o que nos deixa agastados é a ausência de comunicação por parte da instituição. Ajudem-nos!

instalações e sua negociação junto dos proprietários para servirem de salas de aulas e de outros compartimentos inerentes ao processo de instrução.

De acordo com o interlocutor do @Verdade, a direcção da Universidade Pedagógica estava igualmente a fazer acertos na contratação de docentes, uma vez que a maior parte dos que vão lecionar em Nacala-Porto não é do grupo dos quadros efectivos.

Entretanto, a fonte tranquilizou os estudantes afirmando que as dificuldades por que a instituição passava já foram ultrapassadas. As aulas deverão iniciar ainda neste mês de Março.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorretos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta - Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email - averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS - para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Cadeia Industrial de Nampula não recebe comida dos familiares dos reclusos devido à cólera

Os reclusos da Cadeia Industrial de Nampula, o maior estabelecimento prisional da região Norte de Moçambique, são impedidos de receber comida dos seus familiares nos dias reservados a visitas devido à cólera. A medida deve vigorar entre Março em curso e Abril próximo.

Texto: Júlio Paulino

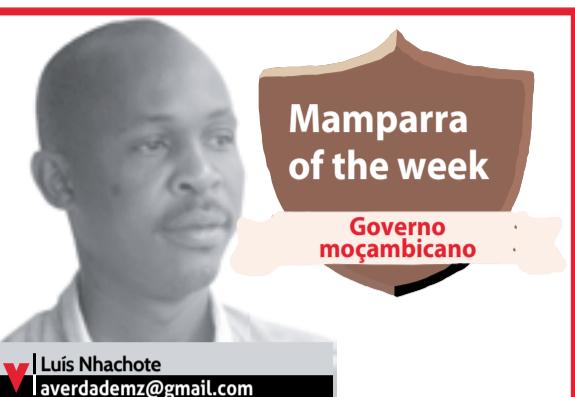
Informações em poder do @Verdade, dão conta de que, desde o último sábado, 16 de Março, as famílias dos encarcerados não têm acesso ao recinto daquele presídio e foi montado um sistema de controlo para evitar a entrada de qualquer tipo de alimento e bebida, excepto sumos.

Para além da cólera, a segurança daquele centro prisional receia que algumas pessoas de má-fé possam introduzir instrumentos cortantes nas celas, o que pode causar ferimentos ou fugas massivas de prisioneiros. Entretanto, não há nenhum óbito por causa da doença, mas estima-se que, em média, o posto local atende mais de 10 pessoas por dia. Como forma de evitar uma eventual contaminação, alguns enfermos são isolados numa sala criada para o efeito.

Alguns funcionários daquele prisão disseram-nos que a cólera está relacionada com as precárias condições de

higiene e com o deficiente abastecimento da água potável. Refere-se ainda que a situação é crítica na Cadeia Provincial de Nampula devido à superlotação das celas, embora as autoridades estejam a melhorar as formas de tratamento e de disponibilidade do precioso líquido em tanques.

Enquanto isso, o Governo aponta que até a última segunda-feira (18) havia 1.380 casos de cólera que resultaram em cinco óbitos no país. A província de Cabo Delgado é a mais afectada, com 814 casos e três mortos, seguida de Nampula, com 488 e duas mortes, e Niassa com 86 pessoas contaminadas mas sem nenhum óbito. Henrique Banze, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, disse, no briefing do Conselho de Ministros, que o problema da cólera tende a melhorar nas regiões afectadas, em consequência da chuva que também está a abrandar.



Mamparra of the week

Governo moçambicano

Luís Nhachote
averdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

O Mamparra desta semana é o Governo da Frelimo, que está, de acordo com notícias veiculadas por vários órgãos de informação, a "pressionar" a família do taxista moçambicano Emídio Macia a retirar a queixa contra as autoridades sul-africanas para resolver a questão que ceifou de forma bárbara e cruel o seu ente querido fora dos tribunais, e optar por um advogado indicado pelo Executivo de Armando Guebuza.

A denúncia desta mamparrada, com ordens emanadas a partir de Maputo, é do país de Madiba que representa a família do taxista, cujos contornos da sua morte, nas mãos de um bando policial altamente mamparra, correram o mundo, deixando estupefactos e indignados milhares e milhares de pessoas, que assistiram electrizadas ao vídeo, captado por uma testemunha com recurso ao seu telemóvel!!

A mamparrada governamental - de pressionar a família de Emídio Macia no sentido de não processar as autoridades sul-africanas - foi dada a conhecer esta semana, por via de um comunicado ao qual a Agência Lusa em Maputo teve acesso, e que indica que "... representantes do Governo de Moçambique têm vido a pressionar a família, de modo a revogar o mandato conferido aos procuradores Jurgens Bekker e Andrew Boerner e prosseguir uma acção cível contra o ministro da Polícia sem custos para a família".

Deste modo, com a consumação da mamparrada em curso, pode-se finalmente perceber por que razão Armando Guebuza, após o acto macabro que tirou a vida do nosso compatriota, não tuguia, não mugiu e nem sequer tossiu, à volta do assunto.

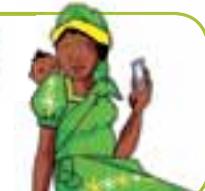
Vimos o ministro dos Negócios Estrangeiros, Oldemiro Baloi, diante das câmaras de televisão e dos holofotes, completamente chocado com o brutal comportamento das autoridades sul-africanas quando chamado a comentar sobre mediático caso e não só, de que os moçambicanos têm sido sistematicamente vítimas nas mãos dos algozes daquela polícia, que parece manter alguns resquícios da era do "Apartheid".

Os advogados que desde a primeira hora se predispuaram a defender a família de Emídio Macia afirmam, também em comunicado, que "a nossa empresa não recebeu qualquer comunicação do Governo moçambicano, ou dos seus representantes. O Governo moçambicano está ciente de que a nossa empresa está mandatada pela família Macia", além de que "ignoraram os nossos escritórios em todo este processo"!!!.

Comunicado



VOCÊ pode ajudar! Seja um CIDADÃO REPORTER
Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!
Reporte através de um e-mail para averdademz@gmail.com



Cidadania

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Cortar a mão de quem rouba ou fura, independentemente da classe social ou grau de instrução, faz parte da prática islâmica com o intuito de dissuadir os criminosos desse acto. Entretanto, no bairro Paulo Samuel Nkakomba, na Vila de Boane, província de Maputo, um comerciante identificado pelo nome de Andrade Chilaúle, decidiu aplicar esta norma contra três crianças ao amputar o dedo indicador da mão direita de cada uma delas, alegadamente porque roubaram 1.500 metacais da caixa da sua loja. Todavia, as vítimas, Moisés Victorino, de 11 anos de idade, Luís Armando e Nerto Naiene, ambos de 12 anos, confirmam que surripiaram apenas 520 metacais.

**Abdias Machai** Fofinho epahh 15/3 às 12:46

**Aleixo Mafambane Jr.** Que a lei seja aplicada 15/3 às 12:49

**Manucho Waterfowl** Epah, tentando sujar a nossa imagem! Que ele pague pelo seu crime. 15/3 às 12:50

**Flavio Sito** Esse é um demônio consumidor de sangue e carne Diabo em pessoa agente do Lucifer 15/3 às 12:51

**Lito Junior D'Costa** Haja coragem... 15/3 às 12:51

**Emidio Zanda** Merda. 15/3 às 12:51

**Aminodine Abdul** Prática Islâmica Coisa Nenhuma. Talvez Iraquiana, Indiana, Árabe E Não Religiosa. Tenham Cuidado Com o Que Escrevem e Informem-se. 15/3 às 12:51 · **Gosto** · 3

**Eduardo Ferrao** O senhor que fez esta barbárie devia estar preso e por um largo período de tempo. 15/3 às 12:52 · **Gosto** · 1

**Aniceto Julio Nhambongo** Se essa medida fosse constitucional, os nossos dirigentes seriam todos amputados! 15/3 às 12:53 · **Gosto** · 4

**Miguel O Vandal** não acredito neste argumento minuscúlo e defamador. Primeiro por a religião muçulmana é muito contra violência e sempre foi vigilante da boa conduta e moral. 15/3 às 12:53 · **Gosto** · 2

**Eduardo Ferrao** E não me venham com desculpas religiosas o Alcorão não permite coisas destas. 15/3 às 12:53

**Emidio Zanda** Parece um canibal 15/3 às 12:54

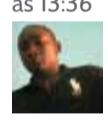


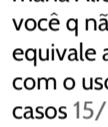
prepeta lo contra crianças em fazer de desenvolvimento, o que pode vir a afetar psicologicamente de modo a desenvolverem reações fora das suas normais. Cadeia para esse gajo. 23 anos sem direito a condicional. 15/3 às 13:31 · **Gosto** · 2

**Gabriel Sito** doutora Alice, por favor por tudo que é sagrado neste país. Tome medidas drásticas a esse animal irracional. Este dedo já está provocando me lágrimas. 15/3 às 13:34

**Mundas Mazoio** Deviam le trancar logo esse, trinha k reagir d uma maneira diferente, são crianças pah. 15/3 às 13:34

**Titos Ricardo Tthreezy** pocha que coisa feia 15/3 às 12:56

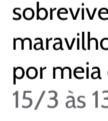
**Miqueias Jose** esse comerciante é um doentio psicopata merda face a expressão 15/3 às 12:57 · **Gosto** · 1

**Jeremias Nhamue** Emidio esse tipo não parece, ele é CANIBALLLLLLLLLLLLLL 15/3 às 12:58 · **Gosto** · 1

**Jaguarivodaester Culagaossugave Inrebojahar** quantos governantes foram amputados dedos ou membros?? Sua maioria tem praticados 15/3 às 12:59

**Oscar Monteiro Vilanculo** Será que ele nunca cometeu nenhum erro na vida dele? Ele merece cadeia 15/3 às 13:00 · **Gosto** · 1

**Carmen Carimo** a religião islâmica é de paz e contra a violência, e maus tratos. A ética e a moral são a conduta para esta religião 15/3 às 13:02 · **Gosto** · 1

**Pedro Mafambane** esse ai é um merdeiro de merda k não tem espasso na terra no paraíso e no inferno... 15/3 às 13:04 · **Gosto** · 1

**Vavvo Carvalho** Nosso boss vai apoiar o comerciante já que se preocupa com negócios e não com o povo (ALICE MABOTE: 2013), esse gajo devia logo ser punido severamente sem direito ao julgamento. 15/3 às 13:31 · **Gosto** · 2

**Gabriel Sito** se ele quizesse levar a cabo o que faz parte da sua cultura devia lembrar antes que não em que ele pode fazer justiça com as próprias mãos é um dos considerados piores crimes e piora ao



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Cortar a mão de quem rouba ou fura, independentemente da classe social ou grau de instrução, faz parte da prática islâmica com o intuito de dissuadir os criminosos desse acto. Entretanto, no bairro Paulo Samuel Nkakomba, na Vila de Boane, província de Maputo, um comerciante identificado pelo nome de Andrade Chilaúle, decidiu aplicar esta norma contra três crianças ao amputar o dedo indicador da mão direita de cada uma delas, alegadamente porque roubaram 1.500 metacais da caixa da sua loja. Todavia, as vítimas, Moisés Victorino, de 11 anos de idade, Luís Armando e Nerto Naiene, ambos de 12 anos, confirmam que surripiaram apenas 520 metacais.



Júlio Filipe Somos diferentes 15/3 às 12:55



Aminodine Abdul Crianças Menores Que Precisam De Apoio e Ajuda Moral... 15/3 às 12:55



Titos Ricardo Tthreezy pocha que coisa feia 15/3 às 12:56



Miqueias Jose esse comerciante é um doentio psicopata merda face a expressão 15/3 às 12:57 · **Gosto** · 1



Jeremias Nhamue Emidio esse tipo não parece, ele é CANIBALLLLLLLLLL 15/3 às 12:58 · **Gosto** · 1



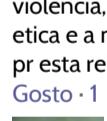
Luiz Otavio Guimaraes Ja que é pra ser radical.. corta a mão desse comerciante e vamos atear fogo no seu comercial.. pronto problema resolvido! 15/3 às 13:45



Oscar Monteiro Vilanculo Será que ele nunca cometeu nenhum erro na vida dele? Ele merece cadeia 15/3 às 13:00 · **Gosto** · 1



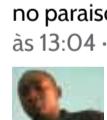
Carmen Carimo a religião islâmica é de paz e contra a violência, e maus tratos. A ética e a moral são a conduta para esta religião 15/3 às 13:02 · **Gosto** · 1



Pedro Mafambane esse ai é um merdeiro de merda k não tem espasso na terra no paraíso e no inferno... 15/3 às 13:04 · **Gosto** · 1



Vavvo Carvalho Nosso boss vai apoiar o comerciante já que se preocupa com negócios e não com o povo (ALICE MABOTE: 2013), esse gajo devia logo ser punido severamente sem direito ao julgamento. 15/3 às 13:31 · **Gosto** · 2



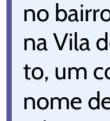
Gabriel Sito se ele quizesse levar a cabo o que faz parte da sua cultura devia lembrar antes que não em que ele pode



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Os familiares do jovem moçambicano Emídio Macia, que perdeu a vida numa esquadra da polícia na África do Sul, no passado dia 26 de Fevereiro, estão a ser pressionados pelo Governo de Armando Guebuza para resolver o caso contra o Ministério da Polícia Sul-africana fora dos tribunais.



Mungoi Jr Ozias governo de quem?? Não seria de Moçambique?? É isso verdade?? Se for é vergonhoso e de falta de sensibilidade muito grande. 15/3 às 13:34



Mundas Mazoio Deviam le trancar logo esse, trinha k reagir d uma maneira diferente, são crianças pah. 15/3 às 13:34



Marco Herrmann Shit Islam and fuck Religions they ignore the crime and pain made by own members. 15/3 às 13:36



Vavvo Carvalho Gabriel meu nada d'justiça se faz aqui em moçambique Alice tem feito algo mais nosso boss e seus amigos é q põe água imagina só todo gov contra mana Alice, talvez mais eu e você q não somos nada equivale a zero. Eu de acordo com o uso da força pra esses casos 15/3 às 13:40



Luiz Otavio Guimaraes Ja que é pra ser radical.. corta a mão desse comerciante e vamos atear fogo no seu comercial.. pronto problema resolvido! 15/3 às 13:45



Gabriel Sito ai vem as eleições pessoal, eu ja tenho no total reunido 300 jovens comigo no barco, O votos a ladraagem que assola o país no que diz respeito da votação da minha locomotiva. agora cabe a vossos o resto. Não pq pertenço a algum partido, xtou farto de ser espremido que nem um cão viralata com todo esforço que faxo para sobreviver neste país maravilhoso marginalizado por meia dúzia de marginais. 15/3 às 13:49 · **Gosto** · 2



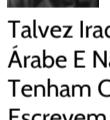
Dgjinho Jinho Esse tem k responder em juízo 15/3 às 13:59



Ibraimo Aldo E esses 520 que surripiaram sao deles? Apesar de ser condenável o acto protagonizado pelo senhor na minha opinião, sem considerar alguns princípios da sua religião, deve se arranjar uma forma de por medo a esses petizes que futuramente serão linchados por algo que semeiam agora...



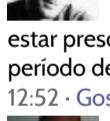
Khamal Khan Mussa Figo k vergonha, xtao preucpodox apenas com o bolso deles e não cm a família... K haja vergonha 15/3 às 13:59 · **Gosto** · 1



Osvaldo Chivale Si u axunto foxe dinheiro stariam la em Maçã, + k tpo d governo é exe pah.., ja xtamus kanxados sinceiramente fOra seus ladrões corruptos 15/3 às 13:59 · **Gosto** · 1



Manuel Charles Domingos País do padza memo ate aos mortos ja nao se respeitam ixo é falta d respeito a vida 15/3 às 13:59 · **Gosto** · 1



Iva Mugalela Se realmente isto é verdade, entao fico assustadíssima, porque estamos piores do que Eu imaginava. Assim podem



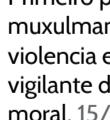
Henriques Nhanombe Isto é moçambique tudo na obscuridade 15/3 às 13:59 · **Gosto** · 1



Euroflin Guirengane Parabéns Jornal A Verdade. Vocês ajudam este povo "frustrado" a ser "mais frustrado" fazendo-o fugir do foco e fixar-se apenas em "perseguições e agitações políticas". Já que hoje usa-se os medias para fazer parecer que tudo é verdadeiro, os seguidores deste jornal trazem comentários... só prestar atenção na maioria dos comentários acima.



Jose Ramos Tou sem palavras, É 1 vergonha Tenho q mudar d nacionalidade 15/3 às 13:59 · **Gosto** · 1



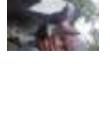
Suzana Serrano Eu penso haver aqui uma mistura de situações em que o Guebuza não tem que meter o "bedelho" porque a política não é para aqui chamada. A África do Sul tem que castigar severamente os seus polícias independentemente de a quem praticaram o crime... Ver mais 15/3 às 13:59 · **Gosto** · 1



Simiao Bila Sem comentários, não sei para que lado eu vou, ja não consigo chegar a verdade. Mas so espero que este caso tenha um fim, para a familia do jovem falecido ter PAZ. Esteja em Paz e com o senhor Deus Mido. 15/3 às 13:59 · **Gosto** · 2



Antonio Lucas Mabanga Lindo governo k temos, protegendo o pais pra nao ser cortado a mesada. 15/3 às 13:59 · **Gosto** · 2



BASIA GOVERNADA VENDIDOS CORRUPTOS Eu penso haver aqui uma mistura

Selo d'@Verdade

CIDADÃO REPORTA: aconteceu o que já se previa caros colegas

A quando da tomada de posse de Jorge Alexandre Arroz, ficou clarividente que teríamos uma Associação Médica de Moçambique diferente da que estávamos habituados.

tempo foi passando e algumas mudanças começaram a surgir, até a altura em que chegou o dia 'D'.

Lembrar que para muitos o dia "D" foi um dia como qualquer outro, simplesmente aguardavam o desenrolar da situação. Se desse certo tudo bem, e se não desse também tanto faz...

Colegas, Aquele dia "D" foi um dia muito difícil para Arroz e para aqueles que estavam a acompanhar de perto os passos que antecediam as 10 horas do dia D (hora de conferência de imprensa). Houve muitas chamadas, muitas ameaças, muitas promessas, muita coisa em tão pouco tempo (das 18 horas as 23 horas), mas Arroz foi firme.

Arroz punha em causa a sua cabeça, a sua vida, o seu emprego...Prevíamos tudo.

Bom, depois do memorandum achávamos nós que estávamos enganados nas previsões. Infelizmente, não estávamos enganados, o previsto aconteceu: No dia 18 de Fevereiro de 2013, por coincidência e que muitos me desmintam, Jorge Arroz recebeu da instituição onde trabalha uma carta intitulada: "Comunicação de caducidade de contrato de trabalho".

Como sei que muitos nunca receberam esse tipo de cartas, apresento-vos alguns trechos: "Nos termos do nº 1, da clausula 3ª do seu contrato de trabalho e ao abrigo da alínea a), do nº 1 do artigo 124, conjugado com o nº 1 do artigo 125 ambos da lei do trabalho, o seu contrato de trabalho cessa no próximo dia 30 de Março de 2013. Aproveitamos ainda informar que o mesmo não será renovado"....

Comentou-se no facebook.com/JornalVerdade

Delio Zandamela
Esta claro que Arroz esta a ser presseguido, espero que os medicos tenham a coragem que ele teve e usem o "um por todos e todos por um" 14/3 às 17:56 · Gosto · 5

Farida Momade se ele deu a cabeca por voces, chegou a hora de voces darem a mao. ele agiu como agiriam um em cem. facam o que poder pa ajudar esse homem. eu, ja sou fa dele 14/3 às 17:57 · Gosto · 3

Joaquim Joao Correia concordo.. eu ja aguardava uma vinganca dessas... 14/3 às 17:58 · Gosto · 2

Zito Mubay Bom gesto 14/3 às 18:01 · Gosto · 2

Marcilão Julio Ja era de se esperar. O neocolonialismo veio a tona aqui em Moçambique. Guebusness 14/3 às 18:05 · Gosto · 3

Azevedo Pacheo Muca'uro melhor que cortem o arroz dele que o meu, e isso k o pessoal deve pensar, ca pra me uma nova greve resolvia isso, pois eles deviam ter apresentado o motivo p rescindir o contrato ou a associação devia exigir isso, pois se aconteceu com ele o que acontecerá com voces 14/3 às 18:09 · Gosto · 3

Décio Ernesto Os reflexos do Dia "D"? Será? Não sei...mas, é chegada hora dos colegas darem a mão, ou por outra, arranje outro emprego sr Arroz. 14/3 às 18:11 · Gosto · 1

Edson David Ernesto Tangue Isto é país do panza, em que quem diz, exige a verdade / justiça é punido. Faz lembrar no

18:39 · Gosto · 3

Beto Matsombe Respeitosos médicos, os srs provaram ao povo que vocês não só salvam vidas por milagres mas porque também tendes conhecimento e são firmes. Avante, que haja mais força pra amparar o BOSS, ele merece o título e muito apoio. Força e muitos sucessos. 14/3 às 18:41 através de telemóvel · Gosto · 2

Núman Wane mais uma mensagem para quem ainda sonha com futuro melhor. Amigos, estamos a lidar com um BANDO DE GANGSTERS e nós temos a tarefa e missão de expurgar estes BANDIDOS nas próximas eleições. Mas, mesmo assim, algumas vítimas destes MALCRIADOS, vão votar neles, pois NUNCA VÍ UM Povo PANHONHO COMO O NOSSO. 14/3 às 18:24 · Gosto · 8

Gabriel Pangananhe Samson tenho certeza k ele e um bom medico e apeas alguns dias, DEUS O VEE 14/3 às 18:23 · Gosto · 3

Wanhane Wa Ka Intsamuele Eu tinha planos dl dia D para o meu sector mas paro por aqui. Este pais é autentica vergonha 14/3 às 18:33 · Gosto · 1

Jonas Deve Tenho e repito, chega de sermos pisados, maltratados, ver os justos sofrerem, o trabalhador passar fome, enquanto acorda todos os dias para o trabalho honesto enquanto o ladrão enche a pança... o fim de toda essa chafurdisse, maracatia, roubalheira e impunidade deve se chamar eleições gerais. Em 2014 vote pela mudança sem medo, vote por um moçambique livre de corruptos. 14/3 às

·Gostaríamos de o recordar que por força da caducidade do contrato o seguro de saúde e de vida foram cancelados` ...

Colegas para quem nunca recebeu este tipo de cartas, acreditem que não é boa coisa. Quero que fique bem claro que não há nenhuma relação entre esta carta e o facto de Arroz ser presidente da AMM e ter estado presente no dia 'D'.

que venho apresentar aqui é o facto de termos um colega que a 30 de Março de 2013 não terá emprego, este colega não tem economia guardada, não tem familiares de posse, não tem muitos amigos de posse.. , Mas então o que ele confiava??? Confia nos colegas Médicos pelos quais ele entregava a cabeça.

Neste momento caros colegas, temos um dirigente que não sabe como vai pagar a ren-

da de casa em Abril, Maio, Junho, Julho... Se guardou alguma moeda provavelmente vai dar para alimentar sua família até 30 de Abril.

Venho colocar para reflexão, adiantando que em reconhecimento aos últimos feitos dele, se a Associação assim o achar e em assembleia própria decidir, propor que pelo menos com os fundos disponíveis paguemos algumas despesas de sobrevivência (Renda de casa, água, luz e telefone), para que ele encontre forças para continuar a tarefa que lhe incumbimos. Até se restabelecer do choque, e encontrar meios próprios, sei que ele vai em pouco tempo. Colegas, saco vazio não fica em pé.

Esta é minha proposta inicial, acredito que temos várias discussões em torno do assunto, mas alguém devia começar... Comecei

Boa discussão.

Merkito Hunguana mudemos d tactica, o pior é k temos um partido da oposiçao k n é nada séria 15/3 às 11:40

Langa La Makhosi Um país com falta de profissionais da saúde para agir desta forma. Compatriotas médicos aqui vai mais uma batalha por travar, este homem perde o "pão" por uma colectividade. 15/3 às 11:53

Wilson Pagavene Emfermeiros em agonia na província de tete estão a 9 meses sem salarios. Porque o administrador distrital ainda não assinou os cheques. 15/3 às 13:02

Ronaldo Rui Rui Tenho k confessar k no principio n xtava de acordo com a greve, face as consequencias k dela advinham. Mas a atitude do governo essa sem duvida é' uma autentica covardia, repito COVARDIA. N se pode agir dessa forma, como associaçao tinham sim o direito de reclamar, onde circula a liberdade de expressao, em k província, distrito ou localidade reside a democracia? Entao isso e' um aviso k aki todos tem k dançar a nossa musica, kem n gosta tiramos fora, tamos aonde. Xta no direito do gev.

Cristiano Timbane Por favor medicos de todo pais, ja venceram a principal batalha, entao pensem agora no vosso general, ele precisa de voces, queremos ouvir ate dia 30 de Março 2013 um desfecho desse assunto 15/3 às 8:04

Núman Wane eu topei há long time 15/3 às 8:24

Daudo Caixote Cmo pxo xamar a exe tpo d at'tud. Ensultr n é xoluxao. Me doi muito. 15/3 às 8:39

Ivaldo Kuczowski 9 meses sem receber salários????? Não tem CADEIA nesse país????? Ontem às 4:30

que, aquele que selou pelos VOSSOS INTERESSES, E NAO SÓ, sofre as consequências INDEVIDAS, POR PARTE DOS NOSSOS ACTUAIS GOVERNANTES.. E tenho dito. Muito Obrigado. Me desculpem por alguns erros, ortográficos, que possa ter cometido 14/3 às 19:05 · Gosto · 2

Cabral Nhampule Assim não da este pais esta muito mal 14/3 às 19:22

Cejumo César A Frelimo é que Fez. A Frelimo é que Faz! 14/3 às 19:25

Tomas Pedro Carvalho Revolução popular à vista 14/3 às 19:25 · Gosto · 1

Leonardo Gasolina Dá para ver e saber que o nosso país "Mozambique só temos chefes enquanto o povo necesita de dirigentes, líderes. Quem nos pode ajudar? Arroz, cabeça erguida, afrente é o caminho! 14/3 às 19:36 · Gosto · 1

Joaquim Joao Correia aguardemos o pior nos proximos dias... 14/3 às 19:39

Roque Rshit é por isso esta a ser dividido em pedasso 14/3 às 19:39

Maria Calhosa Eu tenho o poder nao tentas enfrentar pk veras o meu poder, FRELIMO! O deus em MOCAMBIQUE. 14/3 às 19:45 · Gosto · 1

Angelo Tomas Guambe Tovele Um dia, serao julgados... 14/3 às 20:03

Calton Gelado quem ta na linha de frente é q sofre. O pais ta contigo. Deus é grande 14/3 às 20:05

Mario Albano Albano Eu acho que os politicos

Selo d'@Verdade

Carta à musa que desejo ao descer a esta cidade

Quando desço a esta cidade, afago com o dorso da desgraça os olhos cansados. Afago no aconchego da solidão, a vertigem da ovelha enganosa. És vento quando te canto. A voz desencantada dos troços perdidos fornica-se com esta ausência perene. Se Deus é pai, eu sou o príncipe, um padrasto entre as ruas desta cidade, que te perde entre as gentes que se degustam afáveis da velha desgraça.

Se Deus é pai, sou padrasto, vizinho distante de Zaus, esse Deus homem, porque te quero com o sangue fervescente a trepar as acácias até Malhangalene. Se não te encontro entre os rumos e rugidos de pernas arqueadas desta cidade, sacudirei os palmos filtrados na Mafalala até Maxaquene. De perto ou de longe.

Onde me abeiro todas as noites, ou deambulo apátrida dos teus encantos, mulher, entre mulheres, minha musa, aquela de olhos castanhos, peito em amadurecimento, corpo a tocar Arpa e, os lábios, essa sinfonia ascética. És a Mona Lisa, os teus dedos renunciam desencantos das coisas pegajosas. A tua pele desafia a cor de uma manhã saciada de nevoeiro. Caminho-te como as estradas lisas, tão raras nesta cidade.

As tuas pernas, por exemplo, são rimas de um poema que está por ser escrito. Aí, se Deus é poeta, à semelhança de Pablo, cantarei os amores, em jeito de dizer que te amo, como nunca soube. Beijo esta cidade, nas costas, na costa, na crosta, na rota, e entro pela rua das flores onde floresço as avenidas ensopadas de povos. Beijo-te, ó cidade, como beijo-te, ó musa.

Beijo-te com as tuas feridas insaráveis, com a silhueta aquecida do teu umbigo, o néctar esfriado entre os seios, com os rios de desgraça que carregas nas rugas futuras, com os passos latentes para nada, com os teus cabelos mutilados, com as tuas mágoas, o âmago entrustecido de saudade e partidas. Beijo-te como beijo as sarjetas desta cidade que fermentam corpos humanos, mal apodrecidos desde as últimas chuvas que coaram o tempo.

Beijo-te na altura de Samora estendido ao céu, ou o júnior, esquecido ao pó. Beijo-te como as ruínas da esquina entre 25 de Setembro e Samora Machel nas quais

as crianças perdidas no entardecer dos dias habitaram e chamaram-na a casa do Escuro. Beijo-te nessa ilha, casa de pequenos empobrecidos, heróis esquecidos do quotidiano gorduroso dos Pajeros importados ou Land Cruisers que não aparentam a pobreza desta cidade.

Beijo-te, minha musa, como beijo as feridas e os vermes dos velhotes no pêndulo, pedintes de tormentos e misérias que só esta cidade sabe dar. És a musa que beijo no camarão a retalho estendido à entrada do porto, onde os miseráveis assalariados, desta cidade, fingem boa vida, espécie coitada essa!

Dou-te o beijo tão doce como o mel inesgotável dos cangongueiros desta cidade, que pariram abelhas infecundadas, tanto quanto e dou o beijo tão amargo, das bebidas venenosas que Tentam essa juventude amaldiçoada por gentes que não param nos semáforos e nem os vidros abrem com medo desses afeitados Bosses de embriagar juízos.

Beijo-te tão docemente, minha musa, minha princesa, Diana ou Das Dores, nesta cidade amadurecida precocemente, tanto quanto te beijo, amargamente, minha santa, Isabel, consoladora dos aflitos (rogai por nós), minha guardiã de infortúnios que não acabam quanto os pés deste poema ensanguentado (rogai por nós). Beijo-te com a saliva das chuvas que hão-de vir e solverão gados, galinhas, patos e patas, tanto quanto solverão, um dia, as barbas desta cidade, que cai por cima das barbas dos donos das barbas.

Beijo-te todos os beijos, amargurados, ou adoçados, porque és minha musa, nesta cidade. És o beijo de mulata de pele escura, ou de uma preta em amarelecimento como as mangas violadas em tempos de puberdade.

Beijo-te os beijos que voltarei a beijar-te, mesmo na saudade que sinto de ser mais doce que isto, comparando-me a raízes exorcizadas, quando a cidade, esta, voltar a deixar-me habitá-la sem as fornicações empestadas que me deixam constantemente prenhe de ira e desejo exacerbado da tua carne temperada aos sóis de sempre.

Eduardo Quive

www.verdade.co.mz

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROIBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

MURAL DO PVO - FRELIMO

Falsidade, arrogância, Elitismo, Ladroagem, Incompetência, laMbebotismo, nepotismo.

MURAL DO PVO - Município

Porque é que a cidade está neste estado? Vocês já viram alguém organizar uma corrida de cavalos com burros?

MURAL DO PVO - MOZAL

O que a Mozal deve fazer é construir bairros a 10Km da fábrica. Sou químico, sei que os gases que ali saem matam a vegetação e todo o ser vivo do reino animal. Não nos esqueçamos de Chernobyl (Rússia)

MURAL DO PVO - ENCURTAMENTO DE ROTAS

Acabo de chegar de Inhambane e apanhei um "chapa" que fazia

a rota Liberdade - Anjo Voador e obrigaram-me a descer na Vitória. Onde está a fiscalização?

MURAL DO PVO - CRIMINALIDADE

O Ministério do Interior, por mais que se equipe até aos dentes, não vai acabar com o crime. Constante relacionamento Igreja/Ministério do Interior exige-se.

MURAL DO PVO - FALTA DE EMPREGO EM MOÇAMBIQUE

Mentira!!! Do Rovuma ao Maputo, do Zumbo ao Índico, é só o Ministério do Trabalho decidir: carvoeiro, lenhadores, pescadores, fazedores de blocos de argila, etc., etc., mesmo que tenha que reeditar a operação produção. Valeu?

MURAL DO PVO - EMPREGADAS

DOMÉSTICAS

Escravas do Século 21. Se o Ministério do Trabalho não fiscaliza este sector, a quem serve afinal?

MURAL DO PVO - DESCONTOS NA POLÍCIA

O porta-voz da PRM mentiu ao afirmar que não havia/há descontos compulsivos no salário dos seus membros. Há, sim senhor. Vide os verbetes do mês de Fevereiro.

MURAL DO PVO - JUSTIÇA

Até onde vai a impunidade neste país? Basta ter bom comportamento nas celas para ser libertado!!! Será que se fará justiça do caso Carlos Cardoso??? "Lixe-se" a justiça!!!

MURAL DO PVO - FRELIMO

Pulga não é cão, é parasita. Piolho não é cão, é parasita. Carraça não é cão, é

parasita. Dirigente da FRELIMO não é povo, é parasita. Governante não é povo, é parasita e ladrão. Ao invés de lutarmos contra a pobreza, vamos primeiro eliminar os parasitas!!!

MURAL DO PVO - ASNEIRA DE INTACA

Porque é que o senhor Arão Nhancale, edil da Matola, não se reuniu com os ancestrais de Intaca antes de colocar as 5000 casas? Sr Nhancale, o Sr. é africano e sabe que os defuntos "vapfuka" (vingam-se)? Coitados dos jovens que mal orientados ali se instalaram. Com a extensão deste país porque é que não optou pela auto-construção?

MURAL DO PVO - BEBEDOUROS E SANITÁRIOS À VISTA NOS HOSPITAIS

Um dia destes, entrei na copa da

medicina do Hospital Psiquiátrico do Infulene. Fui corrido alegadamente porque a copa é para os trabalhadores.

MURAL DO PVO - ÁGUA PARA TODOS

Nos órgãos de informação o Governo diz que apenas "X" porcento beneficia de água potável. Não é justo. 4/5 de Moçambique é água. Eu, por exemplo, sou técnico tratador químico de água. Por não alinhar com igualitarismo fui posto no olho da rua na década 80. Mas os meus conhecimentos sobre potabilização deste líquido precioso estão frescos. Se houvesse um ministério dos rejeitados eu integrar-me-ia para dar de beber ao povo moçambicano água potável. Autorizo o jornal "@ Verdade" a dar o meu número de telefone a quem estiver interessado.

MURO DA VERDADE - Av. Mártires da Machava, 905

Comunicado

Onde quer que esteja seja um **CIDADÃO REPORTER**
Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!

Reporte através de um twit para **@verdademz**



“As prisões e o sistema governativo precisam de ser melhorados”

Perante a deterioração da situação do recluso em Moçambique e a discriminação que este sofre por parte da sociedade após o seu regresso à comunidade, é necessário melhorar o sistema governativo e das cadeias. Quem assim o diz é Francesco Margala, director da instituição Vila Interior do Progettomondo.mlal, um programa que tem como objectivo melhorar a condição da pessoa reclusa (com destaque para a criança) na província de Nampula.

Texto: Redacção • Foto: Nelson Miguel



@Verdade - O que é Progettomondo.mlal?

Francesco Margala (FM) – O Progettomondo.mlal é uma organização da sociedade civil italiana que trabalha na província de Nampula desde o ano de 2002. No princípio, trabalhávamos com as Caritas na área dos direitos humanos, sobretudo com as populações com pouco domínio da cultura jurídica e fraco poder financeiro, com destaque para os reclusos.

@Verdade - Qual é o vosso objectivo?

FM – O nosso objectivo é melhorar as condições básicas dos reclusos na província de Nampula e trabalhamos na Penitenciaria Industrial, na Cadeia Feminina, localizada na zona da Rex, e na Cadeia Provincial de Nampula. Dizer também que estamos mais preocupados com a criança reclusa em Moçambique.

@Verdade - O que motivou a escolha da província de Nampula para a realização das vossas actividades?

FM – Depois de um estudo feito, descobrimos que a província de Nampula regista o maior número de casos criminais a nível de Moçambique, daí que tenhamos direcionado as nossas actividades para os reclusos, porque estávamos preocupados com a sua situação. Desenhámos um projecto que pudesse garantir a não violação dos direitos humanos dos reclusos.

Desenhámos estratégias que nos permitissem conviver com os reclusos, o que permitiu que eles nos entendessem. Nos primeiros dias não nos entendiam, tivemos de escolher aqueles prisioneiros cujo comportamento era positivo e começámos a trabalhar no interior das cadeias, explicámos-lhes como deviam comportar-se naquele local e como evitar conflitos entre eles e os funcionários das prisões.

Depois daqueles trabalhos, ganhámos força e fomos introduzindo vários pacotes paulatinamente com destaque para grupos culturais de teatro, banda musical, clube de futebol, entre outras actividades que pudessem entreter-lhos.

E, com os estudos que fomos realizando, definimos como desafio trabalhar para a regeneração dos jovens e das crianças prisioneiros. E para a concretização das nossas actividades trabalhamos com os Serviços Nacionais de Prisões, a Universidade Católica de Moçambique (UCM), a UNILÚRIO, Caritas e Instituto de Patrocínio e Assistência Jurídica (IPAJ).

@Verdade - O que têm feito de concreto visando o bem dos reclusos?

FM – Temos um programa designado “Actividade terapêutica” que serve para abrir as mentes dos reclusos, entrete-lhos e criar espaços de convívio durante o cumprimento das suas penas. O que acontece nas cadeias moçambicanas é que muitos reclusos não têm convívio, a vida deles resume-se à ociosidade. Por isso criámos o programa para que eles se descontraiam, para que não pensem muito na situação em que estão. O programa inclui também actividades como a agricultura, criação de galinhas, entre outras.

Foi no âmbito do programa que formámos a “Anamavencia”, uma banda musical que tem participado em vários festivais, com destaque para o Tambolane Tambolane, em Pemba, província de Cabo Delgado,

Festival Cultural da Beira, e o Festival dos Jogos Tradicionais em Lichinga e Ilha de Moçambique. Além deste conjunto musical, temos um grupo teatral que tem actuado todas as semanas nas diferentes cadeias distritais desta parcela do país.

Temos ajudado na reinserção social dos reclusos depois de cumprirem as suas penas, sobretudo para fazer com que eles consigam realizar algumas actividades de geração de rendimento, no sentido de conseguirem algo para o seu auto-sustento e deixarem de cometer crimes. Foi para isso que formámos serralleiros, carpinteiros, electricistas, pedreiros, agentes de hotelaria e turismo, canalizadores e agricultores. Estes cursos são promovidos pelo Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional e patrocinados pelo Progettomondo.mlal.

@Verdade - Quantos reclusos foram formados até agora?

FM – Até agora já formámos mais de 200 pessoas que já estão fora das celas e que estão a promover as suas actividades junto à população. O que queremos é que os ex-reclusos não sejam rejeitados pela sociedade por falta de conhecimento de alguma actividade. A formação deles começa na cadeia e eles têm algum acompanhamento até que consigam espaço na comunidade. Por isso promovemos palestras sobre a saúde, área civil, nomeadamente a divulgação das leis que os defendem e que lhes condenam, educação, entre outros temas. Este ano foram abrangidas 500 pessoas.

@Verdade - Quem ministra as palestras aos reclusos?

FM – Temos activistas formados (a nível superior) nas diferentes áreas de actuação, tais como saúde, educação, comércio, agricultura, criação de frangos e empreendedorismo. Eles trabalham dentro e fora das cadeias. Estamos preocupados com a ética e com a moral dos reclusos e da população e queremos que eles deixem de cometer crimes.

Depois da soltura, os activistas acompanham os ex-reclusos e apresentam-lhes às autoridades locais, para que não sejam rejeitados pela comunidade, pois esta receia que eles cometam novos crimes. Fazemos isso porque em Moçambique há uma cultura de exclusão social das pessoas que saem das cadeias.

E, neste momento, estamos a dar assistência a 30 ex-reclusos, na sua reintegração nas comunidades, e, como não fazemos “milagres”, há uns que se endireitam e outros que voltam a cometer crimes. Aqueles que seguem os nossos conselhos conseguem constituir famílias, continuar a estudar e desenvolver as suas actividades.

@Verdade - Há exclusão dos ex-reclusos na sociedade moçambicana?

FM – Sim, depois de um cidadão ficar muito tempo na cadeia, a sua integração na sociedade não é fácil. A comunidade não quer saber dele, alega que é um criminoso, por mais que tenha cumprido a pena. Chega mesmo a dizer que não pode conviver com as outras pessoas sob pena de lhes transmitir “o seu comportamento”. É por isso que temos feito um acompanhamento após a soltura (do recluso) e ministrámos cursos profissionais.

@Verdade - Falou da criança reclusa em Moçambique. Quantas crianças estão detidas nas cadeias onde promovem as vossas actividades?

FM – Neste momento trabalhamos com 200 crianças reclusas. Com a nossa presença nas prisões, conseguimos criar um espaço que chamamos “Prisão Escola”, onde elas têm celas separadas dos mais velhos, e eles encontram-se durante os momentos de lazer ou durante o considerado banho solar. A nossa luta é evitar, o máximo possível, o convívio entre as crianças e os mais velhos nas cadeias.

Em 2006, na Penitenciária Industrial de Nampula introduzimos a 6ª classe e, presentemente, já temos a 11ª e no próximo ano será leccionada a 12ª classe. Esta tem sido uma das maiores realizações que temos vindo a alcançar nestes anos todos, porque actualmente todos os jovens da cadeia (200 no total) frequentam a escola, sem contar com os adultos que também estão a ter a oportunidade de estudar. Os certificados são emitidos pelo Ministério da Educação.

Concordamos que aqueles menores não têm os 16 anos, idade mínima para alguém ser detido em Moçambique, segundo a lei. Se reparar, muitos deles têm 14 ou 15 anos de idade e estão detidos porque não têm um documento que prove que eles são menores. Esse é um problema transversal pois é normal encontrar no país pessoas que atingem a fase adulta sem nunca ter tido um bilhete de identificação.

@Verdade - De onde provêm os fundos para a implementação das vossas actividades?

FM – Tivemos dois projectos financiados pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália e pela União Europeia. Para a sua implementação tivemos um fundo avaliado em 800 mil euros, que permitiu a reabilitação da Cadeia Feminina e da Penitenciária de Nampula, a introdução de cursos profissionalizantes para os reclusos, a promoção de actividades agrícolas e criação de frangos e a instalação de postos de saúde junto àquelas prisões.

@Verdade - O que produzem nos centros abertos, principalmente nos de Ituculo e Rex?

FM – Nós temos 500 hectares de terra onde temos vindo a produzir diferentes produtos agrícolas, como o milho, hortícolas, mandioca, árvores frutíferas e criação de frangos. Naqueles campos são somente os reclusos que trabalham e o resultado tem sido canalizado para a melhoria da sua dieta alimentar. No ano passado conseguimos alimentar cerca de duas mil pessoas durante oito meses, com duas refeições por dia o que não acontecia anteriormente, uma vez que por dia tinham direito a apenas uma refeição.

No centro aberto na zona da Rex, criámos um núcleo de produção de frangos, liderado por quatro mulheres reclusas. Isso melhorou a sua dieta alimentar. Agora elas comem frango duas vezes por semana.

Com o fundo do projecto conseguimos patrocinar três ciclos de produção de pouco mais de 500 frangos e todos os lucros foram usados para a ampliação do aviário e a fase de arranque das últimas produções. Há três meses que estamos a produzir entre 600 a 700 frangos, que abastecem o mercado local e uma parte é destinada à alimentação das mulheres reclusas.

continua Pag. 14 →

→ *continuação*

Violão dos direitos humanos nas cadeias

@Verdade - Os direitos dos reclusos são violados com frequência nas cadeias da província de Nampula?

FM - Desde que o projecto foi introduzido as coisas melhoraram significativamente. As violações sempre existiram, não é por culpa de alguém, mas sim do sistema governativo do país, que não está certo, muito menos num bom caminho. É necessário entender que quando se fala da violação dos direitos humanos das pessoas não se refere somente aos maus tratos ou à falta do direito à palavra, mas deve-se olhar para o caso do encaminhamento de processos correctos dessas pessoas e bons procedimentos com respeito à lei. Volto a dizer que é o sistema governativo ou das prisões que precisa de ser melhorado e não são as pessoas apenas.

@Verdade - Quais são as condições das celas da província de Nampula?

FM - As que eu já visitei estão superlotadas, mas não é numa situação alarmante. A situação mais gritante verifica-se na cadeia provincial que, para além da superlotação, se debate com a precariedade de higiene, entre outros problemas graves que carecem de uma intervenção imediata.

@Verdade - Quais são os próximos passos do ProgettoMondo.mil?

FM - Como disse no princípio, depois de concluirmos o programa "Vida Interior", que trabalha com reclusos, vamos, com coordenação com o Centro de Pesquisa Konrad Adenauer, introduzir um projecto cuja missão será fiscalizar a situação da componente social dos megaprojectos que estão a desenvolver as suas actividades na província de Nampula. Queremos exigir que todos os que exploram os recursos naturais deixem um legado que possa marcar os moçambicanos e todos os que um dia pretendam visitar este país.

Também queremos fazer pesquisas que vão promover a questão da responsabilidade social em Moçambique, cujo objectivo é chamar a atenção das autoridades governamentais no sentido de darem um contributo nessa área, que consideramos muito nova no país.

PJ quer ver problemas da juventude nos manifestos dos partidos políticos

O Parlamento Juvenil (PJ) quer que os manifestos eleitorais das diferentes formações políticas espelhem de forma clara os problemas que afectam a juventude moçambicana e vislumbrem as possíveis soluções.

Texto: Redacção

Para o efeito, o PJ, representado ao mais alto nível pelo seu presidente, Salomão Muchanga, está a levar a cabo acções de divulgação, junto aos partidos, do seu manifesto político, do qual constam os aspectos problemáticos que devem ser tomados em conta na época da campanha e solucionados durante a governação. Do referido documento constam assuntos de índole social, económica, cultural e política.

A sua divulgação visa criar uma plataforma de diálogo com as diferentes formações políticas de modo que os seus manifestos tenham em consideração os interesses da juventude moçambicana.

Nesse âmbito, o PJ reuniu, na Segunda e Terça-feira, na capital moçambicana, em encontros separados, com o secretário-geral da Renamo, Manuel Bissopo e o chefe da Bancada Parlamentar do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), Lutero Simango.

Numa declaração ao @Verdade depois da audiência com o MDM, a oficial de programas do PJ, Quitéria Guirengane, esclareceu que estes encontros têm em vista "partilhar com as lideranças políticas o manifesto político da juventude", acrescentando que o documento em causa não reflecte somente matérias relativas ao processo eleitoral, mas sim todas as preocupações dos jovens.

A fonte disse ainda que, para além do ponto acima referido, nos encontros com os partidos políticos é discutida a questão de acesso, por parte dos jovens, aos cargos de liderança dentro dos partidos e os moldes em que os mesmos são exercidos.

O PJ entende que em relação ao número de jovens que ocupam cargos de decisão no seio dos partidos políticos deve-se usar o sistema de quotas. Ou seja, cinquenta por cento dos cargos decisórios devem ser ocupados por jovens. O mesmo deve acontecer

em relação à questão de género.

Entretanto, a nomeação aos mesmos deve ter em conta a competência e a capacidade de liderança. Com estas exigências, o PJ pretende acabar com as abundantes situações de jovens que, militando nos partidos, se limitam, no exercício das suas actividades, a fazer eco às decisões tomadas pelos seus superiores.

Para conseguir esse desiderato, os jovens parlamentares irão direcionar o seu foco às ligas juvenis existentes nos partidos para que estas capacitem os seus membros. "As ligas juvenis devem potenciar os jovens que os representam nos partidos", disse Guirengane, tendo acrescentado que "normalmente, as ligas juvenis nos partidos políticos limitam-se a reproduzir os discursos partidários, sem, no entanto, apresentar posições que estejam ligadas os interesses da juventude. Isso deve mudar".

Quebrar o ciclo de falsas promessas

O Parlamento Juvenil diz pretender acabar com o ciclo vicioso de manifestos políticos que terminam em promessas não cumpridas. Para tal, irá exigir dos partidos políticos a inclusão, nos programas de governação, de todas as promessas feitas durante a campanha bem como o seu cumprimento.

Tendo em vista esse objectivo, a nossa interlocutora assevera que, doravante, o PJ, durante as campanhas eleitorais, irá exigir dos partidos políticos o seu manifesto político, instrumento essencial para quem vai votar.

"Queremos que os jovens tenham um manifesto político que reflecta de forma clara as necessidades da juventude," disse, sublinhando que os "jovens não devem contentar-se só pelo facto de ter bonés e camisetas, mas sim devem exigir o manifesto político".

Fórum Mulher quer inclusão das suas preocupações nos manifestos eleitorais

O Fórum Mulher exige que sejam incluídas nos manifestos políticos das próximas eleições algumas preocupações das mulheres e as possíveis soluções por parte do Governo a ser eleito nas próximas presidenciais e legislativas, que deverão ter lugar em 2014.

Texto: Redacção

Para o efeito, esta organização elaborou um manifesto político, no qual apresenta o que considera de principais questões que deverão merecer a atenção do futuro Executivo.

De acordo com Sheila Mandlate, membro do Fórum Mulher, deve haver mais acções concretas nas áreas da saúde da mulher, da mortalidade materno-infantil, nos métodos de prevenção do HIV/

SIDA, na inclusão da mulher em processos de tomada de decisão, na implementação da lei contra a violência, no acesso ao crédito bancário, à terra, dentre outras.

A nossa interlocutora fez saber que o processo de auscultação das preocupações das mulheres decorreu no ano passado em todas as províncias e culminou com um encontro nacional, no qual se produziu o documento final.

Comissão Ad Hoc vai escolher membros da sociedade civil para integrar a CNE

Texto: Redacção

Foi criada, na última quarta-feira, a Comissão Ad Hoc que irá proceder à selecção dos futuros membros da sociedade civil que deverão integrar a Comissão Nacional de Eleições (CNE). Trata-se de Carlos Vasco, Fátima Madeira, António Amélia Danilo Ragu, propostos pela Frelimo, e Geraldo Carvalho, indicado pelo MDM, sendo que a Renamo pautou pelo boicote.

Estava previsto que fossem eleitos sete membros para esta comissão, porém, a Renamo, dando vazão à sua intenção de boicote, optou por não propor nenhum membro, obrigando a redução do número de elementos para cinco.

O grupo, com um mandato de 30 dias a contar a partir da sua criação, tem a tarefa de, num prazo de 15 dias, apresentar o processo de desencadeamento de candidaturas a membros da Comissão Nacional de Eleições.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si twitter.com/@verdademz



Partidos defendem melhoria e acessibilidade do calendário eleitoral

Os partidos políticos afirmam que o calendário eleitoral para as próximas eleições autárquicas, a ser aprovado nos próximos dias, deve ser estruturado de modo a facilitar a sua compreensão.

Texto: Redacção

É que nos pleitos passados, segundo argumentam, o calendário apresentava uma “estrutura complicada” e com os prazos de realização das actividades muito apertados, o que dificultava o seu entendimento e o consequente cumprimento.

Para reverter este cenário, a Comissão Nacional de Eleições (CNE) apresentou aos partidos políticos, na última segunda-feira (18), em Maputo, o projecto do calendarização das eleições autárquicas, a terem lugar no dia 20 de Novembro.

O acto tinha em vista colher subsídios para posterior melhoramento deste documento.

Foi um encontro bastante concorrido pelas diferentes formações políticas, com a Renamo, o maior partido da oposição, a pautar pela ausência.

A iniciativa de reunir os partidos políticos para lhes dar a conhecer o projecto do calendário mereceu o louvor por parte destes, uma vez que tiveram a oportunidade de dar as suas contribuições para aquilo que deve ser o calendário definitivo a ser anunciado nos próximos dias.

Entretanto, apesar de aprovarem a iniciativa, alguns dos partidos políticos que estiveram presentes no encontro consideram que o projecto do calendário eleitoral, ora apresentado, carece de muitas melhorias para atingir o nível desejado.

“Saio com uma impressão negativa em relação a esse calendário”, afirmou José de Sousa, porta-voz do Gabinete da Central de Eleições do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), que foi secundado por Francisco Campira, presidente do partido PASOMO, que também defende a opinião de que o calendário precisa de ser melhorado.

No encontro, foram ainda levantadas questões relativas à estrutura do documento. Os intervenientes defendiam a ideia de que o mesmo deve seguir a cronologia das actividades, para além de que situações de incompatibilidade das datas com as actividades a serem executadas devem ser devidamente acauteladas.

No entanto, as formações políticas acreditam que, com o tempo que resta para as eleições, ainda é possível melhorá-lo e implementar as mudanças por eles sugeridas.

Freílmo e MDM legitimam o seu domínio na CNE

O Movimento Democrático de Moçambique (MDM) e a Freílmo consideram legítimo que a Comissão Nacional das Eleições (CNE) seja constituída maioritariamente por partidos políticos em detrimento da sociedade civil.

Texto: Redacção

Esta posição foi manifestada na última segunda-feira (18), em Maputo, durante a apresentação do calendário das eleições autárquicas.

Segundo argumentou o porta-voz do Gabinete Central de Eleições do MDM, José de Sousa, “as eleições são de interesse dos partidos políticos”, por conseguinte, “a maioria dos membros da CNE deve provir dos partidos”.

Embora não apresente argumentos, Sousa é de opinião de que “ainda não é tempo de termos, em Moçambique, uma CNE completamente despartidarizada”.

Por sua vez, o chefe do Departamento da Organização da Freílmo, Morais Mabweka, esquivando-se um pouco da questão colocada sobre a visão do seu partido em relação à possível partidarização CNE, diz que “o importante é seguir a Lei.”

“Se a Lei diz que a sociedade civil deve ser representada por três pessoas, então que sejam esses a representar”, justifica.

Para Morais, mais do que olhar de forma crítica para a constituição da CNE, que é ditada por lei, o que deve ser feito é encontrar pessoas que possam conferir melhor representatividade da sociedade civil na CNE.

“Devemos orgulhar-nos da sociedade civil que nós temos, e não criticá-la”, concluiu.

Um visual bem fresco, sempre a proteção completa.



Para mais esclarecimentos, ligue para Armando Guiamba, Gerente Nacional de Vendas FMCG, Tel +258 21 750 042

Comunicado

31295

Sociedade civil contesta critérios de escolha de candidatos a membros da CNE

Organizações da sociedade civil reprovaram na semana passada, em Maputo, a proposta apresentada pelo Observatório Eleitoral (OE) para a seleção de candidatos que deverão fazer parte da Comissão Nacional de Eleições (CNE). Em causa está o que elas apelidam de falta de rigorosidade nos requisitos e nos critérios estabelecidos para o efeito.

Texto: Redacção

As organizações que estiveram presentes aquando da divulgação do processo de seleção de candidaturas da sociedade civil para a CNE defendem que estes preceitos devem ser mais específicos e rigorosos. Não basta parecerem ou serem uma cópia dos que estão previstos na lei de modo a permitir a escolha de pessoas idóneas e com qualidades necessárias para as funções que deverão desempenhar.

Os critérios para a nomeação dos membros do júri também geraram discordância uma vez que são os mesmos dos pleitos eleitorais anteriores. Sobre este ponto, o porta-voz do Observatório Eleitoral, Sheik Abdul Carimo, esclareceu que a seleção do júri não obedeceu a nenhum método específico.

“O júri actual é a réplica do anterior (das últimas eleições). Nós notámos que fez um bom trabalho e decidimos que seria o mesmo este ano”, afirmou, tendo sido contradito com o argumento de que a decisão de se manter o júri revela falta de dinamismo neste processo, que se pretende seja inclusivo e abrangente.

“Há que ter novas pessoas neste processo e as escolhas devem estar assentes em critérios previamente estabelecidos”, referiu um dos presentes, acrescentando que “há nomes neste júri que não sei se estão ou não filiados em partidos políticos”.

Algumas figuras que constam da lista do júri para o próximo escrutínio são:

Fernando Lima, Brazão Mazula, Dom Dinis Sengulane, Dom Francisco Chimoio, Lourenço do Rosário e Maria da Graça. Ao todo são oito membros. Aliás, as associações querem ver acautelada a questão de género e reprovam que a lista apresentada tenha somente uma mulher.

Parlamento deverá seleccionar os três membros da sociedade civil

De referir que a sociedade civil deverá apresentar à Assembleia da República (AR) um mínimo de 12 e máximo de 16 candidatos, dos quais a comissão ad-hoc irá eleger apenas três membros para a CNE. Neste contexto, nos distritos já começou o processo de entrega de candidaturas.

No acto da manifestação da pretensão, o indivíduo deverá apresentar uma carta de candidatura, o seu currículum vitae, um pequeno ensaio sobre a sua visão em relação ao país e a candidatura deverá chegar ao OE através da associação na qual o candidato está filiado.

O concorrente deve ter a nacionalidade moçambicana, não ser membro activo de algum partido político, não ter representado partidos políticos no mandato anterior, não desempenhar cargos de relevo em algum partido político, ter domínio da legislação eleitoral, dentre outros requisitos.

Ferro-velho: Um negócio pesado e pouco lucrativo

É um negócio lucrativo para o revendedor final, mas regista – nos últimos tempos – uma grande adesão de jovens. Um quilograma de ferro leva aos bolsos dos recolectores seis meticais. Quanto fica com os proprietários do estaleiro é um segredo guardado a sete chaves. @Verdade sabe, contudo, que é mais do que o dobro. Um 'bom' dia de trabalho rende 200 meticais. Mas isso não é lucro. É receita...

Texto: Redacção
Foto: Miguel Manguezé

Tudo começou com uma conversa entre três amigos: José, Alberto e Mula. Conhecem-se há muito e vêem-se poucas vezes. Para o que este assunto diz respeito encontraram-se a 31 de Dezembro, nas festas da despedida do ano 2008.

A data não é inócuia. O que aí vinha já estava mais ou menos claro para os três, mas não o conformismo, indignação mesmo, em relação ao estado de coisas e à falta de emprego. Clima de insegurança, em suma. E a questão era: sem escolaridade por aí além e a gritante falta de oportunidades para a juventude, como é que se pode sobreviver? O que é que se pode fazer? Vender recargas de telemóvel? Atravessar a fronteira e tentar a sorte no país vizinho? Já tentaram inúmeras vezes. Já chega. A hipótese acabou por surgir: vender ferro velho.

A ideia calou fundo no consciente dos três amigos e daí decidiram passar à segunda fase: implementar e dominar as lógicas de um mercado onde os recolectores são o elo mais fraco.

Arranjaram um txova e colocaram o destino das suas vidas na capacidade de encontrar ferro velho um pouco por toda a cidade de Maputo. "Não é fácil", diz José o mais novo dos três amigos. "Há vezes que saímos às Shoras para regressar ao lar com 50 meticais", explica Alberto.

O trabalho desgasta e o preço de venda é determinado pelos compradores. Antes era bem mais fácil porque o número de recolectores não era tão grande como nos dias que correm. "O que nos safa é a nossa experiência", refere Mula.

"Se não sabes onde e como encontrar ferro podes morrer a empurrar o teu txova. Este negócio exige sacrifício extremo. Não pode ser desenvolvido por fracos. Tens de estar preparado para ficar um dia sem comer".

A rotina deste grupo de amigos que decidiu enveredar pelo empreendedorismo, se assim quisermos chamar, começa por volta das 5 horas quando partem do interior de Magoanine e nunca termina antes das 17 horas.

Como este grupo há outros e todos oriundos da periferia da capital do país. O ferro, dizem, é comprado nas residências por seis meticais o quilograma e revendido por 7.5 aos estaleiros. A chapa de zinco custa 1 metical. As grandes superfícies comerciais revendem a mercadoria pelo triplo do valor de aquisição. O alumínio, embora seja raro, é o produto mais cobiçado pelos colectores de sucata. Um quilo rende 140 meticais.



Uma mulher de ferro

Ardalina Langa, de 54 anos de idade, e residente no bairro de Inhagoia, garante que deve a sua subsistência ao negócio de ferro-velho o qual abraçou há uma década e meia. O produto "é adquirido com muito sacrifício. Há muitos anos que pratico este negócio e as dificuldades são enormes. Porém, ao invés de passar a vida a lamentar tenho estado a batalhar para sobreviver com a minha família. Mas é difícil..."

A nossa interlocutora contou-nos ainda que teria sido obrigada a viver maritalmente com alguém muito cedo. Nesse ano, interrompeu os estudos para se dedicar ao lar. Tem uma filha e vive também com uma sobrinha. Todas dependem do que consegue arranjar.

A sua vida sempre foi caracterizada por momentos difíceis e teve uma infância conturbada. Em 2002, optou por trabalhar por conta própria vendendo bananas, depois garrafas e, mais tarde, em 2006, dedicou-se à venda de sucatas.

Ardalina Langa fez saber que diariamente leva aos ombros dois a três sacos de ferro-velho por falta de um carrinho de mão para o transporte do seu material. Ao todo são 25 quilogramas. Não percorre distâncias muitas longas. Colecta entre 100 e 150 meticais por dia, valor que nas suas palavras só chega para a alimentação.

Na capital moçambicana, o ferro-velho e as sucatas são uma fonte de subsistência para muitas famílias dos bairros periféricos. O negócio, que envolve homens e mulheres, jovens e crianças, inclui, por exemplo, peças de viaturas, algumas chapas de zinco, alumínio, baterias danificadas e tende a ganhar espaço em muitas zonas suburbanas. Quanto mais peso tiver a sucata em causa, melhor ainda porque é o peso que define o preço.

Os compradores asseguraram-nos de que os artefactos metálicos fora de uso são revendidos a cidadãos de origem indiana na cidade de Maputo e à empresa Simbi, com filiais na Matola e na vila de Boane.

Algumas pessoas entrevistadas pela nossa Reportagem afirmaram que praticam este negócio para garantir um prato de comida aos seus lares e levar os seus filhos à escola. Outras disseram que rendem o suficiente para suprirem necessidades básicas e melhorarem o estado das suas habitações.

Grande parte dos que se dedicam à venda do ferro-velho enfrenta enormes dificuldades financeiras e não tem nenhuma outra ocupação de geração de renda.

Diz-se que, independentemente dos entraves existentes, qualquer ofício é digno, desde que não prejudique a terceiros. Todavia, os sucateiros queixam-se, no geral, das dificuldades que envolvem o seu trabalho. Segundo nos contaram, é uma tarefa árdua e penosa, uma vez que é preciso percorrer bairros à procura de ferro-velho ou outro tipo de sucatas vendáveis.

De acordo com eles, uma das formas de conseguir uma quantidade considerável de ferro-velho é andar de porta em porta e pedir a quem tenha o congelador ou a geleira estragada, por exemplo, e que não queira utilizar para outros fins, para negociar. É preciso também vasculhar contentores de lixo, casas abandonadas e vários outros lugares tidos como estratégicos para o efeito. A actividade está a gerar, paulatinamente, pequenos empresários e cresce de forma desenfreada.

Na Avenida de Moçambique, em Maputo, no bairro 25 de Junho, nas proximidades da farmácia Chitsungo, há um ponto de venda de ferro-velho. O @Verdade esteve lá e se deparou com quase todo o tipo de sucatas, incluindo acessórios de viaturas. Há quem diga que este é um negócio que está a fomentar o roubo de viaturas com a finalidade de serem vendidas em peças. Aliás, vários moradores de alguns bairros queixam-se de roubos frequentes até de utensílios domésticos, como panelas de alumínio.

Este negócio prejudica igualmente algumas infra-estruturas públicas na medida em que corre para a vandalização das tampas de sarjetas e de canteiras, por exemplo.



Em Nampula o ferro dá dinheiro

O negócio de ferro-velho, na cidade de Nampula, transformou-se numa actividade 'milionária' para aqueles que abraçaram este empreendimento em moldes industriais. Entretanto, com a descoberta deste negócio, há poucos vestígios de sucatas nas ruas e artérias daquele ponto do país, um facto que era notório e a olho nu. Actualmente, o cenário é outro: diariamente as pessoas procuram ferro e viaturas circulam com enormes quantidades dirigindo-se aos estaleiros, cujos proprietários compram este material reciclável.

Para além de se ganhar dinheiro com a venda de ferro-velho, os locais onde se exerce esta actividade, pelo menos ao nível da cidade de Nampula, transformaram-se em postos de emprego, o que até certo ponto contribui de forma significativa para a redução dos números do exército de desempregados que diariamente pulula pelas avenidas da cidade. Para além de postos fixos, a

Destaque



venda de sucata criou várias empresas que já começaram a disponibilizar postos de trabalho.

Esta actividade ganhou terreno em Nampula e na cidade capital em particular, a partir do ano 2000, quando um grupo de chineses decidiu investir na actividade de compra de ferro-velho. Os moçambicanos não se fizeram de rogados e tomaram o mesmo rumo.

Constantino Basílio passou de estivador a gerente dum estaleiro de venda de ferro-velho, localizado no bairro de Napipline, cidade de Nampula, por sinal um dos maiores daquele ponto do país, que emprega igualmente outros três trabalhadores efectivos e dez eventuais, para além de um número considerável de estivadores que se fazem ao local nos dias de carregamento de mercadorias no processo de evacuação. Aliás, devido à grandeza da unidade, os trabalhadores efectivos não são remunerados como estivadores, dispondo de um remuneração mensal. O montante não nos foi revelado. No entanto, @ Verdade sabe que oscila entre 4 e 5 mil meticais.

É uma actividade legalizada

Entretanto, apesar de o proprietário residir na cidade de Maputo, o estaleiro da cidade de Nampula tem toda a estrutura montada, onde, para além do local destinado ao armazenamento da mercadoria, existe um escritório com o mínimo de condições, e os trabalhadores possuem equipamento de protecção, entre luvas, capacetes, fardamento, botas, incluindo refeições que são forneci-

das nos dias de muito trabalho.

Todos estão inscritos no Sistema de Segurança Social e a empresa também está a funcionar de acordo com a lei comercial em Moçambique

Basílio contou-nos ainda que o negócio de ferro-velho é pouco trabalhoso, mas que exige muita força, e confessa que pela fama que a empresa tem, atende vendedores de ferro provenientes de vários distritos da província de Nampula e outros de Cabo Delgado e Niassa, que compram semanalmente uma média de 08 a 09 toneladas de ferro-velho. "Aqui aparecem várias pessoas, e há vezes em que o número de clientes ultrapassa as nossas capacidades de atendimento", disse.

Entretanto, os preços praticados na compra do ferro-velho naquele estaleiro dependem da quantidade que os fornecedores apresentam, porquanto variam entre três meticais quando as quantidades são inferiores a um quilograma, e cinco meticais quando as quantidades estão acima de 500.

Uma experiência amarga

Devido ao volume de dinheiro que o negócio envolve, Basílio teve uma experiência da qual se recorda com dor. "Tive um problema, houve um indivíduo que trouxe ferro-velho e recebeu dinheiro acima do que tinha direito. Eu tive de pagar pelo meu erro. Contudo, daí em diante passei a prestar mais atenção".

Maputo é o destino preferencial da sucada

Constantino Basílio fez notar que o destino da mercadoria adquirida pelo estaleiro onde trabalha é a cidade da Matola. "Em média fornecemos 60 toneladas de ferro por mês". Aliás, o proprietário do estaleiro vive na cidade de Maputo, onde firmou um contrato com uma fábrica localizada na cidade da Matola. A sucata é reciclada para o fabrico de varões de construção.

O material de construção de construção, no final do dia, acaba por beneficiar os residentes de Nampula, uma vez que uma parte da produção da fábrica é comercializada naquela província do país.

Está a emergir outro mercado

De acordo com Basílio, gerente do estaleiro de ferro-velho em Napipline, está em processo de construção uma nova fábrica de varões na cidade portuária de Nacala,

onde os proprietários manifestaram o interesse de ver o estaleiro de Nampula a fornecer material. "Há um grupo de empresários que está a montar uma fábrica de ferro em Nacala-Porto, contactaram-nos e acertamos alguns pormenores a breve trecho, vamos rubricar os contratos, mas isso não quer dizer que vamos deixar de fornecer à fábrica da Matola, porque ainda há muita sucata em Nampula", explicou.

Abandono escolar

Uma consequência, ainda que indireta, nefasta causada pelo negócio é o abandono de crianças ao ensino para se dedicarem a uma actividade que garante lucro imediato. A prática tende a aumentar sob o olhar impávido e sereno dos encarregados de educação e autoridades locais.

Devido à escassez de ferro-velho, pelo menos ao nível da cidade de Nampula, as crianças envolvidas neste processo acabam por enveredar pela escavação nos locais onde há vestígios da presença destes resíduos ou mesmo em locais onde antes existiam oficinas.

Esta classe social tem alimentado os pequenos revendedores de sucata espalhados um pouco por toda a cidade de Nampula.

O sucesso de Matola

Mário Matola, residente no bairro 25 de Junho, de 27 anos de idade, trabalha num estaleiro que comercializa ferro para reciclagem, onde é simultaneamente empregador. De acordo com ele, os artefactos metálicos, fora de uso, são vendidos por pessoas de quase todas as idades. O material que adquire é refundido para ser vendido à indústria de produção de panelas, grades, etc.

Matola fez saber que o trabalho é digno como qualquer outro, mas também representa uma alternativa ao desemprego, que abrange muitos jovens. Tem 12 operários, dos quais seis afectos à recolha de sucatas e que ganham, por dia, valores que variam dos 20 aos 200 meticais. Por vezes ganham mais, mas isso depende da quantidade (quilos) que trazem da rua. Os outros seis mensalmente. Não avançou os salários. No grupo há duas mulheres cuja tarefa é garantir a limpeza do espaço onde é depositado o ferro-velho e confeccionam as refeições.

Jorge Massinga

Jorge Massinga é também patrão e emprega seis trabalhadores, que diariamente vascuillham sucatas nas ruas ou residências, cuja remuneração é mensal e labutam de segunda a sábado. Compra todo o tipo de sucatas: chapas, alumínio, chumbo, bronze, dentre outras.

"Na verdade, o negócio das sucatas não rende quase nada", disse Massinga e explicou que os preços de compra do ferro-velho variam de acordo com o tipo de metal. O ferro é comprado a seis meticais e revendido a sete meticais e cinquenta centavos o quilo, a chapa custa um metical o quilo e revendido a três meticais e cinquenta centavos, o alumínio é adquirido a 140 meticais o quilo e negociado a 160 meticais.



Dois anos depois, a guerra na Síria atinge “novos níveis de destruição”

Relatórios da ONU e de organizações não governamentais dão conta de uma “geração perdida” e de uma “infância debaixo de fogo”. A Amnistia Internacional nota um “aumento de abusos cometidos pela oposição”.

Texto: jornal Público, de Lisboa • Foto: AP

“Inas, dois anos; Heba, oito; Rama, cinco; Nizar, seis; Taha, 11 meses; Mohammad, 18 meses. Foram todos mortos. Porquê?” Seis crianças, todas da mesma família. Morreram num ataque com bombas de fragmentação numa área residencial de Alepo, a segunda maior cidade da Síria, há apenas duas semanas.

A lista continua. Com nomes e idades, para custar mais a digerir: “As minhas filhas, Isra’, Amani e Aya, de quatro, seis e 11 anos; o meu marido; a minha mãe; a minha irmã Nour, de 14 anos; e os três filhos da minha outra irmã, Ahmad, Abdallah e Mohammad, de 18 meses, de três anos e de quatro anos. Todos mortos. O que me resta nesta vida?”, pergunta Sabah, de 31 anos, a funcionários da Amnistia Internacional, que ouvem outras histórias como esta todos os dias.

A história maior começou há dois anos, no dia 15 de Março de 2011, com manifestações contra o regime de Bashar al-Assad, estilhaços da Primavera Árabe que eclodira no ano anterior na Tunísia. Desde então, o número de civis sírios que foram mortos ou obrigados a procurar refúgio em países vizinhos tem impressionado até os mais experientes responsáveis das Nações Unidas, como o brasileiro Paulo Pinheiro, presidente da comissão de inquérito sobre a Síria. “Se os actores nacionais, regionais e internacionais não conseguirem encontrar uma solução para o conflito e pôr fim à agonia de milhões de civis, o resultado será a destruição política, económica e social da Síria e da sua sociedade, com implicações devastadoras



para a região e para o mundo”, afirmou Paulo Pinheiro no início da semana, na apresentação do mais recente relatório sobre a situação no país.

Dezenas de milhares de mortos e mais de um milhão de refugiados. Mais de 5000 morrem por semana. E são apenas as contas que se podem fazer. Muitos outros nomes não chegam a entrar em nenhuma das listas oficiais, como em qualquer outra guerra.

Para além destes invisíveis, há outras vítimas que não entram nestas listas, mas que têm nome. E idade. Fazem parte da “geração perdida da Síria”, como lhe chama o UNICEF, num relatório divulgado esta semana. Têm a infância “debaixo de fogo”, segundo as palavras da organização não governamental Save the Children.

“As crianças da Síria estão a ser mortas e mutiladas num número cada vez maior, em bombardeamentos realizados por forças governamentais. Muitas delas viram os seus pais, os seus irmãos e os seus vizinhos a serem feitos em pedaços. Estão a crescer expostas a horrores inimagináveis”, alerta Ann Harrison, vice-diretora do Programa para o Médio Oriente e Norte de África da Amnistia Internacional.

São crianças como Yasmine, de 12 anos, cujo testemunho pode ser lido no relatório Infância Debaixo de Fogo – O Impacto de Dois Anos de Guerra na Síria, da organização Save the Children. “Éramos 13 num único quarto. Não saímos do quarto durante duas semanas. Havia muito barulho. Então o meu pai saiu. Vi o meu pai a sair e vi-o a ser morto à porta de casa. Desatei a chorar, estava tão triste. Tínhamos uma vida normal, tínhamos comida suficiente. Agora, dependemos de outros. Toda a minha vida mudou nesse dia.” São crianças como Nidal, de seis anos. “Uma vez, fomos perseguidos por homens armados. Dispara-

ram e os tiros bateram no chão, perto do meu pé, e eu saltei. (...) Depois chegámos a uma parede e não conseguimos continuar a correr.”

No seu mais recente relatório, a Amnistia Internacional salienta que “as forças governamentais continuam a bombardear civis indiscriminadamente, muitas vezes com armas banidas internacionalmente”, mas deixa outro alerta, partilhado pela comissão de inquérito da ONU. No terreno, é evidente “o aumento galopante de abusos cometidos por grupos armados da oposição”. Ou, como descreve Paulo Pinheiro, a violência na Síria “atingiu novos níveis de destruição” e ambos os lados mostram-se “cada vez mais imprudentes” em relação aos civis.

O impasse no Conselho de Segurança chega aos ouvidos de Ara, mãe de três crianças, a última das quais nascida em casa devido à destruição de hospitais e centros de saúde um pouco por toda a Síria. Falou com os colaboradores da organização Save the Children já fora do seu país, de onde fugiu apenas com o recém-nascido – “Tenho mais filhos, quem me dera ter conseguido trazê-los. Mas não consegui e eles tiveram de fugir sozinhos.”

A pergunta de Ara tenta passar por cima de todos os números e de todas as listas oficiais, mas ainda não chegou aos ouvidos do Conselho de Segurança: “As crianças que ainda estão na Síria estão a morrer. Parece que ninguém está a ajudar, nada está a mudar. Porque não as ajudam?”

Suposto ataque químico mata 25 pessoas no norte da Síria

Texto: Redacção/Agência

Nesta terça-feira (20), o Governo e os rebeldes da Síria trocaram acusações mútuas de lançarem um ataque químico fatal perto da cidade de Aleppo, no norte do país, no que seria, se for confirmado, a primeira vez que tais armas foram usadas nos dois anos de conflito.

O Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, que tem resistido a uma intervenção militar ostensiva na Síria, advertiu o Presidente sírio, Bashar al-Assad, no passado que qualquer uso de armas químicas seria o limite. Não havia, contudo, confirmação de os rebeldes possuírem tais armas.

O ministro da Informação da Síria, Omran al-Zoabi, disse que os rebeldes tinham disparado um foguete carregado de agentes químicos que matou 16 pessoas e feriu 86. A televisão estatal disse depois que o total de mortos tinha subido para 25.

O Observatório Sírio para os Direitos Humanos, grupo pró-oposição que monitora o conflito usando uma rede de contactos na Síria, afirmou que o número de perecidos é de 26, incluindo 16 soldados.

O total de mortos relatados está bem abaixo do massacre infligido à cidade curda iraquiana de Halabja, onde cerca de 5.000 pessoas morreram em um ataque químico ordenado pelo ex-Presidente iraquiano Saddam Hus-

sein, há 25 anos.

Não houve confirmação imediata de governos ocidentais ou de organizações internacionais sobre o ataque químico, mas a Rússia, um aliado de Damasco, acusou os rebeldes de lançarem tal ataque.

“Estamos muito preocupados com o facto de armas de destruição em massa estarem a cair nas mãos de rebeldes, o que piora ainda mais a situação na Síria e eleva o confronto no país para um novo nível”, disse o Ministério das Relações Exteriores da Rússia em comunicado.

Em Washington, os Estados Unidos disseram que não tinham provas para sustentar as acusações de que os rebeldes tinham usado armas químicas.

“Estamos a examinar cuidadosamente as informações conforme elas chegam”, disse o porta-voz da Casa Branca, Jay Carney, a repórteres. “Essa é uma questão que o Presidente afirmou ser de grande preocupação para nós.”

A Grã-Bretanha disse que os seus cálculos mudariam se um ataque químico ocorresse.

Um fotógrafo da Reuters disse que as vítimas que ele tinha visitado nos hospitais de Aleppo sofriam de problemas respiratórios e que as pessoas afirmaram que sentiram o cheiro de cloro depois do ataque.

“Vi na maioria mulheres e crianças”, disse o fotógrafo, que não pode ser identificado para sua própria segurança.

Ele reporta que vítimas no hospital da Universidade de Aleppo e no hospital al-Rajaa dão conta de que as pessoas estavam a morrer nas ruas e nas suas casas.

Estima-se que o Presidente Bashar al-Assad, que combate um levantamento contra o seu Governo, tenha um arsenal químico.

Autoridades sírias não confirmam nem negam tal facto, mas disseram que se existisse, seria usado contra uma agressão externa, não contra sírios. Não havia relatos anteriores de ar-

mas químicas nas mãos dos insurgentes.

“CONVULSÕES, DEPOIS MORTE”

O ministro da Informação Omran al-Zoabi disse que os rebeldes dispararam “um foguete contendo gases venenosos” na cidade de Khan al-Assal, no sudoeste de Aleppo, a partir do distrito de Nairab, no sudeste da cidade, parte do qual está sob controlo dos rebeldes.

“A substância no foguete causa desmaios, convulsões e morte”, disse o ministro.

Mas um importante comandante rebelde, Qassim Saadeddine, que também é um porta-voz do Conselho Militar Superior em Aleppo, negou tal facto, culpando as forças de Assad pelo suposto ataque químico.

“Estávamos a ouvir relatos no início desta manhã sobre um ataque do regime contra Khan al-Assal, e acreditamos que eles tenham disparado um (mísil) Scud com agentes químicos”, disse à Reuters por telefone de Aleppo.

Comunicado

Exerça o seu dever de **CIDADÃO REPORTER**
Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!
Reporte por uma mensagem via BlackBerry pin 288687CB



“O Sul desenvolve-se a um ritmo e escala sem precedentes”

As 132 nações em desenvolvimento emergem a um ritmo “sem precedentes na sua velocidade e escala”, indica o último Informe sobre Desenvolvimento Humano (IDH), divulgado na semana finda.

Texto: Thalif Deen/IPS • Foto: AP

“Nunca na história as condições de vida e as perspectivas de tantas pessoas mudaram de forma tão dramática e rápida”. E “nunca na história as condições de vida e as perspectivas de tantas pessoas mudaram de forma tão dramática e rápida”, disse Khalid Malik, autor principal do estudo, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

“Sem dúvida alguma, as três maiores economias do Sul – China, Índia e Brasil –, são as forças motoras deste fenômeno, devido tanto ao seu enorme tamanho como pela velocidade do seu processo geral em desenvolvimento humano”, apontou Malik, director do Escritório do IDH, em entrevista à IPS. Até 2020, a produção económica combinada dessas três nações emergentes ultrapassará as de Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e Itália juntos, diz o estudo de 203 páginas. E “grande parte desta expansão é impulsionada por novas associações comerciais e tecnológicas com o próprio Sul”, segundo o IDH.

Os cinco primeiros lugares no Índice de Desenvolvimento Humano, com 187 países, são ocupados por nações do Norte: Noruega, Austrália, Estados Unidos, Holanda e Alemanha. No fim da lista estão Estados do Sul: Burkina Faso, Chade, Moçambique, República Democrática do Congo e Níger. Porém, Malik destacou que o IDH 2013 identifica mais de 40 países em desenvolvimento, em todos os continentes, que melhoraram o seu desempenho em desenvolvimento humano, um progresso que se acelera particularmente desde 2000.

O estudo indica que o Sul “desenvolve-se a um ritmo sem



precedentes na história humana, com centenas de milhões de pessoas a saírem da pobreza e outros milhares de milhões destinados a integrarem-se numa nova classe média mundial”.

IPS: O Sul inclui países como México, Coreia do Sul e Chile, mas, como justifica a sua categorização quando o México deixou o grupo dos 77 países em desenvolvimento para se unir ao mundo industrial em 1994, a Coreia do Sul fê-lo em 1996 e o Chile em 2010?

Khalide Malik: Os termos Sul e Norte são usados no informe para distinguir entre as nações industrializadas já historicamente estabelecidas como tal (as desta última categoria) e as economias emergentes mais recentes. A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE), considerada o clube dos ricos, também inclui México, Coreia do Sul, Chile e Turquia, todos países que integram o Sul no seu sentido amplo. As origens geográficas e as conotações dos termos são, naturalmente, inexatas. Austrália e Nova Zelândia são considerados países do Norte.

IPS: O IDH coloca como referência do progresso do Sul temas de governação, como democracia multipartidária, direitos humanos e transparência. Como justifica, então, que a China, considerada pelo Ocidente um regime não democrático e sem liberdade de imprensa, surja como a segunda economia mundial? Não deveria ser a democracia multipartidária uma parte integral do processo económico no Sul?

KM: O informe de 2013 identifica mais de 40 países em desenvolvimento, incluindo a China, que fizeram destacados avanços em desenvolvimento humano nas últimas décadas, progresso que foi acelerado nos últimos dez anos. Esses países representam uma variedade de histórias nacionais e sistemas políticos em evolução. A maioria deles, embora nem todos, seria caracterizada hoje como democracia multipartidária. O informe é fortemente a favor de dar às pessoas maior

voz e mais oportunidades para uma participação significativa na vida civil, o que tem sido por muito tempo a filosofia do desenvolvimento humano. O informe diz que a melhoria nos padrões de vida e nos níveis de educação deriva em maiores expectativas e mais demandas para os governos em termos de responsabilidade e efectiva prestação de serviços sociais. O facto de que alguns “Estados desenvolvimentistas” (que promovem a sua industrialização e desenvolvimento autónomo) não foram democracias em diferentes fases da sua evolução fomentou a ideia equivocada de que a maioria dos mais efectivos Estados desenvolvimentistas é tipicamente autocrática. Mas a evidência da suposta relação entre autoritarismo e desenvolvimento é escassa. Países democráticos como Estados Unidos e Japão, depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tiveram grande êxito como Estados desenvolvimentistas. Desde a década de 1950, os países escandinavos actuaram também como Estados desenvolvimentistas, onde a legitimidade política deriva dos serviços sociais e do pleno emprego, e não de um crescimento rápido. No Brasil, México, Chile, e outros países da América Latina, o progresso do desenvolvimento humano acelerou desde a consolidação dos governos civis democraticamente eleitos nas últimas duas décadas. A cultura política chinesa está evoluindo rapidamente, enquanto os padrões de vida melhoraram, com uma sociedade cada vez mais informada e que cada vez exige mais prestação de contas do Governo. A Índia, uma das principais forças do Sul emergente, é a maior democracia representativa do mundo por mais de seis décadas.

Para os tanzanianos algo se esconde no Lago Niassa

A comunidade tanzaniana que vive perto do Lago Niassa não entende nada do conflito entre o seu país e o Malawi, nem o que está em jogo.

Texto: Thembi Mutch/IPS • Foto: NT

Contudo, deseja que os esforços de mediação pela sua soberania comecem de imediato. O tranquilo lago, de 29 mil quilómetros quadrados, é um centro turístico e fonte de renda e de alimentos para a população local.

Porém, em Julho de 2012 foi descoberto que o lugar também pode ser uma fonte lucrativa de gás e petróleo, e isso reavivou uma disputa entre os países vizinhos pela propriedade do Niassa. Do Malawi, é reclamada a total soberania sobre o que denominam Lago de Malawi, que se estende ao longo da sua fronteira com Moçambique e Tanzânia. Este último, por sua vez, afirma que 50% do lago está no seu território.

Na região de Mbeya, sudoeste da Tanzânia, os membros de uma comunidade ribeirinha lacustre trabalham para ter conhecimentos sobre os seus direitos sobre o lago, apoiados pela organização não governamental Haki Ardhi, também conhecida por Instituto de Recursos e Investigação sobre os Direitos da Terra.

“Concordamos quanto ao facto de que não estamos de acordo com o Malawi sobre este ponto, mas estas comunidades dependem totalmente da pesca e do lago para a sua sobrevivência”, explicou à IPS o assistente de programa da organização, Saad Ayoub. “Não houve nenhuma consulta sobre que benefícios obteremos no caso de haver petróleo. O que ganharemos? A questão da terra é nova para nós, não temos experiência”, acrescentou.



Em grande parte, os moradores locais concordam com ele. Richard Kilumbo, morador no distrito ribeirinho de Kyela, disse à IPS que não entende as razões da disputa. “Temos familiares em Mzuzu, no Malawi, e tivemos um casamento no ano passado. Estamos surpreendidos e com medo de constatar que nos preparamos para uma guerra com os nossos vizinhos”, lamentou. “Não sabemos porque isto é tão importante para os nossos líderes. Ouvimos o que as pessoas dizem sobre o assunto, pensávamos que éramos livres para nos deslocarmos e desfrutar da vida”, observou.

Pode-se dizer que tudo começou em 1890, quando o tratado de Heligoland-Zanzibar dividiu o lago segundo as leis coloniais. O acordo foi emendado em 1982 pela Organização das Nações Unidas (ONU). Mas, em Outubro de 2011, o então Presidente do Malawi, Bingu wa Mutharika, falecido em Abril do ano seguinte, concedeu um contrato à British Surestream Petroleum para começar a explorar gás e petróleo na parte oriental do lago. Em Dezembro de 2012 foi dada nova licença à South African Firm SacOil.

Por sua vez, a Tanzânia anunciou, em Julho do ano passado, o seu plano de adquirir um barco de 9 milhões de dólares, com a ajuda da Dinamarca, para cruzar o lago. Henry Phoya, ministro de Terras, Habitação

e Desenvolvimento Urbano do Malawi, protestou dizendo que a Tanzânia não tem o direito de operar no lago, enquanto não se resolver a disputa sobre a sua propriedade. A representante tanzaniana da região de Mbeya, Hilda Ngoye, respondeu que barcos pesqueiros e de turismo do Malawi invadiam águas jurisdicionais da Tanzânia.

A situação piorou quando o Primeiro-Ministro tanzaniano, Samuel Sita, alertou para o facto de que o seu país não hesitaria em responder a qualquer provocação militar. “Este lago deve ser usado para melhorar a terra e o sustento das populações locais dos dois lados da fronteira”, disse à IPS o jornalista e especialista em diferendo, Felix Mwakyembe. “É um recurso, e, no entanto, é usado como parte do jogo político para promover carreiras pessoais”, enfatizou Mwakyembe, que escreve regularmente para jornais em swahili e no seu próprio blog.

“Não há uma disputa fronteiriça entre as comunidades locais, mas entre dirigentes; é um assunto político nas altas esferas e com vista às eleições de Malawi em 2014, e da Tanzânia em 2015”, afirmou o jornalista. “Infelizmente, as comunidades locais são peões. Não têm acesso à informação nem instrução para compreender as implicações e a seriedade disto”, destacou.

“Não há problema no terreno”, disse Kilumbo, morador em Kyela. “Os pescadores tanzanianos continuam com a sua vida como sempre e, embora saibamos o que se diz nos noticiários, não temos ideia do motivo. Não sei nada dos planos petroleiros. E nunca ouvi falar de uma avaliação de impacto ambiental, e, certamente, nunca vi uma”, contou.

A população local parece não saber de que trata a disputa, mas tampouco conhece os seus direitos que estão em jogo. A responsável de comunicação da organização Haki Elimu (Os seus Direitos), Nyanda Shuli, disse à IPS que a ênfase deve ser dada à responsabilidade financeira e transparência, e que o fluxo dos investimentos e de renda deve ser dirigido às comunidades.

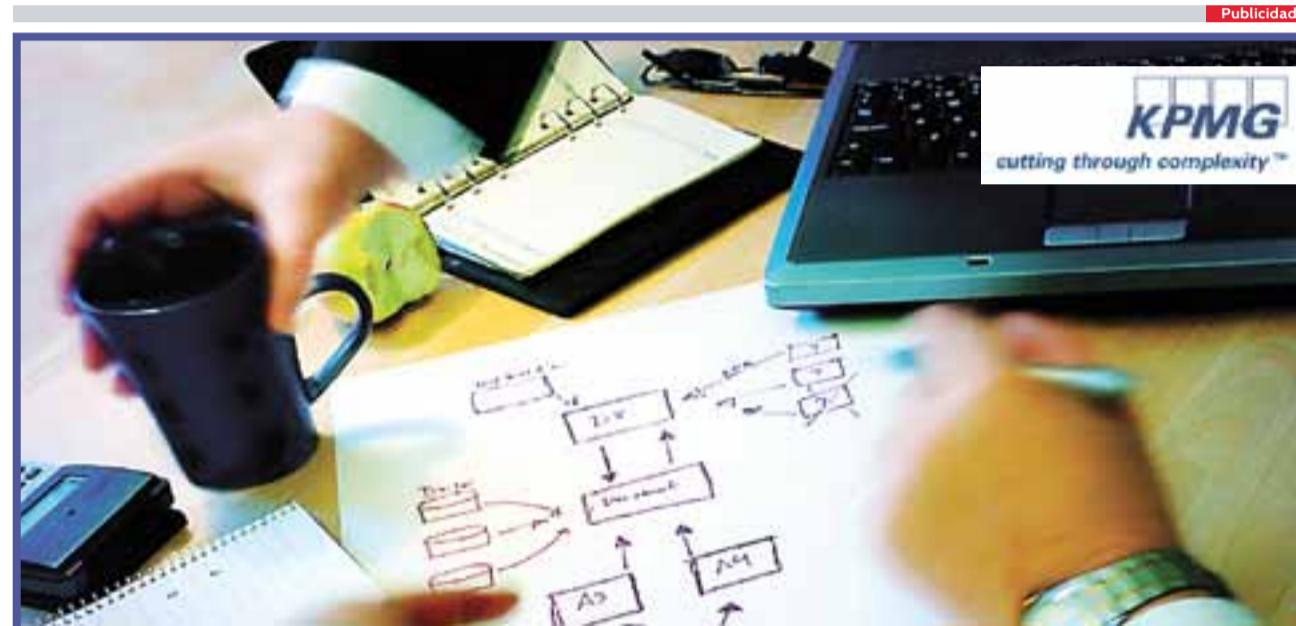
“Por ora, as decisões são tomadas na capital, Dar es Salaam, e não há conexão, nem diálogo significativo com as regiões. É mais complicado porque as distâncias são enormes e as redes telefónicas e de transporte muito más”, detalhou Shuli. Entre o que não se sabe e os desacordos, algo está claro: há minerais pouco comuns e valiosos em engenharia debaixo do lago, e possivelmente também gás natural e petróleo. Neste momento, Kilumbo acredita que o que existe é suficiente.



Zimbabwe aprova nova Constituição que limita poderes de Mugabe

Texto: Redacção/Agências • Foto:Reuters

Os zimbabweanos aprovaram, com 94,5% de votos a favor do SIM, a adopção de uma nova Constituição que prevê a redução dos poderes executivos do Presidente do país, Robert Mugabe, segundo dados publicados nesta terça-feira pela Comissão Eleitoral Independente.



Curso Prático de Melhoria de Processos de Negócio

Com vista a dotar os profissionais do mercado nacional de conhecimentos para a implementação, numa organização, de um projecto de melhoria de processos de negócio, numa perspectiva de melhoria contínua e em consonância com os princípios orientadores de gestão da qualidade, a **KPMG** vai realizar, nas suas instalações, durante 4 dias, das 8h-16h, de **01 a 04 de Abril de 2013**, um **Curso Prático de Melhoria de Processos de Negócio** baseado em metodologias testadas e reconhecidas internacionalmente.

Esta formação é destinada aos gestores da qualidade, gestores de sistemas integrados (qualidade, ambiente e segurança), analistas de sistema e gestores das áreas funcionais e técnicos do sector público e privado, alocados em projectos de melhoria tais como:

- (i) Implantação de sistema de gestão da qualidade, para fins ou não de certificação ISO 9001:2008;
- (ii) Melhoria de sistema de gestão da qualidade existente;
- (iii) Redução desperdícios, burocracia, custos e ineficiências nos processos internos;
- (iv) Identificação de riscos inerentes aos processos e estabelecimento de sistema de controlo; e
- (v) Implementação de sistemas e tecnologias de informação.

O curso será administrado por profissionais da KPMG com vasta experiência em Reengenharia de Processos de Negócio, Sistemas de Gestão da Qualidade e em Desenvolvimento Organizacional no Geral.

O custo por participante é de **38.000,00MT incluindo o IVA**, valor que inclui os 4 dias de formação, todo o material de apoio ao curso, certificado e os serviços logísticos a serem disponibilizados aos participantes pela KPMG.

As inscrições devem ser efectuadas, **até o dia 28 de Março de 2013**, no endereço abaixo:

KPMG Auditores e Consultores
Rua 1.233, n°72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snhachale@kpmg.com ou António Madureira pelo e-mail: amadureira@kpmg.com.

© 2011 KPMG Auditores e Consultores, SA é uma empresa moçambicana e firma-membro da rede KPMG de firmas independentes afiliadas à KPMG Internacional, uma cooperativa suíça.

A aprovação da nova carta magna, um passo indispensável para a realização das eleições previstas para Julho, significa que Mugabe não poderá declarar estado de emergência sem a aprovação do Parlamento.

Além disso, o texto limita a dois mandatos de cinco anos cada um o tempo que o Presidente pode permanecer no poder, por isso Mugabe, que está desde 1980 na presidência, se vencer as próximas eleições ainda tem a hipótese de governar por uma década.

O presidente da Comissão Eleitoral, Lovemore Sekeramayi, revelou na Terça-feira (19) que 3.079.966 pessoas votaram SIM a favor da nova Constituição, 179.489 votaram NÃO e 56.627 cidadãos votaram em branco.

“A minuta da Constituição foi adoptada pelo povo zimbabweano como a Constituição do Zimbabwe”, disse Sekeramayi em entrevista à emissora estatal ZBC.

A nova norma passará agora ao Parlamento do país africano e será aprovada por Mugabe. O resultado do referendo não foi nenhuma surpresa, já que a União Nacional Africana do Zimbabwe-Frente Patriótica (Zanu-PF), de Mugabe, e o Movimento por Mudança Democrática (MDC), liderado pelo Primeiro-Ministro, Morgan Tsvangirai, fizeram campanha pelo SIM.

O MDC, antigo partido opositor que partilha o poder num governo de união nacional com a ZANU-PF desde 2009, assegurou que o texto representa uma melhoria em relação à Constituição passada, já que abrange direitos como a liberdade de expressão.

A redacção da Carta Magna prolongou-se por quatro anos de disputas entre o MDC e a ZANU-PF e vários críticos argumentam que ainda são concedidos muitos poderes ao chefe de Estado, como a eliminação do cargo de Primeiro-Ministro e, portanto, a designação directa dos membros do gabinete.

Além disso, o Presidente poderá convocar eleições. A nova Constituição não será aplicada de forma retroactiva, por isso Mugabe ainda pode permanecer no poder até atingir 99 anos. O referendo foi realizado no Sábado e contou com fraca participação popular.

Advogada e membros do gabinete do líder da oposição detidos

Enquanto os zimbabweanos votavam o referendo, quatro dirigentes do partido do Primeiro-Ministro, Morgan Tsvangirai, Movimento Democrático da Mudança (MDC), foram detidos pela polícia, alegadamente porque “se fizeram passar por polícias”, disse uma porta-voz da polícia.

No Domingo foi também detida uma jurista e defensora dos direitos humanos, Beatrice Mtetwa, acusada de obstrução à justiça na sequência das buscas policiais aos domicílios dos quatro dirigentes do MDC, que também servem de centro de documentação ao Movimento para a Mudança Democrática, partido de Tsvangirai.

Segundo a organização não-governamental Advogados do Zimbabwe para os Direitos Humanos, que representa Mtetwa, o tribunal determinou a sua libertação na madrugada de Segunda-feira, mas a polícia ignorou a ordem e manteve a advogada detida. Nesta quarta-feira (20) um novo pedido para a libertação de Beatrice Mtetwa foi feito, desta vez sob o pagamento de fiança, que foi novamente recusado por um outro juiz zimbabweano.

Tarrafal: Do paraíso turístico ao antró da prostituição e do alcoolismo

Tarrafal, o segundo maior município da Ilha de São Nicolau, depois da Ribeira Brava, em Cabo Verde, é uma zona em rápido crescimento, caracterizado pelo surgimento de estâncias turísticas bem como de novas residências, que pertencem, na sua maioria, a investidores estrangeiros. Porém, a robustez da indústria do turismo, a fome e o desemprego na classe jovem têm contribuído para o aumento da prostituição, quase que silenciosa, e do consumo do álcool.

Texto: Redacção • Foto: Milton Maluleque

"Temos jovens recém-formados, desde licenciados a mestres, sem trabalho e grande parte dos mesmos acaba por afogar as suas mágoas no álcool. Por outro lado, devido à fome, assistimos a uma prostituição silenciosa, na medida em que é feita às escondidas... A prostituição existe e os números são assustadores", confidenciou ao @Verdade Adildo Gomes, vice-presidente da Câmara Municipal do Tarrafal.

Pelo que apurámos no local, o grande fluxo de turistas (nacionais e estrangeiros) que se tem instalado na ilha, para além de contribuir para o desenvolvimento da ilha, acaba por instigar o fenômeno da prostituição.

Meios de sobrevivência

A Câmara do Tarrafal, à semelhança de outras ilhas que constituem o arquipélago de Cabo-Verde, sobrevive graças à agricultura, à pesca e à criação de gado. Devido ao seu relevo, uma vez que é fruto de actividades vulcânicas, poucas são as áreas propícias para a prática da agricultura. Ao longo dos tempos, os nativos do Tarrafal tiveram de criar formas de contornar as limitações da mãe natureza, optando pelo cultivo em forma de escadarias.

A pesca é a outra forma de sobrevivência. Com o mar a servir de fronteira e de separação entre as outras ilhas, esta prática é comum e confunde-se com a história. Segundo relatos do pesquisador e historiador nativo de Tarrafal, José Cabral, a pesca da baleia na Ilha do Tarrafal teria originado o grande fluxo de migração dos cabo-verdianos para a Europa e América.

No porto do Tarrafal é ainda visível uma fábrica de conservação e em-



pacotamento do atum, empresa que, segundo Cabral, abastecia os navios alemães ao longo da Segunda Guerra Mundial.

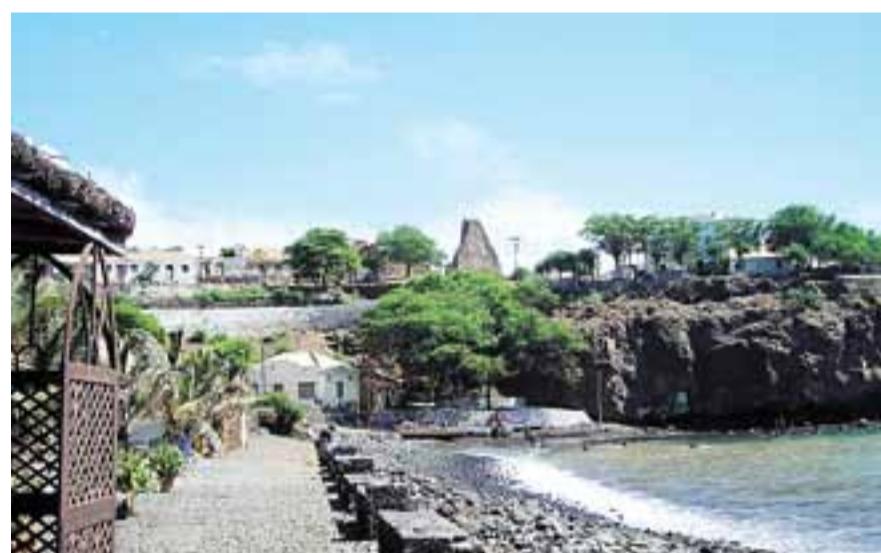
O turismo constitui uma grande fonte de receitas para Tarrafal, e, aliado as velhas e novas construções, tem despertado grande curiosidade dos que visitam a ilha. Outro factor histórico prende-se com a existência de ruínas do Tarrafal, centro de concentração e de prisão dos inimigos do Estado Novo de Portugal, liderado por Salazar.

Transporte

Deslocar-se à Ilha de São Nicolau e, depois, ao Tarrafal é um bico-de-obra. Existe somente um barco que liga a ilha ao resto do arquipélago e este somente circula uma vez por semana, vindo da Ilha do Sal, passando por São Nicolau, Ilha de Santo Antão, para em seguida escalar a Ilha de São Vicente, antes de chegar à Ilha de Santiago, na Cidade da Praia.

A alternativa a este meio é usando a via aérea, que conta apenas com uma companhia estatal, a Transportes Aéreos de Cabo-Verde (TACV) que faz dois a três voos por semana.

As aeronaves partem do Aeroporto Internacional Amílcar Cabral na Ilha do Sal, aterraram por 45 minutos no Aeroporto da Preguiça, em São Nicolau, devendo chegar (e/ou partir) para Tarrafal antes das 18 horas devido à falta de iluminação na pista de aterragem, rumando em seguida à Ilha de São Vicente no Aeroporto Internacional Cesária Évora, e por fim ao Aeroporto Internacional Nelson Mandela, na Cidade da Praia, a capital na Ilha de Santiago.



Bombas matam quase 60 pessoas em aniversário de invasão do Iraque

Mais de uma dezena de carros-bomba e homens-bomba explodiram em bairros xiitas na capital do Iraque, Bagdad, e em outras regiões nesta terça-feira, matando quase 60 pessoas no 10º aniversário da invasão liderada pelos Estados Unidos que derrubou Saddam Hussein.

Texto: Redacção/Agências

Insurgentes islâmicos sunitas ligados a Al Qaeda estão a recuperar terreno no Iraque, reinvigoreados pela guerra na vizinha Síria, e aumentaram os ataques contra alvos xiitas, tentando provocar um confronto sectário mais amplo.

Um carro-bomba explodiu num movimentado mercado de Bagdad, três foram detonados no distrito xiita de Sadr City e outro perto da entrada da fortemente guardada Zona Verde, enviando uma coluna de fumaça negra para o ar ao lado do rio Tigre.

Um homem bomba a conduzir um caminhão atacou uma base da polícia numa cidade xiita ao sul da capital, e outro fez explodir artefactos que trazia no corpo, dentro de um restaurante, para alvejar um major da polícia na cidade de Mosul, no norte.

"Eu estava a conduzir o meu táxi e, de repente, senti o meu carro balançar, tendo surgido fumaça vinda de todo o lado. Vi dois corpos no chão. As pessoas corriam e gritavam por toda a parte", disse Ali Radi, um taxista apanhado numa das explosões em Sadr City.

A guerra do Iraque começou logo antes do amanhecer em Bagdad na quinta-feira, 20 de Março de 2003, com bombardeamentos norte-americanos sobre a capital. Logo depois, o Presidente George W. Bush, falando aos norte-americanos na televisão na noite de 19 de Março em horário nobre, disse que a ofensiva estava em curso.

Agora, uma década depois de as tropas ocidentais e norte-americanas terem tirado Saddam do poder, o Iraque ainda luta com insurgentes, fricção sectária e rixas políticas entre facções xiitas, sunitas e curdas que partilham o poder no Governo do Primeiro-Ministro xiita, Nuri al-Maliki.

Num sinal da preocupação sobre a segurança, o gabinete adiou na terça-feira as eleições locais em duas províncias, Anbar e Nineveh, por até seis meses devido a ameaças a funcionários eleitorais e violência, segundo o assessor de media de Maliki, Ali al-Moussawi.

Nenhum grupo assumiu a autoria dos ataques de Terça-feira, mas o Estado Islâmico do Iraque, uma ala da Al Qaeda, prometeu recuperar o terreno perdido na guerra com as tropas norte-americanas. Neste ano o grupo lançou vários ataques ostensivos.

A violência ainda se apresenta em menor escala do que no auge da carnificina sectária que matou dezenas de milhares depois de islâmicos sunitas terem bombardeado o santuário xiita de Al Askari em 2006, provocando uma onda de retaliação de milícias xiitas.

Mas autoridades da área de segurança dizem que a ala local da Al Qaeda está a reagrupar-se no vasto deserto da província de Anbar, que faz fronteira com a Síria, e homens-bomba vêm lançando ataques quase que duas vezes por semana desde Janeiro, algo que não era visto há vários anos no Iraque.

Para complicar ainda mais a segurança, milhares de manifestantes sunitas também estão a reunir-se em Anbar contra Maliki, cujo governo liderado por xiitas acusam de marginalizar a sua seita minoritária desde a queda do sunita Saddam.

A guerra na Síria também está a incentivar a mistura volátil do Iraque, que está exposto a uma disputa regional, por influência, entre a Turquia, que apoia os rebeldes sunitas que combatem o Presidente Bashar al-Assad, e o Irão xiita, o principal aliado do líder sírio. A ala de Assad é uma ramificação do islão xiita.

Visita do @Verdade

O @Verdade esteve entre os dias 10 e 15 deste mês a participar no seminário de avaliação das rádios de paz e no papel destas na pacificação da Guiné-Bissau, que teve lugar no município de Tarrafal, Ilha de São Nicolau.

O evento, organizado pela Fundação Pro Dignitate em parceria a Universidade de Rhodes Island dos Estados Unidos da América, contou com a presença de jornalistas do país anfitrião, dos Estados Unidos da América, Portugal, Guiné-Bissau, Moçambique e África do Sul.

Marie Franley, directora interina do Instituto Português e dos Estudos Lusófonos da universidade norte-americana de Rhodes Island, afirmou na ocasião que o evento era uma oportunidade para a aproximação dos povos lusófonos e para a implementação da paz nos respectivos países através da rádio e dos diversos meios de comunicação social.

Para Amadur Uri Djaló, chefe de redacção da Rádio Solmansa, da Guiné-Bissau, o encontro serviu para mostrar ao mundo o exemplo da sua rádio, que por sinal é católica, apesar de ele ser muçulmano.

Já o @Verdade apresentou a sua experiência como um jornal gratuito, com uma tiragem semanal de 20 mil exemplares a cores. Foi ainda abordado o facto de este meio permitir uma interacção permanente com o leitor, através do seu mural, localizado na avenida Mártires da Machava, em Maputo, do Facebook e do Twitter.

O Projecto Rádios da Paz

O Projecto Rádio da Paz (um incentivo aos jornalistas a optarem por discursos de reconciliação em países em guerra) pertencente à Fundação Pro Dignitate e presidido pela antiga Primeira-Dama de Portugal, Maria Barroso Soares, tem como objectivo conquistar e preservar a paz nos países lusófonos.

Segundo Maria Barroso Soares, para conceber esta iniciativa, ela inspirou-se na guerra civil de Moçambique, através de diálogos e visita ao centro de acolhimento dos refugiados de guerra de Namaacha.

O projecto foi replicado em Timor Leste, e agora na Guiné-Bissau, sendo que de 26 a 27 do presente mês será inaugurado em Tarrafal, Ilha de São Nicolau, o Centro de Estudos de Comunicação Social de Paz, ao qual a Universidade de Rhodes Island irá disponibilizar os seus docentes a fim de administrarem cursos de curta e longa duração.

Taça CAF: Muçulmanos perdem na Nigéria

A Liga Desportiva Muçulmana de Maputo, equipa representante de Moçambique na Taça CAF, perdeu diante do Lobi Stars da Nigéria, por 3 a 1, em jogo da primeira "mão" da eliminatória de acesso àquela prova. Antes deste jogo, os muçulmanos queixaram-se de eventuais maus tratos cometidos pelos nigerianos, que, para além de terem jogado fora do seu respetivo estádio, hospedaram os muçulmanos ao lado de um prostíbulo.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

Uma estratégia que funcionou para os nigerianos como, aliás, nos lembra o último jogo de Moçambique diante do Marrocos em que a partida foi, à última hora, transferida para Marraquexe, um ponto distante do habitual, Rabat, que tradicionalmente acolhe os jogos da seleção marroquina. O Lobi Stars da Nigéria preteriu o seu Aper Aku Stadium na cidade de Makurdi, para jogar no campo sintético de Abubakar Tafawa Balewa, em Bauchi.

Ainda assim, os muçulmanos não fugiram à regra de surpreender o adversário nestes jogos da Afrotáça e abriram o marcador decorrido o primeiro minuto, por intermédio de Miro. Porém, sem muito a fazer na restante etapa da partida senão defender, viram os nigerianos correr atrás do prejuízo sem, no entanto, conseguirem violar as redes de Caio, decorridos os primeiros quarenta e cinco minutos.

O último quarto de hora é que foi decisivo no jogo. O sacrifício defensivo dos muçulmanos foi anulado ao minuto 74 por intermédio de Stanley Aigbe. Aliás, este tento do empate do Lobi Stars abriu caminhos para que Eze Stephen Lawrence e John pudesssem, em apenas 15 minutos, selar o resultado em 3 a 1 a favor dos Suswan Boys.

A segunda "mão" deste encontro está agendada para o dia 07 de Abril próximo no campo da Liga Muçulmana na Matola, onde, para a equipa moçambicana dar volta à eliminatória, terá de marcar, no mínimo, dois golos sem sofrer nenhum.

Muçulmanos queixam-se de maus tratos

Para os muçulmanos, a viagem até a Nigéria foi mesmo para esquecer. Pelos relatos tornados públicos através da página oficial do clube no Facebook e, posteriormente,



te, confirmados junto do delegado da equipa vencedora da Taça de Moçambique, Mahomed Makda, o conceito de fair-play foi rejeitado pelos nigerianos.

Tudo começou na manhã de sexta-feira (dia 15) quando, depois de aterrizar em Abuja, capital da Nigéria, a delegação da equipa muçulmana teve de permanecer retida pouco mais de quatro horas no Aeroporto Internacional Nnamdi Azikiwe. Tudo porque o delegado dos Suswan Boys – até aqui não identificado – acompanhado por Sani Lulu Abdullahi, presidente da Federação Nigéria de Futebol, que esperava pela Liga no aeroporto, recolheu a lista da composição da delegação moçambicana e sumiu sem dar satisfação nenhuma.

Passado o período de retenção, a dupla reapareceu e, sem tecer explicações, ordenou que a comitiva moçambicana viajasse de avião com destino à cidade de Gombe, a nordeste da Nigéria, antes de percorrer cerca de 145 quilómetros, por via terrestre e num "chapa", até chegar a Bauchi. Neste último trajecto, segundo Mahomed Makda, foi negada a alimentação à equipa, o uso da bandeira de Moçambique e, como se não bastasse, foram submetidos a um tratamento intimidatório.

Chegada à cidade de Bauchi por volta das 19 horas, a equipa da Liga Muçulmana foi levada a uma pensão completamente degradada, sem água, em péssimas condições higiênicas e ao lado de um prostíbulo, ou seja, a uma unidade hoteleira que não reúne condições para a concentração necessária de uma equipa de futebol antes de um importante jogo como era o caso.

Não obstante, e depois de um dia em que os atletas se alimentaram somente de bolachas e refrescos, lhes foi servido, a cada um, meio frango recheado de pipipiri. Segundo aquela fonte, os delegados da Liga solicitaram à contra-parte nigeriana a mudança de hotel, ainda que os custos fossem da própria Liga Muçulmana.

Mas debalde. A arrogância veio à tona e Mahomed Makda revelou ao @Verdade as palavras dos representantes do Lobi Stars nos seguintes termos: "Eles ameaçaram-nos. Disseram que se mudássemos de hotel iriam retirar-nos os homens da segurança e ficaríamos entregues à nossa sorte. Disseram, ainda, que Nigéria não é um país estável e que o cenário das eleições em que se encontra neste mo-

mento traz consigo muita violência". Aquele dirigente sénior da Liga acrescentou que um dos representantes da Federação Nigéria de Futebol terá sentenciado, aos gritos, como forma de apavorar os moçambicanos, que "aqui é Nigéria e não queremos saber o que vocês fazem por nós em Moçambique, aqui é assim".

Segundo Makda, este cenário foi prontamente reportado ao Comissário da Confederação Africana de Futebol (CAF) que, no entanto, nada fez senão remeter-se ao silêncio, "fazendo ouvidos de mercador" como se diz na gíria popular.

Na derradeira noite antes do jogo, o cozinheiro da pensão em que estava hospedada a Liga Muçulmana foi dispensado, o que causou muita desconfiança por parte da delegação moçambicana que decidiu, definitivamente, mudar de hotel. E já no regresso, depois do jogo, a direção do clube Lobi Stars impediu que a equipa moçambicana seguisse viagem por via área até Abuja, sujeitando-se a percorrer 361 quilómetros em seis horas, numa perfeita agressão às regras da CAF, que obrigam a equipa caseira a garantir transporte aéreo numa distância superior a 200 quilómetros.

Questionado sobre uma eventual retaliação no jogo da segunda "mão", o delegado da Liga Muçulmana respondeu que sim, que ainda serão estudados os mecanismos para que a sua equipa não saia prejudicada. Aliás, Makda disse que tudo será canalizado ao mais alto nível, neste caso à FIFA.

Segundo apurou o @Verdade de fontes ligadas à direção daquele clube, a Liga Muçulmana pondera transferir o jogo para o campo do Chibuto ou de Xianavane, bem como hospedar a equipa de Lobi Stars em Tete. Porém, a última palavra será da equipa técnica, liderada por Litos. O jornal @Verdade promete seguir este assunto.

Tabelas de resultados das Afrotaças

Taça CAF

Enppi (Egipto)	3	x	0	Gor Mahia (Quénia)
Atlético Petróleos Angola	0	x	0	Supersport United (Á. do Sul)
Lobi Stars (Nigéria)	3	x	1	L. Muçulmana (Moçambique)
W. Casablanca (Marrocos)	3	x	0	AS Douanes (Senegal)
Rail Club RCK (Burkina Fasso)	1	x	2	ASEC Abidjan (C. do Marfim)
DC Motema Pembe (RD Congo)	1	x	0	Lydia LB Académic (Burundi)
USM Alger (Algéria)	1	x	0	P. Sportif du Nde (Camarões)
Heartland FC (Nigéria)	2	x	1	US Bitam (Gabão)
Al Ahly Shandy (Sudão)	1	x	0	Dedebit (Etiópia)
Ismaily (Egipto)	2	x	0	Terreble C.O. (Madagáscar)
Club Sportif Sfaxien (Tunísia)	4	x	2	Gamtel (Gâmbia)
Diables Noirs (Congo)	6	x	1	Panters (Guiné Equatorial)
Recreativo Da Caala (Angola)	4	x	0	US Bougouni (Mali)
ES Sahel (Tunísia)	2	x	1	Onze Createurs (Mali)
Barrack Y.C.II (Libéria)	1	x	2	Azam FC (Tanzânia)
ASFAR (Marrocos)	1	x	0	AL Nasir (Líbia)

Liga dos Campeões

Zamalek (Egipto)	1	x	0	AS Vita Club (RD Congo)
Saint George (Etiópia)	2	x	0	Djoliba AC (Mali)
C.A.B (Tunísia)	3	x	0	Dynamos (Zimbabué)
Tusker (Quénia)	1	x	2	Al Ahly (Egipto)
Zanaco (Zâmbia)	0	x	1	Orlando Pirates (Á. do Sul)
Mochudi Chiefs (Botsuana)	0	x	1	TP Mazembe (RD Congo)
Vital'O (Burundi)	0	x	0	Rangers (Nigéria)
R. de Libolo (Angola)	2	x	1	Al Merreikh (Sudão)
JSM Bejaia (Algéria)	0	x	0	Asante Kotoko (Gana)
Primeiro de Agosto (Angola)	0	x	1	EST (Tunísia)
FUS (Marrocos)	3	x	0	Union Douala (Camarões)
Sewe San Pedro (C. Marfim)	4	x	1	El Hilal (Sudão)
AF A. Diallo (C. Marfim)	0	x	1	Coton Sport (Camarões)
Casa Sport (Senegal)	1	x	2	Stade Malien (Mali)
Kano Pillars (Nigéria)	4	x	1	AC Leopards (Congo)
ASFA Yennega (Burkina Faso)	2	x	1	Entente Setif (Algéria)

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si twitter.com/@verdademz



Comunicado

Atletismo: Atletas moçambicanos a caminho de Portugal

Tiveram lugar, no último fim-de-semana, no Estádio Nacional do Zimpeto (ENZ), provas internas de atletismo para deficientes, que tinham como objectivo a qualificação de mais atletas para o Campeonato Mundial de Atletismo do Comité Paraolímpico Internacional (IPC).

Texto: David Nhassengo/Reginaldo Chambule • Foto: Miguel Mangueze

Foi, na verdade, uma festa do atletismo moçambicano que se viveu no último sábado (16) no Estádio Nacional do Zimpeto (ENZ). Havia, naquele local, cerca de uma centena de atletas da cidade de Maputo, entre eles, os fisicamente normais e os paraolímpicos.

No entanto, todas as atenções estiveram viradas para o segundo grupo, que convergiu para o ENZ com o objectivo de alcançar os mínimos que lhe possa qualificar para a maior festa do atletismo para pessoas deficientes de todo o mundo, evento marcado para Lyon, na França, de 19 a 28 de Julho do ano em curso. Nestas provas internas, nenhum atleta conseguiu atingir as marcas necessárias, facto que gerou muita tristeza no semblante de alguns, ainda que tenham atingido os seus melhores tempos.

Ainda assim, segundo o seleccionador nacional, Narciso Faquir, as provas internas vão continuar a decorrer aos fins-de-semana até ao fim do próximo mês de Abril. Contudo, Moçambique, mesmo antes destes certames, já tinha confirmado a presença na França com quatro atletas, nomeadamente Celso Simbine na categoria T-11, com um mínimo de 2 minutos e 15 segundos na corrida dos 800 metros; Edmilsa Governo, T-13, que em 400 metros chegou à marca dos 61 segundos contra os 65 necessários; Maria Muchavo, T-12, que dos 64 segundos qualificativos atingiu 62 em 400 metros e Pita Rondão, T-11, em 400 e em 800 metros.

Quanto a estes quatro atletas, Narciso Faquir disse que os mesmos têm respondido positivamente aos treinos, estando neste momento a trabalhar no aprimoramento dos aspectos técnicos de corrida, com vista a corrigir os defeitos de cada um. Aliás, segundo aquele treinador, Moçambique tem capacidade para chegar ao campeonato mundial e fazer história, conquistando os primeiros três lugares do pódio.

Atletas a caminho de Portugal

Pese embora tenham atingido os mínimos que lhes garantem a presença no campeonato de mundo de atletismo do IPC, estes quatro atletas terão de passar por um torneio em Portugal, com vista a apurar a autenticidade dos respectivos registo. Tudo porque a contagem em Moçambique obedeceu a um sistema manual por mera falta de equipamento adequado, havendo necessidade de irem a Portugal competir para uma avaliação automática e já sob a chancela do IPC.

Sobre o facto de se deslocarem a Portugal com vista a confirmar as marcas e, ainda, correrem o risco de não consumar tal ob-



jectivo, perdendo o sonho de chegar à França, Narciso Faquir tratou de desvalorizar esse facto, afirmando que "já estamos na França. Vamos a Portugal apenas para conhecer o tempo automático dos nossos atletas".

"Temos falta de condições"

Os atletas ora qualificados, bem como os restantes que ainda tentam alcançar os mínimos, lamentaram de forma uníssona ao @Verdade o facto de não sentirem o devido apoio por parte do Governo moçambicano, até quando se é para custear despesas básicas como transporte, água e equipamento desportivo, mesmo ao serviço da seleção nacional.

Segundo os nossos interlocutores, por diversas vezes são obrigados a recorrer a fundos próprios para se fazerem aos locais de treinos. Não raras vezes, contam, o treinador é que tem custeado as despesas dos atletas.

Outra preocupação tem a ver com o estado deplorável em que se encontra a pista de atletismo do Parque dos Continuadores, cuja boa parte do piso se encontra degradada, o que, de certa maneira, prejudica a preparação, mesmo quando se sabe que eles são deficientes.

Edmilsa Governo, 15 anos de idade



É a mais nova das atletas com deficiência no país. Está nesta modalidade há sensivelmente dois anos. Diz-se muito feliz por ter atingido os mínimos qualificativos ao campeonato do mundo o que, para ela, representa o esforço e a dedicação no trabalho que vem realizando a cada dia. Promete, por outro lado, continuar a melhorar a sua marca e, a todo o custo, orgulhar o país em competições internacionais.

Compete na categoria T11, de deficientes visuais, e neste momento é a detentora do recorde nacional a nível dos 400 metros, com o tempo de 61 segundos. A sua expectativa é poder confirmar os mínimos em Portugal para poder participar no campeonato do mundo, bem como chegar à final.

Maria Elisa Muchavo, 21 anos de idade



Pratica esta modalidade desportiva há sensivelmente cinco anos. É actualmente a detentora da melhor marca na categoria T-12, de deficientes visuais, com o tempo de 62 segundos nos 400 metros.

Neste momento vive o seu sonho, construído há cinco anos: qualificar-se ao campeonato mundial pelo que, sendo a primeira vez, o seu desejo é conquistar uma medalha para o país. Em Portugal, Maria diz ir apenas para confirmar os mínimos e não para competir.

Ambiciosa, até já fala dos Jogos Paraolímpicos de Rio de Janeiro, em 2016, onde promete conquistar a medalha de ouro.

Dívidas comprometem a Liga Moçambicana de Futebol

Decorreu no passado dia 8 de Março em Maputo, a assembleia-geral ordinária da Liga Moçambicana de Futebol (LMF), órgão gestor do Moçambola, o campeonato nacional da primeira divisão do país. À semelhança do que sucedeu no ano transacto, uma vez mais foi exaltada como boa a direcção ou, se pretendemos, a lisura na gestão deste organismo por parte de Alberto Simango Júnior. Contudo, de tudo quanto se falou, há um detalhe que foi desprezado: afinal, a LMF tem muitas dívidas, quer para com os clubes, quer para com estâncias hoteleiras.

Nem tudo corre de feição no santo de devoção de grande parte da imprensa desportiva do país. Afinal, as contas da Liga Moçambicana de Futebol (LMF), segundo foi tornado público, na última assembleia-geral ordinária daquele organismo, que teve lugar, muito recentemente, em Maputo, andam desencontradas da lisura que se propala. Se, por um lado os delegados dos clubes presentes elogiaram de forma pomposa Alberto Simango Júnior pela transparência na gestão daquela instituição, por outro, são as contas que não mencionam: a Liga tem uma dívida de cerca de 18.7 milhões de meticais. Curioso é que é que a mesma tem barbas brancas. Estranhamente, reina um silêncio "ensurdecedor" na Imprensa especializada.

Segundo o relatório de contas referente ao exercício económico de 2012, no seu terceiro capítulo, a LMF deve aos clubes, um total de 13 621

816,95 meticais, ainda que tenha por receber do Chingale de Tete 64 050 e 112 800 do Clube Ferroviário da Beira o que, em termos práticos, representa a quantia de 13 444 966,95 meticais.

Segundo constatou o @Verdade, estes valores são relativos a transmissões televisivas. Porém, a LMF tem um bolo de 25% – sendo o restante da TVM – no lugar de pagar, negoceia com os clubes para que estes optem pela troca de serviços como transporte e alojamento em competições como a Taça de Moçambique no ano subsequente. Este cenário não reúne consenso dos clubes, sobretudo dos menos capacitados e também da Liga Muçulmana, este último que, no ano passado, proibiu a transmissão em directo dos seus jogos.

Por exemplo: o Costa do Sol, clube com qual a LMF tem uma dívida de 1 158 007,60 meticais, no lugar de

receber este valor na sua conta bancária, 25% do mesmo. Ou seja, 289 501,90 são revertidos em prestação de serviços como deslocação, alojamento e alimentação durante os jogos da Taça de Moçambique, bem como em viagens para estágios pré-competitivos e quejandos.

No que à dívida aos clubes diz respeito, o clube campeão nacional, o Malaquene, é o maior credor com um valor estipulado em 2 385 089,75 meticais. Outro dado mercedor de atenção é o facto de constar nesta mesma lista o Matchedje de Maputo (205 275,00 meticais), o Atlético Muçulmano (237 325 meticais) e o Sporting da Beira (72 850 meticais), clubes que desceram de divisão na temporada 2011.

A LMF não paga pelo alojamento dos clubes

Para além dos 13 621 816,95 em dí-

vida para com os clubes nacionais decorrentes dos direitos exclusivos de transmissão televisiva, a Liga Moçambicana de Futebol deve também a nove agências de viagens e de prestação de serviços diversos e a algumas unidades hoteleiras, um valor global de 5 051 774,55 meticais. Este passivo, sobretudo, leva a uma questão: será que a Liga paga pelo alojamento das equipas? Ora vejamos a lista, só para citar os casos mais gritantes:

Hotel Santa Cruz – 473 242 meticais
Hotel Massanguine – 400 000 meticais
Vila Olímpica – 1 454 600 meticais
Intersol – 62 869,05 meticais
Hotel Lúrio – 206 000 meticais

TVM: um caso grave

Ainda segundo o mesmo relatório, está patente que a Televisão de Moçambique, Empresa Pública (TVM

E.P.), entidade detentora de 100% dos direitos de transmissão televisiva dos jogos do Moçambola, não cumpre as suas obrigações na totalidade. Ora vejamos: se a percepção é de que a Liga Moçambicana de Futebol paga os 25%, neste caso 3 575 693,75 do valor global das transmissões televisivas, sobram 9 869 273,20 meticais que devem ser canalizado pelo canal público aos clubes do Moçambola, por via da LMF.

No entanto, segundo o relatório de contas de 2012, a TVM pagou apenas um valor de 625 mil meticais, o que compromete ainda mais a LMF, que, a pouco e pouco, vai perdendo credibilidade neste aspecto junto dos clubes. Aliás, estes últimos, longe de verem as suas contas gordas, assistem impávidos à repetição do mesmo problema a cada ano. Em 2011, a dívida global aos clubes era de apenas 6 069 741 meticais.

Jogos tradicionais ganham terreno em Nampula

Os jogos tradicionais tornaram-se em Moçambique e na província de Nampula, em particular, um desporto de massas que, a pouco e pouco, vai conquistando mais praticantes. Apesar da insuficiente intervenção do Governo, seja a nível central, seja localmente, estes vêm ganhando força em Nampula e os seus intervenientes lutam, a qualquer custo, por uma organização interna.

Texto & Foto: Júlio Paulino/Redacção (Nampula)

Juma Ernestino é praticante dos jogos tradicionais, concretamente o Npale, há mais de 20 anos. Em conversa com o @Verdade comentou que, que apesar da pouca valorização deste género de jogos, a prática já está a ser popularizada não só na cidade de Nampula, mas em todos os distritos, mas com maior incidência na região costeira, como é o caso da Ilha de Moçambique, Moma e Angoche, onde a sua prática é quase que tradicional.

No ano passado, um grupo de praticantes do seu núcleo com sede no bairro de Nampula na cidade de Nampula, em número de sete, deslocou-se à cidade da Ilha de Moçambique a convite dum dos grupos daquele ponto do país, para uma disputa de carácter amigável. "Pelo menos na Ilha de Moçambique, nos anos já idos, havia muita movimentação de grupos praticantes do Npale, para a zona continental, de forma coordenada e alternada, onde todas as tardes se realizavam disputas de grande nível, envolvendo jovens e adultos, mas aos poucos este cenário foi desaparecendo. Alegra-me saber que já está em curso o processo de resgate dos jogos", sublinhou.

Ernestino conta que os jogos tradicionais são praticados maioritariamente por indivíduos de poucas posses e iliterados, que fazem desta actividade um passatempo. "Nos anos passados, muitos que aderiam a este tipo de jogo eram oriundos do litoral, porque o Npale era praticado nas tardes, enquanto se aguardava pelo pescador que estava na pesca; por outro lado, muitas pessoas que não têm emprego fazem disto um dos principais divertimentos para esquecer algumas dificuldades", disse.

Um dos mais antigos praticantes de Npale em Nampula afirma que as pessoas ganharam o hábito de jogar durante as tardes, porque ao longo do período da manhã a maioria dedica-se aos seus afazeres ou actividades de auto-sustento. "Ao longo da semana, cada núcleo fica no seu próprio campo que serve, em parte, como forma de preparação e descobrimos os melhores atletas, e, com base neste processo, são seleccionados os mais destacados que são enviados para as disputas com outros núcleos", explica Ernestino, tendo acrescentado que ele e o seu grupo praticam os Jogos Tradicionais por gosto e não para obter ganhos financeiros.

Ernestino fez saber que a adesão de mulheres aos jogos tradicionais só começou a ser efectiva nos últimos cinco anos, devido aos hábitos e costumes da região que vedavam à mulher a partilha do mesmo espaço com o homem.

O Npale: uma modalidade de massas

O Npale é a modalidade mais praticada em Nampula. "Existem alguns núcleos que disputam o Npale com base em apostas monetárias, que variam entre cem a mil meticais, mas pela minha experiência este tipo de partidas não têm terminado bem, pois os perdedores nunca acreditam nos resultados, e em algumas vezes tem havido agressões físicas", anotou Ernestino.

Quando se trata de uma competição provincial, todos os núcleos são convidados a participar, e, por sua vez, seleccionam os seus melhores atletas para a prova. Nos jogos é usado um tabuleiro de madeira, covas feitas sobre a terra ou no cimento, com quatro filas de 4, 8, 16 ou 32 cada uma, e as pedras, os berlindes e até mesmo os caroços são usados como instrumentos de jogo.

O campo é um espaço livre, sobretudo por baixo de uma árvore por preferência dos praticantes e devido às condições climatéricas. Os adversários defrontam-se de cócoras ou sentados. Na disposição inicial, cada cova contempla duas pedras.

O sistema de confronto pode ser individual mas, quando é em equipa, aceitam-se no máximo dois participantes. Cada um controla duas filas de covas – as mais próximas a si – onde o objectivo final é eliminar todas as pedras do adversário. Como ponto de partida, o praticante escolhe uma cova para retirar as pedras e deixá-las nas covas subsequentes, uma a uma, no sentido anti-horário e a formar grupos de três até sobrar uma.

Quando a última pedra encontra uma cova também com pedras, o praticante tem de dar continuidade ao processo até achar um local vazio. Se esse vazio for encontrado na fila frontal à do adversário, cujo buraco



tem pedras, essas são automaticamente eliminadas; porém, se o buraco do adversário estiver vazio, o jogo é entregue ao oponente para, com o seu talento e malabarismo, tentar eliminar as pedras do primeiro.

Dá-se o caso, porém, de que um praticante fica com uma pedra no seu tabuleiro. Assim sendo, terá de a girar até ser eliminado ou encontrar, a partir das suas covas, as pedras do adversário para eliminá-las. O vencedor, conforme se referiu acima, é aquele que eliminar na totalidade as pedras do adversário.

No que à sua história diz respeito, o Npale é um jogo tradicional que submete o atleta a um esforço mental, em que a aritmética é fundamental. Segundo narrações de alguns praticantes, os mais adultos de Nampula, esta modalidade pertence dos jogos tradicionais era usada como esboço de estratégias para a defesa bem como para o ataque durante as guerras tribais, em que as pedras eram tratadas como guerrilheiros durante a batalha.

Por outro lado, segundo outras fontes, era usado como um jogo para a escolha do chefe tribal, condicão que era cedida ao vencedor. Na zona sul do país, esta modalidade tomou o nome de Ntxuva.

Um exemplo de reabilitação através do Npale

Na sequência da ronda efectuada pela nossa equipa de reportagem, escalámos as celas da Penitenciária Industrial de Nampula, local de referência, onde vários reclusos praticam esta modalidade dos Jogos Tradicionais. Conhecemos, na ocasião, Malfo Luís, jovem condenado a nove anos de prisão, um verdadeiro craque do Npale.

Segundo este recluso, apesar de se encontrar encarcerado nas celas daquela penitenciária, ele sente-se livre psicologicamente quando pratica esta modalidade. Foi, por isso, quando menos se esperava, que integrou em Setembro último a comitiva da província de Nampula que participou no segundo Festival Nacional dos Jogos Tradicionais, prova que decorreu na cidade de Lichinga, província de Niassa.

Aliás, só para que conste, Malfo Luís sagrou-se naquele evento campeão nacional de Npale.

"Muitos pensaram que o estar fora das celas para competir em Lichinga seria uma oportunidade para fugir da cadeia" confessou Malfo, para a seguir acrescentar que não importa o período em que estiver na cadeia, "só me sentirei verdadeiramente enclausurado no dia em que disserem para deixar de praticar o Npale".

O Campeonato Provincial

Ainda não há datas para a realização do Campeonato Provincial dos Jogos Tradicionais de Nampula. Porém, sabe-se que, em princípio, o mesmo terá lugar ainda neste ano. Neste momento estão a decorrer os campeonatos locais entre os núcleos, para serem apurados os vencedores que farão parte do certame a nível desta província nortenha do país.

Os distritos de Angoche, da Ilha de Moçambique, Nacala-a-Velha, Nampula-Rapale, Mongicual, Malema e Ribáuê são os que no presente rodam os seus atletas na busca dos seus representantes para a fase provincial.

Segundo o @Verdade apurou, junto do presidente da Associação Provincial dos Jogos Tradicionais, existe, para já, uma comissão técnica que tem efectuado o acompanhamento das provas locais, incluindo os aspectos relacionados com a pontuação. O Npale é a única modalidade em actividade.

A Associação Provincial de Jogos Tradicionais de Nampula (APJTN) divulgou, na última semana, que esta região do país conta com um pouco mais de 3000 praticantes desta modalidade, distribuídos por vários núcleos a nível dos distritos. No entanto, o grande desafio desta agremiação neste momento, que tem tirado o sono aos seus dirigentes é, única e simplesmente, o reconhecimento jurídico – ainda que se esteja numa fase bastante avançada para o efeito.

O @Verdade visitou nesta semana aquela agremiação de modo a perceber o seu grau de funcionamento, bem como para se inteirar acerca do Npale, a modalidade dos jogos tradicionais mais praticada a nível da província. Na ocasião, a nossa equipa de reportagem manteve um encontro com Carlos Muapanco, presidente da APJTN, que disse, em primeiro plano, que esta prática desportiva, nos últimos dias, tem registado um número crescente de novos praticantes, facto que se acontece desde 2008 quando se decidiu instituir a associação.

Aquele dirigente confirmou, ainda, que o Npale é a modalidade mais praticada a nível da província e que arrasta multidões nos dias de competições. As outras, porém de menor expressão e ainda em fase de divulgação, são: Maquini, Ethika, Npelele e Chapeue.

O nosso entrevistado disse que os jogos tradicionais a nível desta província nortenha do país começaram a ganhar terreno de forma invulgar em 2000, todavia, eram levados a cabo de forma desorganizada, visto que serviam apenas para diversão dos praticantes, maioritariamente adultos.

Falando concretamente da cidade de Nampula, a mesma fonte revelou que, de uma forma geral, nos dias que correm os jogos tradicionais têm sido realizados com muita frequência nos bairros periféricos de Namicopo, de Muhalá, de Namutequelua, de Mutomote, de Matala e de Natiquiri.

"Neste momento estamos a negociar com a empresa Telecomunicações de Moçambique (TDM) e com o Fundo de Investimento e Património de Abastecimento de Água (FIPAG) de forma a garantirmos núcleos em cada um dos bairros e nas escolas da cidade de Nampula. Queremos com este acção garantir competições regulares e ver os jogos tradicionais tornarem-se um desporto de massas" disse Muapanco, acrescentando que, para além das instituições prisionais, já foram criados núcleos em quase todas as escolas secundárias da cidade de Nampula e alocados os respectivos tabuleiros, com excepção da Escola Secundária de Nampula.

Soubemos ainda daquele dirigente que, face à evolução organizacional da agremiação de que é gestor neste ponto do país, decorrem neste momento alguns torneios, quer a nível da cidade capital, Nampula, quer a nível de alguns distritos tais como Angoche.

Questionado sobre as dificuldades encontradas para se formar uma associação provincial, Carlos Muapanco afirmou que "tudo tinha de partir dos núcleos. Foi através destes que conseguiram unir-se para formar a associação. Portanto, não foi difícil, senão a componente da legalização jurídica que ainda constitui um obstáculo para nós".

"Foi nossa estratégia dialogar com os fazedores dos jogos tradicionais a nível desta província de modo a, primeiro, transformar os locais onde competiam por lazer em campos oficiais de jogos; segundo, transformar os grupos existentes em núcleos e, deste modo, divulgar estes jogos um pouco por todos os bairros da cidade de Nampula, uma vez que a sua prática já é tradição em Nampula" sublinhou a fonte.

Dados estatísticos cedidos por aquele dirigente associativo dão conta de que, presentemente, pelo menos na cidade de Nampula, funcionam 15 núcleos com uma média de 25 membros, alguns dos quais reclusos de alguns estabelecimentos prisionais, como é o caso das cadeias Provincial, Feminina e Penitenciária Industrial. No que diz respeito ao género, só a Cadeia Feminina de Nampula conta com cerca de 70 mulheres, subdivididas em núcleos de competição interna.

Em jeito de desfecho, Carlos Muapanco frisou que, para tornar os jogos tradicionais mais competitivos e organizados, a sua agremiação decidiu introduzir neste ano o sistema de cobrança de uma taxa de inscrição estimada em 250 meticais para cada núcleo e mil meticais por cada distrito. Os mesmos valores serão, a posteriori, usados para premiar os primeiros três destacados durante o Campeonato Provincial de Jogos Tradicionais, prova que vai arrancar dentro de dias na cidade de Nampula.

Governo provincial abraça a causa

Pese embora os dirigentes do governo de Nampula não se façam presentes nos dias de competições, Carlos Muapanco confirmou ao @Verdade que a AJPTN tem beneficiado de apoio financeiro por parte da Direcção Provincial da Juventude e Desportos de Nampula, da qual, no primeiro ano, 2010, aquela agremiação recebeu 30 mil meticais para, já em 2012, receber 13 mil, valores usados na aquisição de tabuleiros que foram distribuídos pelos núcleos espalhados um pouco por toda a província de Nampula.

SEMANA DStv



NA TERRA DE SANGUE E MEL

Danijel e Ajla formam um casal. A sua relação altera-se com a chegada da guerra nos Balcãs, ambos deixam de saber a quem devem lealdade.

DIA 29 DE MARÇO, 22:25, TVC1

A PROGRAMAÇÃO

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Flor do Caribe 21:15 Guerra dos Sexos 22:15 Salve Jorge 23:25 Fantástico	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Flor do Caribe 21:15 Guerra dos Sexos 22:15 Salve Jorge 23:45 Louco por Elas	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Flor do Caribe 21:10 Guerra dos Sexos 23:10 Salve Jorge	GLOBO 19:55 Malhação 19:25 Flor do Caribe 21:15 Guerra dos Sexos 22:15 Salve Jorge 23:10 Pé na Cova	GLOBO 19:55 Malhação 19:25 Flor do Caribe 21:15 Guerra dos Sexos 22:15 Salve Jorge	FOX MOVIES 19:42 Scooby Doo 2: Monstros à Solta 21:13 Eu, Tu e o Emplastro 23:00 É Muito Rock	PANDA 12:30 Bairro do Panda 12:45 Tudo é Rosie 13:00 Hamtaro
FINE LIVING 22:30 My Yard Goes Disney 23:20 Color Splash	SS1 MÁXIMO 20:55 França x Espanha	MTV 22:20 Made Sporty 23:45 Geordie Shore 00:30 Catfish	BIGGS 17:30 6 Teens 18:00 Família Pirata 18:30 O Que Há de Novo Scooby Doo?	FOX CRIME 21:30 Lie to Me 21:15 Nikita 21:58 Lei & Ordem 22:43 Lie to Me 23:28 C.S.I. Nova Iorque	SS1 MÁXIMO 14:30 Sunderland x Man. United 16:45 Man. City x Newcastle 18:55 Celta de Vigo x Barcelona 20:55 Estugarda x B. Dortmund	AXN 19:26 Payback: A Vingança 22:10 The Mob Doctor (1): Ep 104 23:00 Castle 00:00 A Múmia
TV RECORD 20:30 Prova de Amor 22:00 Alta Estação 23:00 Balacobaco	SS2 MÁXIMO 21:30 Holanda x Roménia	CBS REALITY 22:25 Las Vegas Jailhouse 22:50 Forensic Investigators 23:40 Unsolved	FOX FX 22:29 Fear Factor 23:14 Wipeout 00:21 O Escritório	FOX LIFE 21:47 So You Think You Can Dance, T9	FOX 22:36 Hawaii Força Especial 23:30 Spartacus 00:20 The Walking Dead	
	TV RECORD 22:00 Alta Estação		00:45 Fear Factor			

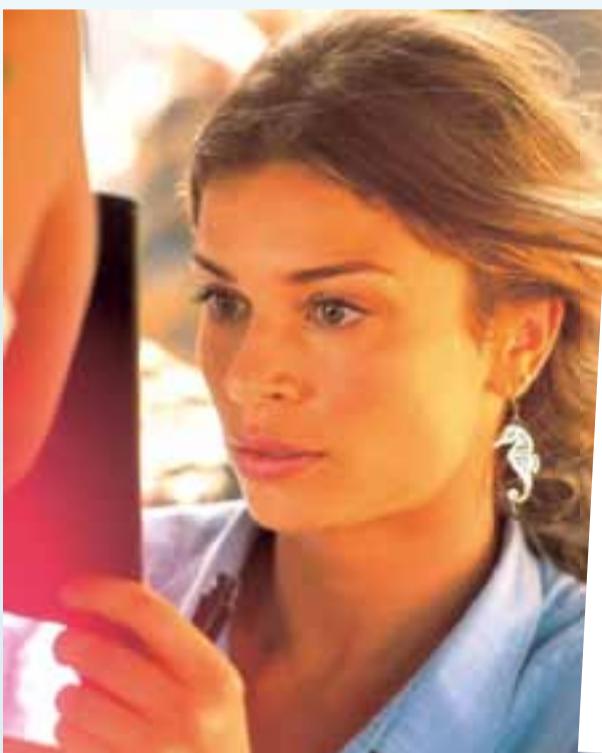
OS DESTAQUES



BALACOBACO

Uma trama incrível que dará emoção e diversão a sua semana. Nesta novela, o telespectador vai do suspense a comédia, sempre com muito dinamismo.

SEGUNDA A SEXTA, 22:00, TV RECORD



FLOR DO CARIBE ESTER DESCOBRE QUE ESTÁ GRÁVIDA

Ester diz a Taís que vai contar aos pais que está grávida de Cassiano. Cassiano descobre uma forma de fugir. A notícia da gravidez de Ester se espalha pela vila. Olívia se emociona ao saber que vai ser avô. Cassiano diz a Duque que não vê a hora de se vingar de Alberto. Dom Rafael se enfurece com o interesse de Cristal sobre seus negócios. Alberto diz ao avô que se aproveitará da gravidez de Ester para ficar com ela. Cristal revela a Amparo que desconfia dos negócios do pai. Quirino se casa com Doralice. Quirino e Doralice encontram um bebê em um cesto na porta de sua casa. Ester sente que está na hora de seu filho nascer e chama por Veridiana.

DE SEGUNDA A SÁBADO, 20:20, TV GLOBO



TRANSFORMERS PRIME

Transformers Prime relata o triunfante retorno dos Autobots através da mais avançada animação gerada em computador, ao mesmo tempo que apostava numa nova geração de espectadores e futuros fãs. Optimus Prime, Bumblebee, Arcee, Ratchet, Bulkhead e muitos outros estão de volta para combaterem a mais recente tentativa de Megatron para conquistar a Terra.

SEGUNDA A SEXTA, 20:00, PANDA BIGGS



FRANÇA X ESPANHA

Partida decisiva do Grupo I da fase de qualificação para o Mundial de 2014. Acompanhe este grande jogo da fase de qualificação para o Mundial do Brasil entre duas das melhores seleções do mundo. Este é o jogo que pode decidir de forma definitiva a liderança do Grupo I, até agora partilhada por ambas as equipas.

DIA 26 DE MARÇO, 21:55, SS1 MÁXIMO



Mantenha a sua conta ligada pagando a sua mensalidade antes da data de corte e fique automaticamente habilitado a ganhar 150'000MT no nosso sorteio semanal. Com recompensas assim, tudo o resto pode esperar.

102 3700 para Portugal / 04 3700 para Webcom / 21 220 21718 | [@DStvMozambique](#) | [www.DStv.com](#)

Política de Termos e Condições

DStv
Compensa

Em busca da identidade: Panaibra desbrava “Tempo e Espaço”

Em “Tempo e Espaço: Os Solos da Marrabenta”, o coreógrafo moçambicano, Panaibra Gabriel Canda, percorre as duas dimensões. Atraca na identidade dos moçambicanos. Reconhece-a e nela habita. Porque ela experimentou o colonialismo, a independência, o socialismo/comunismo, e, agora, a democracia é robusta. No entanto, a sua robustez é recusada pela realidade social. Porquê?



Texto: Inocêncio Albino • Foto: Ouri Pota

Durante alguns anos, o célebre coreógrafo moçambicano, Panaibra Gabriel Canda, realizou uma pesquisa a fim de compreender a identidade moçambicana. Os resultados dos seus trabalhos, algo impressionante, são a criação da obra “Tempo e Espaço: Os Solos da Marrabenta”. No passado, a criação em referência foi “Prémio Cultural para a África Austral 2009 Sylt Quelle”.

Em Moçambique, a sua exposição aconteceu, pela primeira vez, a 15 de Março de 2013. O público local, desejoso de ver a peça há bastante tempo, quase lotou o Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo.

O que se sabe sobre a obra? E como isso se relaciona com Moçambique? A nossa história mostra-nos que experimentámos vários contextos socioculturais e políticos: os moçambicanos vêm da época antes da colonização – a fase dos nossos ancestrais – viveram o colonialismo, combateram-no, impuseram-se como nação com a conquista da independência, adoptaram o sistema socialista/comunista, passaram por uma guerra que durou 16 anos, entenderam que deviam orientar-se com base na democracia, criaram vários partidos políticos. Nesse processo contínuo, gerou-se um corpo – que por ter experimentado todas estas transformações – é devia ser robusto. Implantou-se uma nova identidade, e forte. É isso que se percebe quando se conversa com Panaibra Gabriel Canda.

“Não importa se nos foi imposto ou não, a verdade é que ao longo da nossa história assumimos várias identidades. É em volta disso que a minha reflexão gravita”, refere. Ou seja, “procuro perceber como é que esse corpo – oprimido pela colonização e que mais adiante experimentou vários momentos – se ajusta nesses contextos para conseguir sobreviver”. Aqui, a questão da identidade é um ponto de partida para compreendermos o nosso mundo contemporâneo, o comportamento da juventude, antes, se calhar, de formular esta crítica social que nos mostra que há muitos valores – da nossa tradição e cultura – que se perderam.

Admitindo que a sociedade moçambicana continua a obrar-nos uma maneira de ser e estar que, neste momento, está desajustada, Panaibra Gabriel considera que “é importante compreendermos esse contexto porque gerou uma nova identidade que – caso não a percebemos – pode desaparecer”.

Ou seja, “a nossa identidade actual será engolida pela imposição da nova maneira de ser e estar da economia do mercado, desse fluxo de informação”.

O pior é que na leitura de Panaibra, o autor de “Dentro de mim outra ilha”, “irá desaparecer algo que foi construído de forma genuína durante o caminho da nossa liberdade. Nós devemos-nos agarrar à cultura contemporânea que possuímos e não na vivência de um passado remoto, os dos ancestrais, como se entre o referido pretérito e o presente não tivessem ocorrido transformações que afectaram o nosso ser, conferindo-nos uma nova identidade”.

A dado momento, enquanto os artistas – Panaibra Gabriel Canda e Jorge Domingos, na música – actuavam, ficámos com a ideia de que “Tempo e Espaço: Os Solos da Marrabenta” é uma obra de arte, uma coreografia, ao serviço da sociedade. Para explicar os desdobramentos da vida social.

A par disso, duas leituras podem ser feitas: a crítica ao comportamento social actual é feita sem ter em conta os vários contextos, por um lado, por outro, há uma preocupação de o artista sublimar a herança cultural que se produziu no âmbito de todas as transformações sociais operadas.

Mas se, de facto, assumirmos que o corpo moçambicano – entendido como um espaço geográfico amplo, uma nação, onde há confluência de gentes, um alojamento de pensamentos, sentimentos, vontades e desejos das pessoas – por causa das experiências que possui tem alguma robustez, então, porque é que a nossa sociedade, a vivência social nos mostra o contrário? Sobre o assunto, o artista engendra uma opinião peculiar e esclarece as dúvidas: “O novo corpo moçambicano é bastante rico.

Ele absorveu muitas transformações e reinventou-se para ser o que é. A contradição que existe resulta do facto de não procurarmos compreendê-lo, para que possamos explorar as suas potencialidades. Por exemplo, a liberdade de expressão devia ser uma linguagem contemporânea”.

O que se pretende explicar é que “em termos de agenda de governação – ou vontade política – não há uma consciência que propicia a exploração desse corpo poderoso. Seria muito importante se se pudesse pegar na nova identidade e encaixotar naquele corpo primitivo, tradicional, a fim de começar a fazer a nossa propaganda sobre os nossos valores socioculturais”.

“Eu penso que há falta de consciência da necessidade de se compreender esse corpo e dar-lhe a sua importância para que, de forma mais concreta, se possa criar a recriar o mundo contemporâneo”.

A mediocridade não vale

A dança contemporânea – como se viu em “Tempo e Espaço: Os Solos da Marrabenta” – é uma linguagem, por meio da qual se transmitem informações. Até que ponto tais mensagens são percebidas pelo público? Ainda que se forme o público, Panaibra Gabriel Canda considera que o desafio se encontra nos dois lados: no público consumidor e nos criadores, os artistas. De uma ou de outra forma, “do ponto de vista do público, fazer uma obra radical – em que só prevalece o mundo subjectivo do artista, o seu ego – não é interessante. Há uma necessidade de conciliar os interesses, abrindo espaço para a participação do outro”.

Isso não significa que temos de fazer obras simplistas para materializar essa acessibilidade. A construção de um público é um processo”, esclarece. A experiência mostra-nos que “o público está sedento. Agora, o facto de encontrarmos um público ávido – em termos de consumo de obras arte – não significa que toda a mediocridade serve”, esclarece enfatizando que “temos que melhorar a qualidade das obras, aprofundar mais os pontos fracos, de modo que as criações possam transcender o espaço de qualquer mediocridade”.

Para o artista é sempre preocupante que alguém considera – depois de um espectáculo de dança – que gostou do que viu, mas que não compreendeu. Logo, “as incompreensões do público transcendem o trabalho do artista em palco. Ele deve cultivar-se através da leitura de romances, do cinema, do teatro, ou seja, deve criar a cultura do consumo de obras de arte para que possa ser um factor útil no seu desenvolvimento, uma vez que passará a ter uma observação crítica em relação aos produtos artísticos”.

Duas décadas de percurso

Este ano Panaibra Canda celebra 20 anos de carreira. No entanto, a densidade da sua agenda – em termos de actuações no estrangeiro – não lhe permite pensar na criação de um evento específico para a ocasião. De uma ou de outra forma, “a avaliar pelo acompanhamento que temos tido nos lugares em que passamos, a celebração é grande”.

Duas décadas de carreira são um percurso que gerou um sentido: “ganhámos um certo reconhecimento no qual não nos abrigamos, porque as pessoas precisam de obras de arte”.

Elas não compram nomes, nem conceitos, mas querem obras de arte. Então, temos de investir de forma contínua na investigação e na qualidade dos trabalhos”.

Construir vantagem na desvantagem

Panaibra Gabriel Canda considera que “nós não apostamos numa qualidade local – como quem diz que o público moçambicano não está exposto a obras de artes, então, irá impressionar-se com qualquer criação – não nos conformamos com as nossas obras, sempre quisemos conquistar o público em qualquer parte do mundo”.

Entretanto, a grande pena – uma verdadeira desvantagem nacional – é que “vivemos num país pobre em que as políticas culturais não são fortes em relação aos outros”.

No mundo há Estados, como o Brasil por exemplo, em que basta que uma companhia local receba uma carta-convite para participar em festivais internacionais, para que o Governo do seu país crie condições a fim de que tenha passagens aéreas.

Nós não temos isso”. Em resultado disso, “se uma produtora de festivais culturais estrangeira nos convida a participar no evento, ela deve encarregar-se do pagamento das passagens, do visto da viagem, a acomodação, incluindo um cachê. Estamos numa situação de desvantagem”. Então, “imagine se a nossa obra fosse mediocre – ninguém iria investir tanto dinheiro nela”.

Crossroads funda academia de música!

A Associação Music Crossroads – que existe há 16 anos – criou uma academia de formação profissional na área da música com o mesmo nome. Sem desvirtuar o conceito consolidado, o do festival musical, em 2014, a instituição irá introduzir outro, o campus de música étnica. "Queremos abranger géneros musicais marginalizados", explica Rufas Maculuve, o director executivo da escola. As aulas arrancam em Abril.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Na semana passada, a par da apresentação da iniciativa à sociedade civil, a Associação Music Crossroads Moçambique – que há 16 anos realiza o Festival Music Crossroads – concedeu uma entrevista ao Jornal @Verdade em que explica como é que a nova instituição de ensino musical irá funcionar. De acordo com Rufas Maculuve, a criação da referida entidade de ensino técnico-profissional de nível médio é uma resposta aos desafios enfrentados pelos cantores, no país, bem como a necessidade de aquela organização ampliar o seu espaço de acção.

É que "a dado momento, olhando para a realidade do nosso país, percebemos que o Festival Music Crossroads, bem como os seus workshops – abordando temas referentes à música e outros de relevância social como o combate ao SIDA – não eram suficientes. Constatámos que, apesar da existência, no país, da Escola Nacional de Música e da Escola de Comunicação e Arte – que lecionam cursos de especialidade musical nos níveis básico e superior, respectivamente, o território nacional oferece-nos muito mais espaço de acção por explorar no campo do ensino". Nesse contexto nasce a ideia de agregar novos valores ao Festival Music Crossroads, desta vez, concebendo-o como uma academia de formação profissional. "Acreditamos que esta instituição irá criar uma estrutura de base muito forte porque gerará pessoas com uma formação adequada, ao nível da música, a fim de que haja melhores intervenientes no sector".

Reducir a discriminação

A partir da sua experiência como músico, Rufas Maculuve, o director executivo da academia, que é membro da Banda Kapa Dêch, considera que "estamos conscientes dos desafios que iremos enfrentar no percurso. Criámos a escola porque sentimos que as pessoas que têm habilidades para a música têm sido marginalizadas nos processos do seu ensino". É que os cidadãos que têm pendor para a música, "depois de concluírem o nível básico necessitam de aprender algo que tem a ver com a sua paixão na arte. No entanto, invariavelmente, não têm tido esta possibilidade. Disso eu sou um exemplo", considera Rufas. Outro exemplo apontado pelo nosso interlocutor diz respeito ao facto de que "durante o período pós-independência, houve muitos músicos que ficaram excluídos do processo



de formação na área de que gostavam. O meu background de artista mostra-me isso. Eu gostaria de ter tido uma formação musical aos 15 anos de idade ou, se calhar, muito antes – o que não tive".

Grupo alvo

Refira-se que o curso se destina a pessoas com idades compreendidas entre os 15 e 30 anos. É importante que os concorrentes tenham vocação para a música, ou, no mínimo, saibam manejar algum instrumento musical. "Ser músico difere das demais actividades porque, para o efeito, a pessoa precisa de ter talento. A música possui a componente científica, mas também o dom conta muito", argumenta. Entretanto, ainda de acordo com o director executivo da Academia Music Crossroads, as pessoas cujas idades estão fora do padrão pré-estabelecido – querendo cursar música – não serão, necessariamente, excluídas. "Terão um tratamento diferenciado". Por exemplo, "se aparecer um cidadão de 50 anos de idade a querer estudar guitarra, será oferecido esse serviço fora das actividades normais da academia, onde o curso é profissionalizante".

Enquanto funciona a Academia Music Crossroads, as demais actividades da agremiação não irão parar. "O exemplo disso é que, em 2014, iremos introduzir novos conceitos e produtos como, por exemplo, o campus de música étnica. Queremos abranger outros estilos de música que achamos que estão a ser marginalizados".

"Temos um problema de consumo de arte no país"

O artista plástico moçambicano, Hélder Nhackotou, um dos dirigentes da Associação Núcleo de Arte, em Maputo, considera que os moçambicanos (ainda) não têm a cultura de consumo de obras de arte. Enquanto isso, sempre que cidadãos ocidentais – os maiores consumidores – adquirem as obras de autores nacionais, com elas "vai-se um parágrafo da nossa história".

Texto: Redacção • Foto: Miguel Mangueze

A relação de Hélder Nhackotou com as artes plásticas inicia nos finais da década de 1990, altura em que concluiu a sua formação na Escola Nacional de Artes Visuais. Na altura, também, o artista começou a frequentar o Núcleo de Arte. Em relação à referida fase, o pintor recorda-se de que a "partir do momento



em que me apercebi de que tinha jeito para o desenho – uma área que sempre apreciei – decidi que devia segui-la. Aventurei-me e tive a oportunidade de frequentar a Escola Nacional de Artes Visuais, em Maputo, onde aprendi a essência da ciência

da arte, o uso dos materiais, bem como a necessidade de aprimorar a capacidade de recriação e o conhecimento da história de arte". O impacto disso é que, a partir daí, "aprendi a defender a importância do trabalho artístico que faço. Em 1999, ganhei o interesse de participar em exposições – o que constituiu uma nova aventura, uma provocação – porque, dantes, só pintava e acumulava as obras em casa".

O artista congratula-se com o facto de que, na sua andança nas artes, teve sempre o apoio dos pais. "Recordo-me de que quando eu passei para a 8ª classe, o meu pai questionou-me sobre o assunto até que eu lhe disse que queria estudar desenho porque apreciava a pintura. Ele anuiu, mas chamou-me a atenção para o facto de que a arte não é algo fácil". Entretanto, havia algumas restrições: "O único aspecto que eles criticavam era o facto de eu ter começado a fazer dreadlocks. É que, naquela altura, para muitos do meus colegas, ser artista significava isso. Havia uma grande emoção em relação à questão da identidade africana".

Mas, ao longo do tempo, com a maturidade, percebemos que a realidade não era bem assim. Tratava-se de uma questão de estilo e de certas etiquetas que se criavam". Ou seja, "o meu pai não gostava que eu estivesse muito envolvido com a cultura rastafari. Ele compreendeu que

continua Pag. 28 →

Não somos eurocêntricos

O primeiro grupo dos formandos da Academia Music Crossroads será constituído por 30 pessoas. No entanto, "temos dois níveis de formação. O primeiro dura um ano, mas se o formando quiser pode prosseguir para outro nível avançado em que pode explorar outros sectores como, por exemplo, a educação musical, a pesquisa da música tradicional, ou outra especialidade".

Refira-se que o primeiro ano tem como objectivo munir o estudante de ferramentas básicas – como, por exemplo, o conhecimento da leitura e a composição da música, o melhoramento do nível de execução de instrumentos – para que, no ano seguinte, o formando possa seguir para outras pesquisas. Falando sobre as condições que se oferecem na instituição em alusão – equipamentos modernos como laboratórios contemporâneos, incluindo as metodologias do ensino – Rufas Maculuve explica que, apesar de tudo, "não queremos trazer um pensamento, apenas, eurocêntrico na música. Olhamos para a realidade do mercado moçambicano".

A Academia Music Crossroads é uma iniciativa financiada pelo Governo da Noruega, a Global Music Academy – que desenhou o currículo –, incluindo a Yamaha Golfo Pérsico. Por isso, uma das vantagens que daí resulta, tomando em conta a rede de escolas a que a instituição moçambicana se junta, é que o currículo em vigor no país é válido em qualquer parte do mundo. "Isso significa que se um músico for acreditado pela nossa escola tem a possibilidade de dar continuidade aos seus estudos fora do país, numa escola que faça parte da rede da Global Music Academy no mundo".

Projecto Pamoja: Maputo acolhe(rá) a grande residência!

Quatro semanas de um trabalho intenso, 13 artistas moçambicanos – entre eles coreógrafos, bailarinos e dois pintores –, três palcos distintos (para a realização de ensaios) e muita dedicação foi a combinação certa para a produção do primeiro Laboratório de Criação Artística. Os seus resultados foram expostos, no dia 28 de Fevereiro, em Maputo. Do universo das obras, no segundo semestre do 2013, um número menor, ou igual a três será desenvolvido no âmbito do Projecto Pamoja.



Texto & Foto: Inocêncio Albino

Os oito trabalhos artísticos – ndingandi, justaposição, 16-25, ele – ela, 5 se(m)tidos, vidas amargas, reflexões 1,2,3 e tensão, apresentados na mostra do primeiro Laboratório de Criação Artística, decorrem no âmbito de um programa maior, o Pamoja, que é a rede pan-africana de produção e residências artísticas.

Em Moçambique o Pamoja é representado pela Culturarte, a sua parceira que – em coordenação com organizações similares no Congo e no Senegal – (a par do financiamento da União Europeia através do Programa ACP Cultures + que estimula este tipo de iniciativas no referido conjunto de Estados) trabalha com os países da África Austral para o desenvolvimento artístico na região.

Como, então, funcionam os sub-organismos do Projecto Pamoja? É simples. Trata-se de uma iniciativa desenvolvida entre três unidades – cada uma na sua região, a Culturarte em Moçambique, por exemplo – que se mantêm em comunicação, entre si, e entre os países sob a sua jurisdição no contexto dos membros de África, Caraíbas e Pacífico (ACP).

É neste sentido que a par de Moçambique – que realizou o primeiro Laboratório de Criação – nas demais regiões de África, onde o Congo e o Senegal são os dirigentes das

actividades, realizam-se actividades similares ao Laboratório de Criação Artística. Sabe-se, porém, que o projecto macro – desenvolvido pelo Pamoja – terá a duração de três anos. O foco de apoios aos artistas participantes – que são as residências de criação – está orientado para os processos de criação e não, necessariamente, para os resultados.

“É que uma das maiores fragilidades dos criadores, no contexto dos países abrangidos, é a falta de apoio – entendido como, por exemplo, o acesso a um espaço para a realização de ensaios, pessoas com quem se possa aprofundar os projectos, a possibilidade da execução de exposições ou actuações – para que os artistas possam trabalhar e amadurecer as ideias”, observa Ana Lúcia, a coordenadora de actividades.

Não é obra do acaso que se incluiu, aqui, uma componente de formação que – neste primeiro laboratório não foi muito profunda – pretende ser no futuro. Afinal, na próxima vez, o foco será a realização de residências artísticas.

De acordo com a organização, a partir da mostra realizada no dia 28 de Fevereiro, que confluí oito subprojectos, serão seleccionados alguns trabalhos cujos artistas poderão ter a oportunidade de beneficiar de melhores condições de trabalho, a fim de que possam apurar as suas obras.

Pamoja será no segundo semestre

De acordo com Ana Lúcia, a coordenadora das actividades no âmbito do evento, até finais deste mês serão conhecidas as obras apuradas para a residência de criação agenda para ter lugar entre os meses de Julho e Setembro.

continuação → “Temos um problema de consumo de arte no país”

aqui, em Moçambique, ou em África, a maior parte dos artistas estava ligada a tais princípios – o que não constituía verdade. Mas como ele não havia dificultado na materialização da minha vontade, então, porque é eu lhe devia complicar? Não enveredei pelos caminhos que ele abominava”, refere. Aliás, “também descobri que, em muitos de nós, as rastas eram criadas por uma questão de emoção. De uma ou de outra forma, sempre fui apoiado pelos meus pais. O maior valor que os meus familiares sempre exigiram, em casa, foi o respeito e a necessidade de evitarmos trazer problemas. E nós, os filhos, sempre evitámos”.

Preocupado com a inovação

Diz-se que a sua fonte de inspiração é o meio. Mas, a par disso, quais são os objectivos do artista sempre que gera arte? Nhackotou considera que “na minha produção, estou sempre preocupado em trazer um novo conceito, em termos de equilíbrio estético, para a obra. Uma diversidade na exploração de tonalidades de cores com que me envolvo e, por essa via, expressar aquilo que eu sinto dentro dessa paisagem que me rodeia, buscando – no contexto da técnica e do tema – algo para ensinar”. Questionado sobre os principais consumidores de artes plásticas, em Moçambique, Hélder Nhackotou considera que “o que eu tenho apreciado é que a maior parte das pessoas que compram obras de arte no país provém do estrangeiro. Acho que isso se deve ao facto de eles terem tido a oportunidade, muito cedo, de conhecer a utilidade, o valor e a importância de uma

criação artística. Como se sabe a arte não só exprime sentimentos, também expressa conhecimentos”. Para o artista, “nós, os africanos, sempre olhamos para a arte como uma forma tradicional de expressar os nossos ritos cerimoniais como a dança, a gravura, a concepção de máscaras e nunca numa perspectiva de comercialização ou de conhecimento científico. Sucedeu, porém, que com esta educação – influenciada pela Europa – que recebemos, formata-se a nossa mente. Ganhamos uma visão científico-didáctica”. Mesmo assim, quando o assunto é o consumo, os estrangeiros continuam a assumir a liderança. “É que eles quando visitam África conseguem reconhecer, através das obras, a história, os hábitos e costumes e a tradição do povo nativo. Ao comprar as obras de arte, não somente adquirem um objecto de valor, mas, com o mesmo, vai-se um parágrafo da nossa história. Esse quadro serve para a realização de uma série de análises e pesquisas”.

Não temos regulamento

Nhackotou considera que um quadro adquirido, em África, por 500 dólares, na Europa pode ser vendido a 2.000 dólares. É que naquele continente, através dos seus serviços de promoção da arte, estipulam-se preços básicos específicos. Por exemplo, lá, “há galerias em que o preço mínimo de uma obra de arte é de mil euros. Aqui, em Moçambique, não temos um regulamento que determina, em todas as galerias que as obras expostas – independentemente do artista e do tamanho das criações – devem

Sabe-se, porém, que neste primeiro ano do nascimento da iniciativa – que associará artistas de diversas partes do mundo membros da ACP – Moçambique será o país anfitrião das mostras. Além de espectáculos, as realizações incluirão formações, debates e workshops. Recorde-se de que no Laboratório recém-terminado, “criou-se a possibilidade de, pelo menos em aspectos técnicos, os bailarinos beneficiarem de apoio em matérias de iluminação com o técnico francês da área Jean-Pierre Legout”.

“Queremos trazer pessoas que possam contribuir na formação técnica dos artistas moçambicanos. O objectivo é organizar mais aulas, mais seminários, explorando os campos da dramaturgia, da iluminação, da cenografia e da sonoplastia. Há uma série de disciplinas complementares à dança que se devem potenciar”, refere Ana Lúcia.

A Formação (ainda) é fraca

De acordo com Ana Lúcia – uma pessoa com alguma experiência nos projectos de dança contemporânea – o sector da formação ainda é fraco. “Acho que deve haver mais. É uma pena não termos (ainda) um curso superior na área da dança contemporânea”.

“Os bailarinos que, hoje, se dedicam ao sector da dança contemporânea aprenderam uns com os outros, o que é muito bom. Mas é preciso que os artistas tenham mais condições para se dedicarem mais de modo que possam ter o orgulho de afirmar que vivem da dança e que, como tal, são reconhecidos”. Refira-se que a maior parte das actividades, incluindo a mostra final, teve lugar no Centro Cultural Franco-Moçambicano. A Casa da Cultura do Alto-Maé e o Cine Teatro Scala foram utilizados para a realização de ensaio.



Costa Neto: “Fui forçado a abandonar o país”

Costa Neto, autor do trabalho discográfico “Mandjolo”, é um célebre músico moçambicano radicado, há anos, em Portugal. Numa conversa mantida com @Verdade, o artista revela que foi impelido a abandonar o país. Descubra os seus argumentos.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Sérgio Ribé



@Verdade: De uma forma resumida pode falar-nos da sua infância?

Costa Neto (CN): Nasci no campo, onde passei a minha infância. Penso que essa experiência foi um privilégio porque as cidades – parecidas em quase todo o mundo – são desprovidas de muitos valores que nas zonas rurais se preservam. Os meus primeiros anos de vida foram passados nos montes da Ponta do Ouro, onde o meu pai nasceu. Ele era um faroleiro. Aprendi muitas práticas culturais e tradições locais.

@Verdade: Sabe-se que concluiu o ensino técnico e, logo a seguir, em 1988, foi convidado a leccionar, mas recusou-se. Quer falar-nos das razões?

CN: Não fui convidado. Fui mandado para uma formação intensiva e acelerada na área de professores. Foi uma surpresa. Nessa altura havia uma crise de professores do ensino técnico no país, e precisavam de formar, urgentemente, docentes.

Eu frequentei o curso mas depois percebi que, no fim, seríamos obrigados a dar aulas. Fui um pouco rebelde porque não fazia sentido ser obrigado a ser o que eu não queria.

Desisti quase no fim do curso porque compreendi que se concluísse seria obrigado a responder a um chamamento, lecionar, para o qual não estava disposto. As condições eram completamente irracionais. Os salários propostos aos potenciais professores eram absurdos. Não eram oferecidas as mínimas condições pelo menos para sobreviver. Foi uma fase de muita demagogia. Então, eu afastei-me.

@Verdade: Sacrificou a docência pela música? Como foi?

CN: Já vinha a cantar antes. Quando era estudante actuava nas boates à noite e ia à escola durante o dia. A experiência – sobretudo por causa da gestão do tempo – foi complicada, mas também muito boa porque me ensinou a saber orientar a minha vida.

Nessa altura eu não tinha dinheiro e não podia continuar a depender dos meus pais. Ainda adolescente, comecei a ganhar consciência de que eu devia ser um bom profissional. Por esse lado, a experiência foi boa.

@Verdade: Na década de 1980, o seu grupo Mbila fez muito sucesso. Quer falar-nos desse episódio? O que ditou o fim da colectividade?

CN: Não houve nenhum motivo. Nós não decretámos o fim do grupo. O que sucedeu foi que, por força das circunstâncias, acabámos por nos espalhar.

Então, praticamente, o fim do Mbila coincide com a minha partida para Portugal. Mas antes disso as coisas já se complicavam porque não havia recursos.

foi relativamente fácil. Mas, na música, para começar, foi difícil porque – como se diz na gíria – eu caí de pára-quedas. Comecei do zero. Tive que pegar mesmo no duro. Desenvolvi actividades que não tinham nada a ver com a arte.

Teria sido delinquente

@Verdade: Quer citar alguns exemplos de tais actividades?

CN: Fui ajudante nas obras de construção civil. É uma fase que também me orgulha porque – se eu fosse pobre de espírito – podia ter sido um delinquente.

Penso que foram experiências edificantes. Não desejo que alguém experimente peripécias que não planeou para a sua vida, mas sinto que elas, às vezes, edificam a personalidade. Talvez, se a vida tivesse sido um mar de rosas para mim, eu teria, hoje, uma forma leviana de encará-la. Não ter tido uma casa, um lar para viver mesmo tendo um filho, uma família – até conseguir isso – foi uma experiência horrível que me serviu de campo de treinamento.

@Verdade: Arrependeu-se de ter “abandonado” o país?

CN: Não! Sempre quis voltar a Moçambique. A minha vontade – e acho que é da maioria das pessoas – era que houvesse, no país, condições para que pudéssemos viver bem e em paz. O meu desejo era de nunca ter saído de Moçambique. Isso não era possível naquela altura. Hoje, temos a paz porque as armas se calaram, mas há muitas carências sociais.

Acredito que mesmo nos dias actuais há pessoas que são obrigadas a partir para a África do Sul a fim de encontrar trabalho. As pessoas têm vontade de regressar, mas, em Moçambique, não encontram melhores condições para viver. Esse, por exemplo, é o meu caso.

Temos menos dignidade

@Verdade: Então, almeja regressar a Moçambique?

CN: Eu nunca quis sair de Moçambique. As circunstâncias é que me forçaram a emigrar.

@Verdade: Neste momento não há condições para retornar?

CN: Eu tenho de criar as minhas condições materiais. É claro que isso acarreta custos e leva o seu tempo. Por aquilo que passei em Portugal sei que todos nós precisamos de, antes de agir, premeditar.

O nosso país é muito bonito – todos sabemos, como também sabemos que neste mundo há muitas rasteiras. Talvez nos dias que correm haja muito mais complicações. É verdade que hoje há melhores condições materiais em Moçambique, mas, na minha opinião, perdemos muito em termos de dignidade.

@Verdade: Como eram os concertos na altura?

CN: O nosso grupo possuía uma forma peculiar de se organizar. Nós éramos uma família auto-suficiente. Não dependíamos de patrocínios. Organizávamos digressões de Maputo a Xai-Xai, Inhambane e Beira. Devido ao contexto de crise nacional em que vivíamos, criámos uma estrutura de trabalho diferente. Não dependíamos de cachês. Tínhamos uma conta bancária do grupo a partir da qual – ao invés de ter um cachê no final de cada espectáculo – pagávamos os salários dos artistas. Portanto, possuímos uma banda com uma estrutura irregular para aquela época. Não sei se, hoje, existem colectividades culturais desta natureza no país. É importante que se comece a pensar nessa forma de trabalhar.

A minha vida estava degradada

@Verdade: O que ditou a sua permanência em Portugal?

CN: Quando parti para Lisboa foi para reforçar a Associação de Sopros – um projeto dos Ghorwane de gravação dum disco ao qual tinha sido convidado – a fim de tocar trombone. Era a terceira viagem que eu fazia para a Europa. Trazia más recordações das viagens anteriores realizadas no âmbito de digressões musicais. Quando cheguei a Portugal, a minha vida estava degradada em Moçambique. Senti que não valia a pena voltar naquela altura, porque não tinha condições sequer para a minha subsistência no país, muito menos para assegurar uma carreira musical.

@Verdade: E decidiu ficar por lá?

CN: Foi isso que me moveu, à semelhança de muito moçambicanos que tiveram de emigrar, para não dizer fugir. Nós estávamos à procura de refúgio. É preciso recordar que o país estava em conflito armado que só interessava aos seus mentores. Essa foi outra razão que me instigou a abandonar o país. Por opção própria, uma expressão de rebeldia, não fui militar. Foi preciso muita coragem para confrontar essa realidade.

@Verdade: Como foi ser estrangeiro, em Portugal, nos primeiros anos?

CN: A minha vida até à adolescência foi passada num Moçambique colonial. Por isso, Portugal não era um país novo nem especial para mim. Quando cheguei encontrei algumas pessoas conhecidas e, por causa delas, a minha integração



Segunda a Sábado às 20h45 - FLOR DO CARIBE



Dom Rafael inventa para Ester que Cassiano fazia parte de uma quadrilha internacional de traficantes. Donato aceita assumir a culpa pelo acidente do casal de turistas no lugar de Hélio. Cassiano fica preso em um desabamento na mina. Quirino ajuda Samuel, que passa mal ao receber uma carta da Alemanha. Dom Rafael ordena aos capangas que procurem por Cassiano na mina. Cassiano consegue fugir. Ester avisa a Quirino sobre a morte de Cassiano. Cassiano decide voltar para buscar Duque. Ester pede a Alberto que preserve a boa imagem de Cassiano, não contando o que aconteceu no Caribe. Olívia pressente a morte de Cassiano ao ver a expressão de Ester e Alberto.

Chico consente que Alberto comunique a morte de Cassiano para a aeronáutica. Chico afirma a Olívia que Cassiano voltará. Cassiano e Duque são pegos pelos capangas de Dom Rafael e presos em uma cela solitária. Samuel desconfia de que há algo que Ester não lhe contou sobre a morte de Cassiano. Alberto paga as dívidas com os salineiros. Duque diz a Cassiano que foi Alberto quem armou contra ele. Cassiano promete se vingar de Alberto. Alberto avisa a Olívia que o comandante da base fará uma homenagem para Cassiano. Ester desmaia durante a homenagem prestada. Ester conta para Taís que está esperando um filho de Cassiano.



Segunda a Sábado às 22h15 - SALVE JORGE



Morena volta para seu quarto apressada. Almir recebe instruções de Helô. Ricardo e a delegada treinam Jô. Sarila reclama de Cyla ter deixado Bianca dançar em seu restaurante. Almir observa Wanda. Morena foge quando começa a sentir contrações. Márcia descobre que Théo se envolveu com Lívia. Morena encontra uma gruta para se abrigar. Esma repreende Ayla por pensar em Bianca. Todos elogiam a dança de Bianca. Morena entra em trabalho de parto. Junior sonha com a mãe e Lucimar fica nervosa. Helô tem um mau pressentimento. Almir e Demir procuram Morena pela vila. Théo envolve Lívia e pergunta pela morte de Jéssica. Stenio ouve Helô falar de Morena e fica intrigado. Nasce a filha de Morena e ela resolve chamá-la de Jéssica. Demir e Almir encontram Morena. Helô vai para Istambul. Lívia decide ir para a Capadócia e Élcio fica sem entender seu comportamento. Lucimar vai com Sheila falar com Ricardo. Almir chega com Morena e a bebezão ao hotel. Lívia confessa para Wanda que está apaixonada por Théo.

Lívia conta para Wanda o que aconteceu entre ela e Théo. Stenio fala para Lívia que Morena está viva. Morena vê Théo na TV e se emociona. Márcia fica furiosa com Théo. Érica fala para Julinha que alugou um apartamento para ela e o capitão. Áurea não se conforma com o jeito de sua nora. Rosângela afirma a Russo que Morena está morta e ele manda prendê-la no depósito. Deborah e Haroldo tentam mediar uma conversa entre Celso e a ex-mulher. Antonia reclama de Carlos não ter se divorciado de Amanda. Ricardo conta para Nunes que Wanda aplicou um golpe nele. Raissa destrata Antonia. Ayla decide resolver seu problema com Bianca. Tamar estranha quando Demir conta que Murat não conheceu a filha de Morena. Cyla fala de Morena para Lívia e Wanda. Russo acredita que Zayah e Demir estão protegendo Morena. Morena reclama de não ter sido informada de que Théo estava em Istambul. Ayla ameaça Bianca. Mustafa manda Demir encontrar Morena. Vanúbia implica com Lurdinha. Delcione não acredita no que Lucimar fala sobre Pescoco. Helô avisa Morena que elas vão voltar para o Brasil juntas.



Segunda a Sábado às 21h45 - GUERRA DOS SEXOS



Os bandidos levam o casal para uma ilha deserta. Dominguinhas faz com que Charlô desconfie novamente dele. Nieta acredita que Dino está se aproximando de sua vizinha e se entristece. Semíramis se condensa por pensar em Dino. Charlô fica confusa com Dominguinhas. Zenon fala para Semíramis que Nando não dormiu em casa. Vânia pede para Ulisses contar para Lucilene sobre seu envolvimento. Carolina se recusa a ir ao casamento de Roberta. Ulisses pede para conversar com Lucilene depois do casamento. Frô pensa em levar a bonequinha russa para a lanchonete. Carolina ouve Nenê falando com Veruska sobre diamantes. Dominguinhas decide voltar para o hotel. Roberta termina de se arrumar para o casamento. Charlô convence Dominguinhas a acompanhá-la ao casamento. Isadora surpreende Ronaldo. Semíramis estranha o atraso de Nando. Charlô deixa Dominguinhas com Vânia. Roberta chega à igreja com Kiko. Charlô confirma com Ulisses que Nando esteve na mansão chamando por Juliana. Roberta se desespera com a notícia do sumiço de seu noivo. Nando e Juliana acordam na ilha deserta e estranham o local.

Juliana acusa Nando de tê-la levado para a mesma ilha que esteve com Analú. Fábio tenta encontrar a noiva. Nando acredita que tudo foi armado pela irmã de Juliana. Analú é acordada por Vânia e descobre que seu plano não deu certo. Semíramis fica perturbada com a proximidade de Dino. Fábio afirma a Roberta que Nando e Juliana fugiram juntos. Ulisses deixa Lucilene sozinha na igreja. Juliana fica com ciúmes do jeito como Nando fala de Roberta. Felipe comemora ao saber que não houve casamento. Charlô conta para Roberta que Nando foi à mansão atrás de Juliana. Analú ouve uma conversa entre Dominguinhas e Olívia e se sente culpada pelo que fez com Nando. Juliana se desespera com a possibilidade de não sair mais da ilha. Roberta chora por causa de Nando. Fábio fala para Felipe que o ex-motorista fugiu com Juliana. Nando e Juliana discutem. Analú briga com Nenê. Felipe procura Nando e Juliana. Roberta reclama de Nando para Charlô.



APRESENTA:

DEBON BY: DOMATO 05 - 02013

Neue-Joint

**DIA 30 DE MARÇO
NO BIG BROTHER**

**HORAS:
DAS 15 ÀS 20**

**CONVIDADOS:
HERNANI | SWEET BOYS | TRIO FAM
MIMÃE | RAINHA DA SUCATA**

ENTRADA: 200MT

APOIO: Logos, BRITHOL, MICHCOMA, DDB, TopSites, TIM, SAT, COM, AJ&C, eVerdade, WIN, imsaqa, G PRO

PRODUÇÃO: G PRO

PATROCÍNIO: mcel

Lazer

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Jacques Morlay, o último grande mestre da ordem dos templários, morreu na fogueira por sentença de Filipe, o Belo, autorizado pelo Papa Clemente V.

Há uma velha historieta que nos conta como um príncipe foi salvo por uma aranha que, durante a noite, fez a sua teia à entrada do covil onde se refugiara e no qual os seus perseguidores não foram procurá-lo, precisamente por temer visto a entrada tapada por uma teia intacta. Ora há um acontecimento histórico que nos permite concluir que uma simples aranha foi a causa de que se pudesse tomar uma importante cidade.

Nos fins do século XVII, quando os soldados franceses sitiaram a cidade holandesa de Utrecht, os habitantes resolveram abrir os diques para impedir a marcha dos sitiantes. Estes iam já levantar o cerco quando o seu general, o conde de Luxemburgo, recebeu um aviso urgente, enviado por um compatriota preso, há algum tempo, numa das fortalezas da praça. Na carta, enviada por intermédio dum carcerário subornado com uma elevada quantia, prevenia-se o general de que, dentro de horas, haveria uma grande baixa de temperatura, a qual deveria dar origem a que gelassem as águas à volta e, por isso mesmo, permitir que o exército francês pudesse entrar em Utrecht. Na verdade, assim aconteceu, porque o general deu ouvidos ao curioso aviso que tivera a seguinte origem: durante as intermináveis e pesadas horas do seu cativeiro, o preso observava constantemente uma aranha, e verificará que esta era sensível em extremo a todas as modificações atmosféricas.

Foi assim que uma aranha foi a inconsciente guia dos exércitos franceses, na tomada de Utrecht, pelos fins do século XVII.

PENSAMENTOS...

- A necessidade é a mestra da vida..
- Atrás de mim virá quem bom me fará.
- Do muito falar, muito azar.
- Muitas vezes a boca não diz o que o coração sente.
- A desgraça não escolhe porta.
- Pelo búfalo pergunta-se aos da frente.
- Uma cobra não se segue até ao buraco; se a seguires procura outras.
- Dizer e fazer não comem à mesma mesa
- Filho de gato mata rato.
- Mais se preocupa o rico com a sua riqueza do que o pobre com a sua pobreza.

SAIBA QUE...

Se salgou demais a comida, basta colocar uma colher ou um garfo de prata que absorverá, sem se estragar, o sal em excesso.

Se o seu cigarro deixou uma marca acastanhada no fato, para a fazer desaparecer esfregue-o com um pouco de açúcar.

O cálario deixa no fundo dos lavabos manchas amarelas. Um frasco de vinagre quente dará à casa de banho o impecável brilho do asseio.

O maior asteróide conhecido, o Ceres, tem aproximadamente o tamanho do território da França.

Para avivar o fogo do carvão de churrasco deita-se uma mistura de serradura e sal grosso. Se estiver quase apagado deita-se por cima um pouco de resina, que ao derreter-se reanimará a chama.

Também se pode utilizar bocados de películas de filmes usados de celulóide. Contudo, é preciso ter-se muita precaução, pois estes produtos são extremamente inflamáveis.

Muitos homens preferem o cinto aos suspensórios. É assim que este acessório masculino já não se usa muito.

Tem-se conhecimento de que os primeiros modelos foram fabricados em 1731.

Não se sabe bem como eram feitos nessa época, mas muitas cidades da França possuíram importantes fábricas deste artigo no começo do século XIX. Afirma-se, no entanto, que os suspensórios eram munidos de uma "mola de aço em espiral" formando um elástico e dando o conforto indispensável ao abdômen dos "gordos" dessa época.

RIR É SAÚDE



Um agente de seguros foi encarregado de informar a esposa dum segurado que este tinha falecido de desastre, tendo-o feito desta maneira:

– Minha senhora, tenho o prazer de a informar que o seu marido acaba de ganhar 500 mil meticais num desastre de automóvel.

A dona de casa apresenta aos seus convidados um senhor que acabara de entrar discretamente na sala:

– Eis o capitão Fritz, o célebre explorador que acaba de chegar da Groenlândia... O oficial inclina-se respeitosamente, um pouco envergonhado. Então, uma senhora de idade aponta-lhe uma cadeira:

– Sente-se ao pé do fogão... Deve vir com muito frio...

Três desmobilizados de guerra contam as proezas que terão vivido durante a guerra:

– Eu – diz o primeiro – uma vez, num cerco a que as nossas forças estavam sujeitas, peguei na espingarda, fiz pontaria à boca dum canhão e disparei. Este explodiu matando todos os seus ocupantes e os que se encontravam a três quilómetros de distância. O segundo, não querendo sentir-se menos heróico, conta:

– Eu vi uma bala de espingarda vir mesmo direitinha a mim. Então, enchi o peito de ar, soprei com toda a força e consegui desviá-la.

Depois os dois voltaram-se para o terceiro, que ouviu, muito calado, as histórias deles:

– Agora conta-nos a tua.

– A minha? Não tenho nenhuma história para contar. Eu, nessa guerra, fui morto.

Cartoon



O Tucano Ecologista

www.oiarte.com

HORÓSCOPO - Previsão de 22.03 a 28.03



carneiro

21 de Março a 20 de Abril



touro

21 de Abril a 20 de Maio



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: O aspeto financeiro poderá constituir um problema para os nativos deste signo. Pense que, com uma boa gestão das suas finanças, poderá ultrapassar esta semana sem preocupações de maior. A partir de quinta-feira a situação começará a melhorar.

Sentimental: Aproveite da melhor maneira todos os momentos que lhe possibilitem gozar a companhia do seu par. Para os que não têm par aconselha-se que, durante esta semana, não se encontram favorecidas, novas relações.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Será uma semana regular em termos financeiros. No entanto, pode ser confrontado com algumas despesas, um pouco inesperadas. Seja prudente com as suas despesas; evite proceder a qualquer tipo de aplicação ou investimento.

Sentimental: A sua relação sentimental merece uma atenção muito especial. Seja mais carinhoso e atencioso com o seu par. Não menospreze as opiniões do seu par e, com um diálogo franco e aberto, poderá inverter a tendência deste aspeto.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Será uma semana muito positiva e tudo o que se relacionar com dinheiro não será motivo de preocupação. Os seus lucros caso trabalhe por conta própria poderão aumentar. Se trabalhar por conta de terceiros um aumento salarial poderá verificar-se.

Sentimental: Este aspeto requer alguma atenção e muita sensibilidade. Não crie problemas onde eles não existem e mantenha a sua confiança no seu par.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: O sector financeiro poderá ser confrontado com alguns problemas. Para o fim da semana poderá sentir um alívio das questões financeiras e uma pequena melhoria na sua própria disposição no que se refere a este aspeto.

Sentimental: Este aspeto poderá ser o seu ponto de equilíbrio. A sua relação será marcada pela compreensão pela parte do seu par e essa ajuda minimizará os outros aspetos menos favoráveis.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Não se pode considerar que atravessa um momento muito favorável. Deverá gerir bem o seu capital. Para o fim da semana a tendência é para uma ligeira melhoria.

Sentimental: É neste aspeto que encontrará a paz e a harmonia tão necessária. O entendimento com o seu par é quase perfeito e com um pouco de imaginação poderá tornar este aspeto francamente agradável e relaxante.



todos os dias

www.verdade.co.mz

twitter.com/verdademz

facebook.com/JornalVerdade



Seja o primeiro a saber. Receba as notícias **d'Verdade** no telemóvel.
Envie um **SMS** para o número **8440404** com o texto
Siga verdademz

(Para deixar de receber envie PARAR verdademz para o mesmo número)

